UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE TECNOLOGIA E GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOCIÊNCIAS

RENATA JULIANA ARRUDA MAIA

OSTRACODES BATIAIS DO PLEISTOCENO-HOLOCENO DO CONE DO RIO GRANDE, BACIA DE PELOTAS, BRASIL

Recife
2021

RENATA JULIANA ARRUDA MAIA

OSTRACODES BATIAIS DO PLEISTOCENO-HOLOCENO DO CONE DO RIO GRANDE, BACIA DE PELOTAS, BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geociências do Centro de Tecnologia e Geociências da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geociências. Área de concentração: Geologia Sedimentar e Ambiental.

Orientadora: Profª. Drª. Enelise Katia Piovesan

Coorientador: Prof. Dr. Cristianini Trescastro Bergue

Recife

2021

Catalogação na fonte
Bibliotecária Maria Luiza de Moura Ferreira, CRB-4 / 1469

M217o Maia, Renata Juliana Arruda.
Ostracodes Batiais do Pleistoceno-Holoceno do cone do Rio Grande, Bacia de Pelotas, Brasil / Renata Juliana Arruda Maia. - 2021.
102 folhas, il. e abr.

Orientadora: Profª. Drª. Enelise Katia Piovesan.
Coorientador: Prof. Dr. Cristianini Trescastro Bergue.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CTG. Programa de Pós-Graduação em Geociências, 2021.
Inclui referências e Apêndice.

1. Geociências. 2. Ostracoda. 3. Foraminifera. 4. Taxonomia. 5. Paleoambiente. 6. Atlântico Sul. 7. Quaternário. I. Piovesan, Enelise Katia (Orientadora). II. Bergue, Cristianini Trescastro (Coorientador). III. Título.

UFPE

551 CDD (22. ed.) BCTG/2021-231

RENATA JULIANA ARRUDA MAIA

OSTRACODES BATIAIS DO PLEISTOCENO-HOLOCENO DO CONE DO RIO GRANDE, BACIA DE PELOTAS, BRASIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geociências da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geociências. Área de Concentração: Geologia Sedimentar e Ambiental.

Aprovada em: 08/07/2021

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Enelise Katia Piovesan (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Claus Fallgatter (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profª. Drª. Maria Inês Feijó Ramos (Examinadora Externa)
Museu Paraense Emílio Goeldi/MCTI

Dedico esse trabalho ao meu irmão Tiago Maia, por ter me apresentado aos fascínios da Geologia e por ser minha primeira inspiração como cientista.

AGRADECIMENTOS

A Deus.

À minha mãe, por ser minha amiga, protetora e orientadora de vida. Aos meus irmãos, pelos valiosos conselhos e pelas horas de conversas e sorrisos que fazem os meus dias serem mais leves e fáceis de serem vividos. Ao meu pai, que mesmo distante, se engrandece tanto com as minhas pequenas realizações. Aos meus sogros, aos quais tenho enorme respeito e dedicação, sou grata por todo carinho e amor recebidos. E a minha esposa que escolheu estar ao meu lado, sendo a minha parceira nessa vida, até mesmo quando estivemos ausentes uma com a outra. Obrigada por vivenciar as minhas conquistas, me apoiando e, sobretudo, me encorajando na concretização de meus sonhos.

Aos meus amigos de laboratório que foram um presente recebido durante esses anos de mestrado. Sou grata a todos pelas acolhidas diárias, muitas conversas, cafés, sorrisos, cantorias e, principalmente, por me permitirem experenciar amizades verdadeiras e enriquecedoras. É um prazer enorme poder compartilhar a minha vida com todos vocês.

À minha orientadora, professora Katia Piovesan, por ter me apresentado ao mundo da Micropaleontologia e por ser uma inspiração como mulher, como professora e como pesquisadora. Obrigada por acreditar em meu trabalho e por me proporcionar experiências únicas na ciência.

Ao meu coorientador, professor Cristianini Bergue, pela dedicação com o meu aprendizado, pelos conselhos valiosos e pela gentileza de todos os dias. A sua experiência e carreira são inspiradoras.

Aos pesquisadores Robbyson Melo e Geise Zerfass por terem compartilhado o seu tempo e conhecimento tão preciosos durante a realização dessa pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geociências da UFPE, ao CNPq pela concessão da bolsa e a PETROBRAS e a Universidade Católica do Rio Grande do Sul pela concessão das amostras para a realização desse estudo.

RESUMO

Ostracodes constituem um grupo de artrópodes bivalves, de tamanho diminuto, dotados de uma carapaça predominantemente carbonática composta por duas valvas articuladas na região dorsal. Possuem hábito essencialmente aquático, podendo ser encontrados em ambientes marinhos, não marinhos e de transição. O estudo das valvas e carapaças preservadas no registro fóssil abrange principalmente pesquisas de cunho sistemático, bioestratigráfico, paleoecológico e paleozoogeográfico. Para a realização desse trabalho, foram estudadas 87 amostras provenientes de cinco *piston cores,* do Cone do Rio Grande, Bacia de Pelotas, Brasil. A Bacia de Pelotas está localizada no extremo sul da margem brasileira, com aproximadamente 210.000 km^2, sendo limitada ao norte pelo Alto Florianópolis, no estado de Santa Catarina, e ao sul pelo Alto Polônio, no Uruguai. A metodologia incluiu a pesagem, lavagem, secagem e triagem das amostras, seguida de imageamento, identificação taxonômica dos espécimes coletados e interpretação dos dados. Um total de 22 gêneros e 32 espécies foram identificadas, revelando uma fauna batial de ostracodes, com dominância dos gêneros *Apatihowella, Cytheropteron* e *Cytherella*, intercalada a uma fauna nerítica alóctone, com dominância do gênero *Cativella. Eucytherura fossapunctata* foi descrita como uma nova espécie. A ocorrência geográfica das espécies *Krithe hunti*, *Poseidonamicus hisayoae* e *Pectocythere magellanensis* foi estendida para a margem sul do Brasil. A análise bioestratigráfica adicional dos foraminíferos planctônicos posicionou as amostras estudadas nas Biozonas Z e Y, correspondentes ao intervalo Pleistoceno–Holoceno. Parte dos táxons recuperados foram relacionados a um ambiente de escape de gás, sendo pertencentes a uma comunidade quimiossintética. Os ostracodes *Paracytherois, Cytheropteron, Cytherella, Macropyxis, Krithe hunti, Krithe reversa, Henryhowella asperrima, Eucytherura fossapunctata, Rimacytheropteron longipunctatum, Apatihowella bernardi* e *Apatihowella convexa* e os foraminíferos *Bolivina, Bulimina, Nonion, Nonionellina, Oridorsalis, Uvigerina*, *Epistominella* e *Cassidulina* estão relacionados a hidratos de gás e ao ambiente eutrófico-mesotrófico em uma condição disóxica-anóxica.

Palavras-chave: Ostracoda; Foraminifera; taxonomia; paleoambiente; Atlântico sul; Quaternário.

ABSTRACT

Ostracods constitute a group of bivalve arthropods, of small size, endowed with a predominantly carbonated carapace composed of two valves articulated in the dorsal region. They have an essentially aquatic habit and can be found in marine, non-marine and transitional environments. The study of valves and carapace preserved in the fossil record mainly includes systematic, biostratigraphic, paleoecological and paleozoogeographic research. To carry out this work, 87 samples from five *piston cores*, from the Rio Grande Cone, Pelotas Basin, Brazil, were studied. The Pelotas Basin is located in the extreme south of the brazilian margin, with approximately 210,000 km^2, being limited to the north by Alto Florianópolis, in the state of Santa Catarina, and to the south by Alto Polônio, in Uruguay. The methodology included weighing, washing, drying and screening the samples, followed by imaging, taxonomic identification of the collected specimens and data interpretation. A total of 22 genera and 32 species were identified, revealing a bathyal fauna of ostracods, with dominance of the genera *Apatihowella, Cytheropteron* and *Cytherella*, interspersed with an allochthonous neritic fauna, with dominance of the genus *Cativella*. *Eucytherura fossapunctata* was described as a new species. The geographic occurrence of the species *Krithe hunti, Poseidonamicus hisayoae* and *Pectocythere magellanensis* was extended to the southern margin of Brazil. Additional biostratigraphic analysis of planktic foraminifera placed the studied samples in Biozones Z and Y, corresponding to the Pleistocene–Holocene interval. Part of the recovered taxa were related to a gas escape environment, belonging to a chemosynthetic community. The ostracods *Paracytherois, Cytheropteron, Cytherella, Macropyxis, Krithe hunti, Krithe reversa, Henryhowella asperrima, Eucytherura fossapunctata, Rimacytheropteron longipunctatum, Apatihowella bernardi* and *Apatihowella convexa* and the foraminifera *Bolivina, Bulimina, Nonion, Nonionellina, Oridorsalis, Uvigerina*, *Epistominella* and *Cassidulina* are related with gas hydrates and the eutrophic-mesotrophic environment in a disoxic-anoxic condition.

Keywords: Ostracoda; Foraminifera; taxonomy; paleoenvironment; south Atlantic; Quaternary.

LISTA DE FIGURAS

DISSERTAÇÃO

ARTIGO

LISTA DE ABREVIATURAS

C	Carapaça
LV	Valva esquerda
RV	Valva direita
L	Largura
H	Altura
W	Comprimento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi desenvolvida conforme as normas do Programa de Pós-graduação em Geociências da UFPE e se apresenta na forma de dois artigos científicos, os quais foram submetidos às revistas indexadas: *Revue de Micropaléontologie* e *Micropaleontology*.

O subtópico 1.1 da Introdução apresenta uma breve revisão sobre a Subclasse Ostracoda, incluindo os aspectos referentes aos caracteres morfológicos, à classificação sistemática, à origem e evolução dos ostracodes e às aplicações do grupo nas áreas da tafonomia, bioestratigrafia, paleoclimatologia, paleoceanografia e paleobiogeografia. O subtópico 1.2 apresenta um breve histórico sobre as pesquisas com ostracodes e foraminíferos ocorridas na Bacia de Pelotas. Ao final, no subtópico 1.3, são apresentados o objetivo geral e os específicos do trabalho.

O tópico 2 compreende a caracterização da área de estudo, ressaltando aspectos referentes ao contexto geológico e a estratigrafia da Bacia de Pelotas, com apresentação da carta estratigráfica, além de dados sobre a província de gás do Cone do Rio Grande. O tópico 3 apresenta o material estudado e os métodos empregados durante a execução desse trabalho.

O tópico 4 apresenta os Resultados e Discussões da dissertação na forma de artigos. O primeiro artigo, já publicado e apresentado no APÊNDICE A, aborda a taxonomia dos ostracodes batiais do Pleistoceno da Bacia de Pelotas. O segundo artigo, apresenta a assembleia de ostracodes e foraminíferos Quaternários, além de abordagem bioestratigráfica, baseada em foraminíferos planctônicos, da identificação do paleoambiente batial e da compreensão das relações dos microfósseis estudados com ambientes de hidratos de gás e comunidades quimiossintéticas do Cone do Rio Grande, Bacia de Pelotas.

Por fim, no tópico 5, têm-se as conclusões do trabalho.

1.1 GENERALIDADES DOS OSTRACODES

Os ostracodes constituem um grupo de artrópodes bivalves sem linhas de crescimento, com até 8 pares de apêndices, além de membros copulatórios e uma furca. Os adultos apresentam tamanho que varia, na maioria dos táxons, entre 0,2 e

2 mm. Durante o ciclo de vida, até atingir a fase adulta, ocorrem as fases juvenis, que geralmente totalizam oito estágios ontogenéticos e são caracterizadas por crescimento descontínuo através de mudas (HORNE, 2005; BERGUE, 2006; RODRIGUEZ-LAZARO e RUIZ-MUÑOZ, 2012). Para que ocorram as mudas, a carapaça antiga deverá ser substituída por uma nova, produzida através de células epidérmicas da lamela externa e pela parte periférica da lamela interna, que precipitam quitina e carbonato de cálcio (MORKHORVEN, 1962; ARMSTRONG e BRASIER, 2005). Os ostracodes possuem um habitat essencialmente aquático, podendo ser encontrados em ambientes marinhos, não marinhos e de transição (HORNE, 2005; BERGUE, 2006). Há também registros de espécies que habitam águas de bromélias e utilizam o corpo de anfíbios, lagartos e mamíferos para a dispersão e colonização de outras plantas (LOPEZ et al., 2002; 2005).

Liebau (2005) classificou os ostracodes como pertencentes a Subclasse Ostracoda, e os incluiu na Classe Maxillopoda e no Filo Crustacea. Nessa classificação, duas superordens constituem o grupo: Myodocopomorpha e Podocopomorpha. Diferentemente, Horne (2005) incluiu os ostracodes na Classe Ostracoda e subdividiu o grupo em duas Subclasses: Myodocopa e Podocopa. As estruturas morfológicas de representantes dessas subclasses sugerem que os podocopídeos apresentam maior afinidade com grupos basais do Cambriano e que os miodocopídeos teriam surgido mais tarde, a partir de representantes do Paleozoico, período Siluriano. Atualmente, representantes da Subclasse Podocopa incluem a maioria das formas viventes e amplo registro fóssil (ARMSTRONG e BRASIER, 2005). De acordo com Horne (2002; 2005) os ostracodes quaternários estão agrupados em 10 subordens e 16 superfamílias. Os critérios para a classificação nessas categorias estão baseados na identificação e análises morfológicas das partes moles, que incluem apêndices e as estruturas internas, e das partes duras, que incluem as valvas calcificadas.

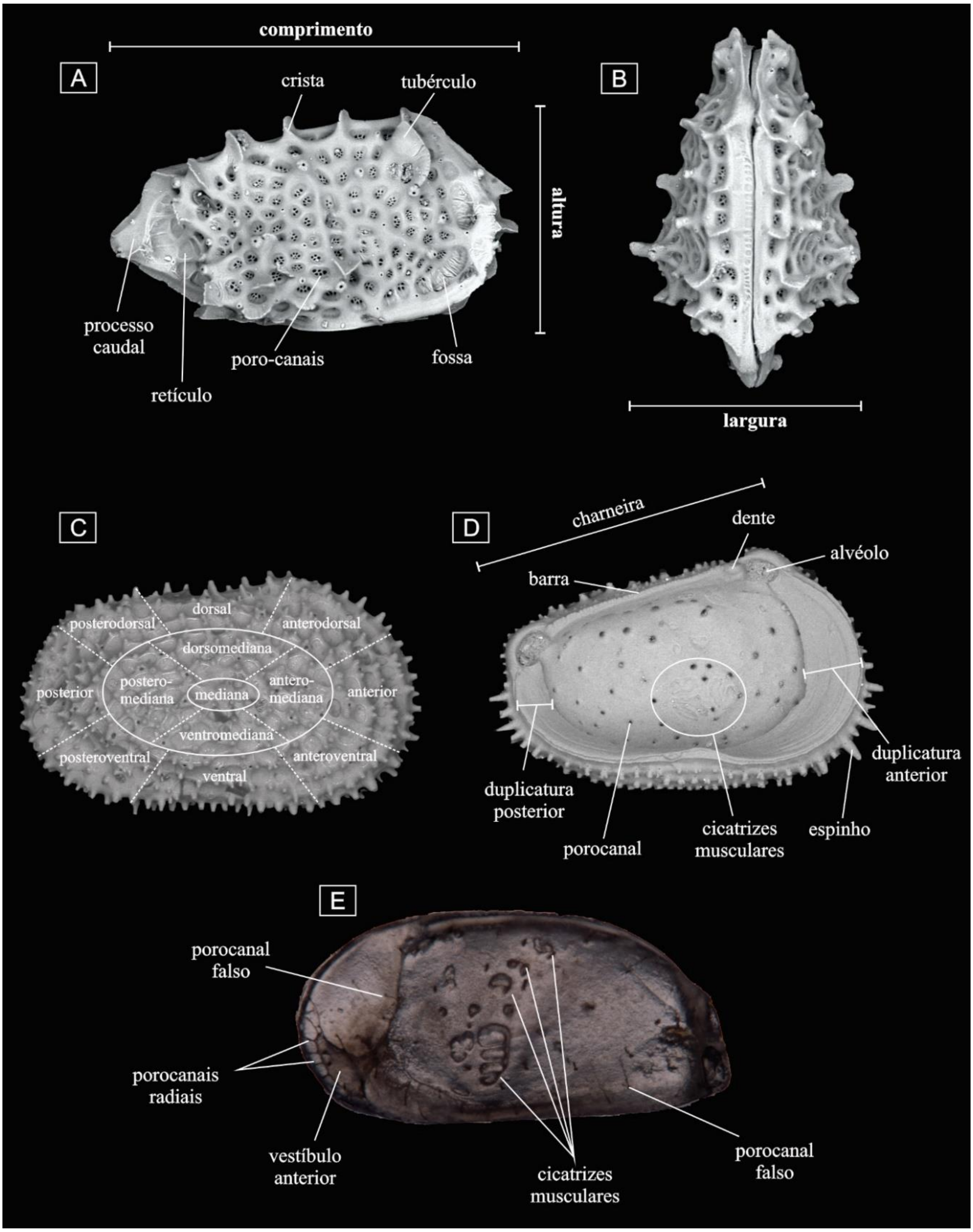
Aproximadamente, 30.000 espécies vivas e 65.000 espécies fósseis de ostracodes já foram descritas. O conteúdo fossilífero inclui táxons do Ordoviano ao presente, sendo considerado o mais completo registro paleontológico para os artrópodes, com cerca de 450 milhões de anos (RODRIGUEZ-LAZARO e RUIZ-MUÑOZ, 2012; BRUSCA et al., 2018). Os registros mais antigos remetem a primeira grande radiação dos ostracodes durante o início do Ordoviciano, com o evento de transgressão global, caracterizado por grande diversidade de gêneros de

Palaeocopida. A redução da diversidade e extinção da ordem ocorreu apenas no Permiano. Ao longo do tempo, a diversidade de ostracodes foi se modificando, com o surgimento e a diversificação de representantes das ordens Myodocopa e Podocopa. Os últimos dominaram as assembleias bentônicas durante o Triássico. O final do Jurássico e o início do Cretáceo, marcados pela expansão de ambientes não marinhos, registraram faunas ricas de ostracodes não-marinhos. O final do Cretáceo foi caracterizado pelo declínio dos ostracodes marinhos. No Cenozoico, durante o Pleistoceno, as assembleias apresentaram um aumento na diversidade, com o surgimento de táxons recentes (ARMSTRONG e BRASIER, 2005).

A morfologia dos ostracodes pode ser dividida em partes moles e partes duras. A primeira inclui os apêndices e a genitália, e a segunda, a carapaça (BERGUE, 2010). Internamente, o corpo divide-se em cabeça e tronco, não havendo distinção entre tórax e abdome (BRUSCA et al., 2018). Localizados na cabeça encontram-se as antênulas, antenas, mandíbulas e maxilas, enquanto no tronco encontram-se as patas, os membros copulatórios e a furca, na extremidade posterior (BENSON et al., 1961; MORKHORVEN, 1962; ARMSTRONG e BRASIER, 2005). As antenas são adaptadas para a natação, caminhada ou escalada e apresentam exopodito desenvolvido e dotado de cerdas natatórias (BENSON et al., 1961; RODRIGUEZ-LAZARO e RUIZ-MUÑOZ, 2012). A região interna da valva é caracterizada pela presença das lamelas (externa e interna), que correspondem a uma fina camada quitinosa da parede do corpo, e das duplicaturas, duas dobras laterais da epiderme, que se formam a partir de uma parte calcificada da lamela que se dobra sobre si mesma. O espaço entre as lamelas constitui o vestíbulo (MORKHORVEN, 1962; ARMSTRONG e BRASIER, 2005).

O estudo da carapaça dos ostracodes baseia-se em caracteres morfológicos (Figura 1), como o contorno, as dimensões e ornamentação, a estrutura da charneira e a identificação das cicatrizes musculares, os quais auxiliam na descrição, classificação e identificação do grupo (MORKHORVEN, 1962; RODRIGUEZ-LAZARO e RUIZ-MUÑOZ, 2012).

Figura 1 - Morfologia geral dos ostracodes. **A.** *Eucytherura fossapunctata* Maia et al., 2021, valva direita, vista externa; **B.** *Eucytherura fossapunctata*, carapaça, vista dorsal; **C.** *Henryhowella asperrima* Reuss, 1850, valva direita, vista lateral, **D.** *Apatihowella convexa* Bergue et al., 2016; valva esquerda, vista interna; **E.** *Krithe hunti* Yasuhara et al., 2014, valva direita, vista interna.



Fonte: A autora (2021)

A carapaça é uma estrutura formada por duas valvas parcialmente unidades pela região dorsal, através de uma estrutura chamada de charneira. Como regra, a valva esquerda é maior e sobrepõe a valva direita. Porém, em alguns gêneros, como *Cypridea* Bosquet, 1852*, Darwinula* Brady and Robertson, 1885 e *Cypridopsis* Brady, 1867*,* a sobreposição é inversa, sendo a valva direita maior e sobreposta a esquerda. Músculos adutores ligam-se à região central das valvas, fechando-as. A localização desses músculos é marcada externamente pelo tubérculo subcentral e internamente por um sulco, constituindo as cicatrizes adutoras, as quais são utilizadas como critério morfológico para identificação das famílias dos ostracodes (BENSON et al., 1961; MORKHORVEN, 1962; ARMSTRONG e BRASIER, 2005; RODRIGUEZ-LAZARO e RUIZ-MUÑOZ, 2012). Também pode ser observada a cicatriz frontal, decorrente da inserção dos músculos mandibulares na carapaça, e duas cicatrizes mandibulares, relacionadas com a fixação de hastes que apoiam as mandíbulas. (ARMSTRONG e BRASIER, 2005). As charneiras são constituídas de dentes, sulcos, barra e alvéolos. Esses componentes estruturais são complementares entre as duas valvas. (MORKHORVEN, 1962; ARMSTRONG e BRASIER, 2005). Charneiras mais fracas, com componentes estruturais reduzidos são típicas de espécies natantes. Já as charneiras com componentes estruturais robustos são adaptações para as espécies que rastejam ao longo dos sedimentos de fundo e estão suscetíveis a sobrecargas no ambiente (MORKHORVEN, 1962).

Externamente, as valvas podem apresentar a superfície com morfologia variável, podendo ser lisas ou ornamentadas. As valvas ornamentadas podem apresentar reticulações, espinhos, pontuações, estrias, tubérculos, cristas, dentículos, entre outros. Esses caracteres morfológicos são amplamente utilizados para a diagnose e identificação das espécies (MORKHORVEN, 1962; RODRIGUEZ-LAZARO e RUIZ-MUÑOZ, 2012). Um tipo peculiar de ornamentação pode ocorrer por influência de fatores ecofenotípicos, na qual modificações no ambiente, tais como mudanças na salinidade, podem levar a formação de estruturas morfológicas na superfície das valvas e, frequentemente, induzindo a um maior polimorfismo interespecífico (HARTMANN, 1982; REYMENT et al., 1988; ARMSTRONG e BRASIER, 2005). Uma identificação taxonômica que desconsidere a influência desses fatores, sem a distinção das características mediadas por mudanças ambientais daquelas que apresentam valor adaptativo para as espécies, pode gerar erros relativos ao enquadramento sistemático e filogenético do grupo. As ornamentações também podem revelar adaptações a ambientes específicos, como demonstrado por Yasuhara et al., 2018 ao sugerirem que as valvas de *Rosaliella svalbardensis* Yasuhara et al., 2018, dotadas de aglomerados de poros, reticulação secundária e aglomerados de fossas, estão associadas à ectossimbiose com bactérias quimioautotróficas em ambiente com infiltração de metano.

Os ostracodes podem ser dióicos e apresentar dimorfismo sexual. Machos e fêmeas normalmente secretam valvas de diferentes formas e tamanhos. A diferenciação dos sexos pode ser constatada também através de uma análise nas carapaças dos espécimes, nas quais as fêmeas podem apresentar uma região posterior mais inflada e serem mais curtas e os machos podem ser mais alongados e estreitos. Durante a cópula no processo de reprodução sexuada, os espermatozoides são depositados nas fêmeas, o que resulta na fertilização dos ovos. A reprodução também pode ocorrer através da partenogênese, evento relativamente comum em espécies de água doce. Após a fertilização, os ovos podem permanecer armazenados em uma cavidade interna do corpo da fêmea até a eclosão das formas juvenis, podendo também ser depositados diretamente no ambiente (HORNE, 2005; ARMSTRONG e BRASIER, 2005).

A mudança da profundidade em ambientes marinhos altera diversos fatores ecológicos, tais como a temperatura da água, a salinidade e a concentração de oxigênio, que atuam na distribuição e diversidade dos ostracodes. Por serem sensíveis às mudanças ambientais, os ostracodes são considerados indicadores das condições do fundo do mar. Os estudos sobre a distribuição geográfica das assembleias batiais fossilíferas são capazes de identificar os diferentes ambientes bentônicos, além das massas de água profundas que atuaram no passado (ARMSTRONG e BRASIER, 2005).

A aplicação dos ostracodes na Micropaleontologia inclui pesquisas relacionadas à interpretação de sequências deposicionais marinhas e não marinhas, de processos tafonômicos, bioestratigráficos, paleoclimáticos, paleoceanográficos e paleobiogeográficos. A identificação genérica e supragenérica dos espécimes fornece dados iniciais sobre o ambiente de deposição. Porém, para que sejam obtidos parâmetros mais confiáveis sobre os paleoambientes, incluindo informações sobre mudanças no nível do mar, com a identificação de transgressões e regressões marinhas, mudanças na temperatura da água e na salinidade, por exemplo, faz-se necessário determinar os componentes autóctones e alóctones da assembleia

(BOOMER et al., 2003). Devido ao transporte, a fauna alóctone reflete mais frequentemente os aspectos sedimentológicos de um ambiente em detrimento dos aspectos biológicos das espécies (VAN HARTEN, 1986). A determinação dos componentes autóctones e alóctones baseia-se na análise da estrutura da população, o que inclui a identificação das preferências ecológicas dos táxons, somados aos estudos sobres as proporções entre os indivíduos juvenis e adultos, bem como a proporção de fêmeas e machos e o estado de preservação das valvas e carapaças recuperadas na assembleia (VAN HARTEN, 1986; BOOMER et al., 2003). Ao final, todos os dados obtidos devem ser correlacionados e um modelo paleoambiental da área estudada poderá ser construído.

1.2 HISTÓRICO DAS PRINCIPAIS PESQUISAS SOBRE OSTRACODES E FORAMINÍFEROS NA BACIA DE PELOTAS

As primeiras pesquisas sobre os ostracodes da Bacia de Pelotas foram desenvolvidas por Sanguinetti (1979; 1980) e Sanguinetti et al. (1991; 1992; 1993) que analisaram os aspectos taxonômicos e bioestratigráficos de assembleias do Mioceno e do Pós-Mioceno da bacia. Análises de cunho paleoceanográfico baseadas em espécies de ostracodes Neógenos também foram realizadas e apresentadas posteriormente em pesquisas de Carreño et al. (1997; 1999). Somado a estes trabalhos, Manica et al. (2015) e Manica e Coimbra (2016) desenvolveram estudos com ênfase nos aspectos taxonômicos e zoogeográficos dos ostracodes do Mioceno Inferior e Maia et al. (2021) apresentou a fauna batial do Pleistoceno Superior. Esse trabalho constitui um dos resultados da presente dissertação.

Relativo aos foraminíferos planctônicos da seção Quaternária da Bacia de Pelotas, destacamos os trabalhos de Carvalho (1980); Rodrigues e Carvalho (1980); Vicalvi (1997; 2011a, b, c, d); Coimbra et al. (2009); Petró et al. al. (2018) os quais realizaram uma abordaram sobre a bioestratigrafia dos foraminíferos planctônicos e o estabelecimento do zoneamento paleoclimático para a bacia.

Estudos sobre os foraminíferos bentônicos também foram realizados, porém em menores proporções quando comparados ao grupo anterior. Podemos destacar os trabalhos de Boltovskoy (1959); Closs e Barberena (1962); Madeira-Falceta (1974); Sprechmann (1978); Carvalho (1980) e Wilson et al. (2020) relacionados a táxons principalmente de ambientes lagunares e de plataforma no sul do Brasil.

1.3 OBJETIVOS

Os objetivos dessa dissertação encontram-se dispostos em dois subtópicos apresentados a seguir:

1.3.1 Objetivo Geral

Realizar um estudo taxonômico da fauna de ostracodes batiais do Pleistoceno–Holoceno da Bacia de Pelotas, bem como realizar inferências paleoambientais com base nas assembleias de ostracodes neríticos e batiais e foraminíferos recuperadas, a fim de ampliar o conhecimento sobre estes grupos de microfósseis na região do Atlântico Sul.

1.3.2 Objetivos Específicos

- Identificar e classificar taxonomicamente os espécimes de ostracodes e foraminíferos com base na bibliografia especializada.
- Realizar uma análise bioestratigráfica dos foraminíferos planctônicos a fim de posicionar as amostras estudadas em biozonas correspondentes a um intervalo cronoestratigráfico.
- Analisar aspectos paleoautoecológicos dos ostracodes e dos foraminíferos recuperados nas amostras, com a finalidade de estabelecer uma interpretação paleoambiental e de compreender a relação da assembleia estudada com os ambientes de hidratos gasosos da Bacia de Pelotas.

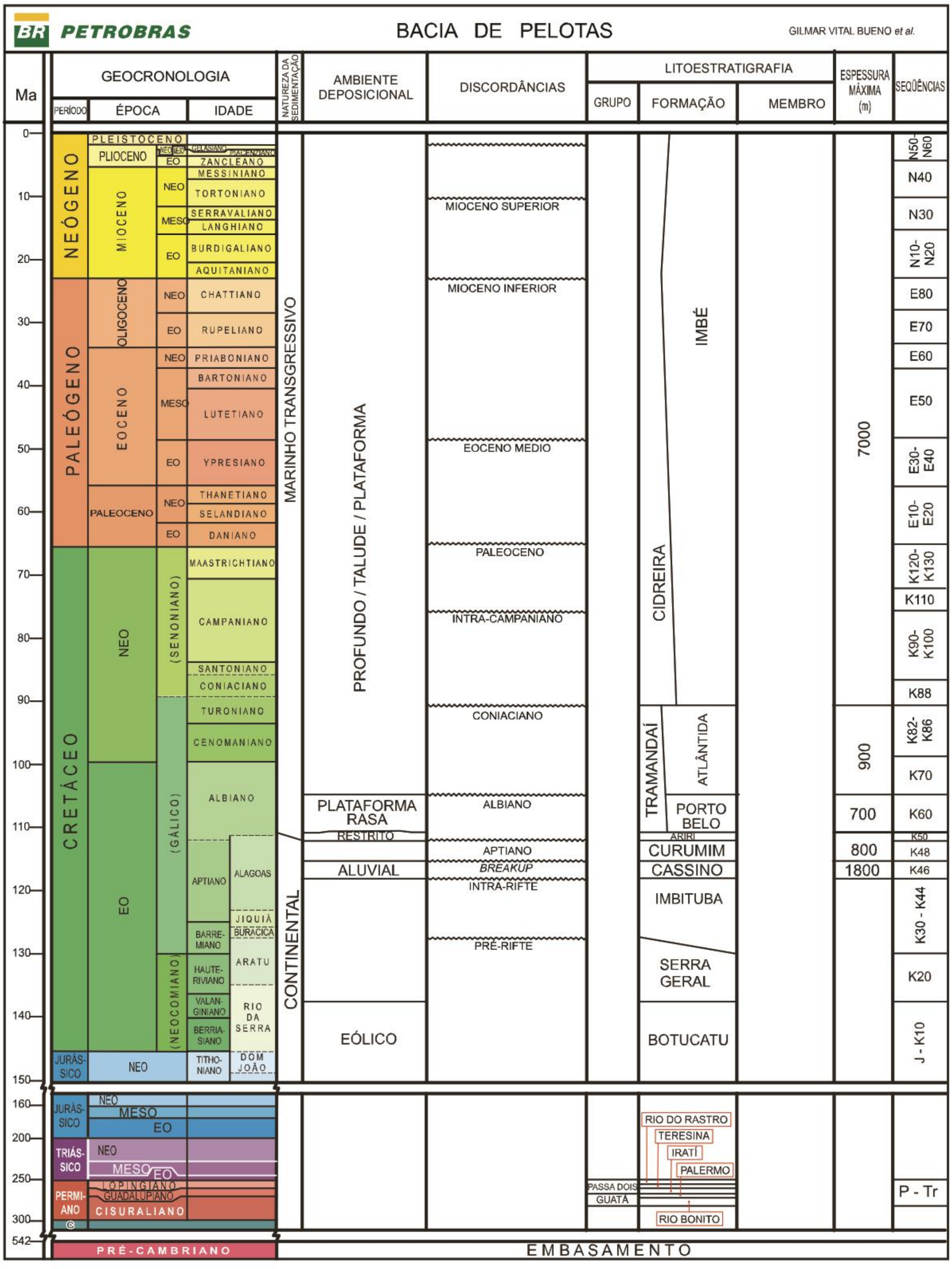
2 ÁREA DE ESTUDO

Á área de estudo está localizada no Cone do Rio Grande, Bacia de Pelotas, e corresponde a uma cunha sedimentar formada através do aporte contínuo e crescente de material terrestre proveniente das drenagens do Rio da Prata e Planalto Rio Grande do Sul, associado a deposições de sedimentos do delta ao sul e depósitos do Sistema Lagunar de Patos (MARTINS, 1983, BUENO et al., 2007). A Bacia de Pelotas, localizada no extremo sul do Brasil, é uma bacia de margem passiva, com depósitos de rochas sedimentares transgressivos do Aptiano e um intervalo regressivo superior, no Holoceno. Originada através do processo de rifteamento que separou o supercontinente Gondwana e originou o oceano Atlântico Sul, esta bacia apresenta um tamanho de aproximadamente 210.000 km^2. Seus limites são ao norte o Alto de Florianópolis, Santa Catarina, e ao sul, a Alta Floresta do Uruguai (BUENO et al., 2007).

A Bacia de Pelotas repousa a sudoeste sobre o cinturão Dom Feliciano constituído por rochas metamórficas de baixo grau, tais como filitos, xistos, quartzitos e mármores, além de granitos e migmatitos cobertos por uma sequência molássica afetada por vulcanismo. No centro do cinturão ocorre o Batólito de Pelotas, cuja origem se deu entre 850 e 450 Ma (VILLWOCK e TOMAZELLI, 1995). Após o ciclo orogênico Brasiliano-Pan Africano, ocorreu o resfriamento e a subsidência térmica da crosta continental. Esses eventos originaram as sequências vulcano-sedimentares da Bacia do Paraná, a qual atua como um embasamento para a Bacia de Pelotas e como área fonte de sedimentação clástica (ZALÁN et al., 1990; BUENO et al., 2007). As demais formações geológicas da Bacia de Pelotas ocorreram em cinco estágios ou supersequências, sendo elas: a supersequência Paleozoica-Mesozoica, a supersequência Pré-rift, a supersequência Rift a supersequência Pós-rift e a supersequência Drifte (BUENO et al., 2007). A carta estratigráfica da bacia encontra-se apresentada na Figura 2.

A Supersequência Paleozoica-Mesozoica (estágio pré-rift) é constituída pelas Formações Rio Bonito, Palermo e Irati, depositadas em ambiente marinho e pertencentes ao Grupo Guatá; na parte superior, pelas Formações Teresina e Rio Rastro, depositadas em ambiente fluvio-lacustre e de maré e pertencentes ao Grupo Passa Dois; e pela Formação Botucatu, formada por arenitos de antigos campos de dunas em toda a extensão da sinéclise do Paraná. As Formações Rio Bonito, Palermo, Irati, Teresina e Rio Rastro foram formadas entre o Permiano e o Triássico, e a Formação Botucatu entre o Jurássico e o Cretáceo (MILANI et al., 1994; BUENO et al., 2007).

Figura 2 – Carta estratigráfica das Bacia de Pelotas.



Fonte: Bueno et al., (2007, p. 557).

A Supersequência Pré-rift (estágio pré-rift - Eocretáceo) é constituída por derrames basálticos da Formação Serra Geral. O basalto corresponde às manifestações magmáticas no estágio de pré-ruptura da Gondwana ou estágio inicial de rifteamento. Estes estão rotacionados e em contado discordante às rochas da supersequência anterior (MILANI et al., 1994; BUENO et al., 2007).

A Supersequência Rift (estágio rift - Barremiano ao Aptiano) é representada por basaltos da Formação Imbituba (rift I) e pela Formação Cassino (rift II) constituída por sedimentos clásticos grossos e finos, além de conglomerados, diamictitos e siltitos que preenchem uma associação de meio-grábens, assimétricos e antitéticos. Esses depósitos são indicativos de ambientes de leques aluviais progradantes da borda flexural em direção a depósitos centrais de ambientes lacustres (BUENO et al., 2007).

A Supersequência Pós-rift (estágio pós-rift - Neoaptiano) corresponde ao estágio de subsidência térmica flexural pós-rifte da bacia, produzido pelo resfriamento e contração termal da crosta oceânica, sendo representado por basaltos, andesitos e traquiandesitos cinza-esverdeado da Formação Curumim (DIAS et al., 1994; BUENO et al., 2007) Caracterizando uma discordância, tem-se de forma sobrejacente a Formação Curumim, os evaporitos da Formação Ariri e as rochas carbonáticas da Formação Portobelo. Ao norte da bacia existem sedimentos de arenitos marinhos e carbonatos no topo, sugerindo uma deposição inicial lacustre com transição para um ambiente marinho (BUENO et al., 2007).

A Supersequência Drifte (estágio drifte - Neoaptiano ao Neógeno) encontra-se dividida em três fases, sendo elas: a fase inicial, a fase intermediária e a fase final. A fase inicial, que ocorreu no Albiano, é representada por uma sequência plataformal de depósitos carbonáticos e siliciclásticos, da Formação Portobelo, que em direção ao continente interdigita-se com arenitos da Formação Tramandaí e, em direção à bacia, gradam para calcilutitos. O contato da parte inferior dessa sequência ora ocorre em concordância com os finos depósitos evaporíticos de anidrita e carbonatos da Formação Ariri, e ora em discordância com as rochas vulcânicas da Formação Curumim. Na parte superior, o contato é discordante em relação aos pelitos da Formação Atlântida (BUENO et al., 2007).

A fase intermediária, que ocorreu do Albiano ao Oligoceno, representa um período transgressivo marcado pela espessa camada de pelitos da Formação Atlântida, que recobre de forma discordante os carbonatos da Formação Portobelo; margas e siltitos interdigitam-se com os arenitos da Formação Tramandaí. Essas camadas representam um ambiente marinho raso, que sofreu a transgressão. A partir dessa sequência, como ocorrido no Paleoceno, verifica-se a alternância maior de transgressões e regressões, com erosões intercaladas a eventos transgressivos. Até o Holoceno, o ambiente modifica-se de costeiro para leques de clásticos grossos e finos da Formação Cidreira. Em direção à bacia, os depósitos dessa formação interdigitam-se com folhelhos e siltitos cinza-esverdeados da Formação Imbé. Há também camadas de arenitos turbidíticos, indicando se tratar de deposição em ambientes marinhos profundos, com plataforma externa, talude e bacia (BUENO et al., 2007).

Constituída por uma cunha sedimentar regressiva no Neógeno, a fase final é representada por siltitos e arenitos finos da Formação Cidreira que progradam sobre os pelitos da Formação Imbé. O aporte contínuo e crescente de sedimentos originou uma feição conhecida como o Cone do Rio Grande (MARTINS et al., 1972; BUENO et al., 2007). Considerado o principal depocentro da Bacia de Pelotas, o Cone do Rio Grande corresponde a um tipo de feição localizada nos taludes e sopés das margens continentais do tipo passiva, na parte *offshore* da Bacia de Pelotas, associados a deposições deltaicas a sul e depósitos de sistema lagunar a norte, sendo a sua formação iniciada no período Mioceno Superior (MARTINS, 1983; MILLER et al., 2015). A abundância de restos vegetais, associada a presença de concreções e fósseis piritizados são indicativos da existência de matéria orgânica associada e depositada junta aos sedimentos, ocasionando uma deficiência de oxigênio devido a grande quantidade de material pelítico acumulado (MARTINS, 1983).

O Cone do Rio Grande apresenta uma província de hidratos de gás, caracterizada por extensos campos de *pockmarks*, depressões submarinas associadas à liberação de gás. Os hidratos de gás contidos nessa região são essencialmente formados por metano (> 99,78%) com pequenas quantidades de etano. Estudos sobre a composição isotópica estável do carbono presente no metano indicam uma possível origem biogênica para o gás (MILLER et al., 2015). Giongo et al. (2016) evidenciaram que na região das *pockmarks* do Cone do Rio Grande existe uma comunidade quimiossintética composta por bactérias e arqueas associadas a metazoários, e diretamente ligada aos hidratos de gás.

3 MATERIAL E MÉTODOS

Para realização deste trabalho foram coletadas e analisadas 87 amostras de cinco poços provenientes do Cone do Rio Grande, Bacia de Pelotas, Rio Grande do Sul. A perfuração dos poços ocorreu na porção *offshore* da bacia durante quatro cruzeiros oceanográficos, entre maio de 2011 e julho de 2013, e foi realizada através de uma parceria entre a PETROBRAS e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Projeto PUCRS e CONEGAS). As coletas incluíram amostras para estudos geofísicos, geológicos, geoquímicos, biológicos e oceanográficos.

Os métodos laboratoriais (Figura 3) empregados nesse trabalho incluíram:

1) Coleta, pesagem e identificação das amostras, que consistiu na retirada de 17 a 66 g de sedimentos nos poços em locais onde foram observadas mudanças de coloração, granulometria e/ou elementos diagenéticos. Todas as amostras foram identificadas e acondicionadas em recipientes adequados.

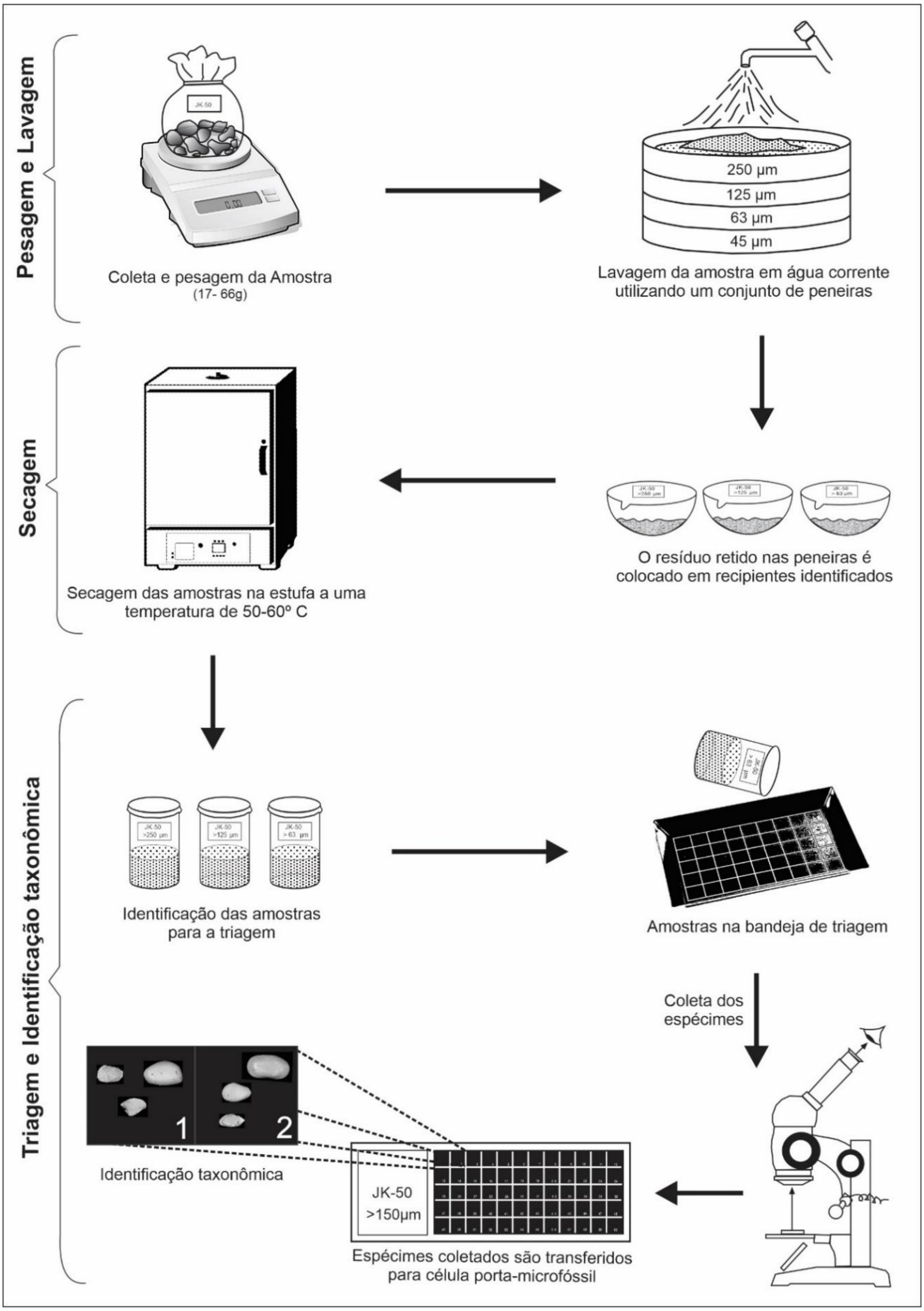
2) Lavagem em água corrente sobre um conjunto de peneiras granulométricas de 0,250 mm, 0,125 mm, 0,063 mm e 0,045 mm, seguida de secagem em estufa a 60 °C.

4) Separação de todos os espécimes de frações acima de 0,063 mm e transferência para células micropaleontológicas com o auxílio do estereomicroscópio Zeiss Stemi-305. Os espécimes mais bem preservados de cada morfotipo foram selecionados para Microscopia Eletrônica de Varredura (PHENOM XL) e estereomicroscopia (Zeiss, AXIO ZOOM V16).

4) Integração dos espécimes coletados à coleção científica do Laboratório de Micropaleontologia Aplicada (LMA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O registro do novo táxon foi realizado no Zoobank (o Registro Oficial de Nomenclatura Zoológica da Comissão Internacional de Nomenclatura Zoológica).

Após as etapas laboratoriais, foram analisados os aspectos morfológicos e taxonômicos dos ostracodes recuperados. A fauna de ostracodes foi correlacionada com os demais microfósseis para o posicionamento bioestratigráfico dos poços estudados. Esses dados forneceram subsídios para a identificação do paleoambiente registrado durante a sedimentação no Cone do Rio Grande nos intervalos de tempo estudados.

Figura 3 - Métodos laboratoriais utilizados para a preparação das amostras.



Fonte: A autora (2021).

A determinação dos ostracodes autóctones e alóctones baseou-se na análise da estrutura da população, o que incluiu a identificação das preferências ecológicas dos táxons identificados, somados aos estudos referentes à riqueza e a abundância dos espécimes, além da análise do estado de preservação das valvas e carapaças recuperadas na assembleia.

A cronoestratigrafia das seções estudadas foi calibrada com as biozonas de foraminíferos planctônicos seguindo o esquema biozonal de Ericson e Wollin (1968) para o Quaternário, o qual se baseia no desaparecimento e reaparecimento do plexus *Globorotalia menardii*.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados e as discussões dessa dissertação são apresentados em dois artigos científicos intitulados:

BATHYAL OSTRACODS FROM THE UPPER PLEISTOCENE OF THE RIO GRANDE CONE, PELOTAS BASIN, BRAZIL (apresentado no APÊNDICE A)

QUATERNARY DEEP-SEA OSTRACODA AND FORAMINIFERA: RELATIONS WITH GAS HYDRATES ENVIRONMENTS AND CHEMOSYNTHETIC COMMUNITIES FROM THE PELOTAS BASIN, BRAZIL

QUATERNARY DEEP-SEA OSTRACODA AND FORAMINIFERA: RELATIONS WITH GAS HYDRATES ENVIRONMENTS AND CHEMOSYNTHETIC COMMUNITIES FROM THE PELOTAS BASIN, BRAZIL

Autores: Renata Juliana Arruda Maia[a,b] (renatajmaia@yahoo.com.br), **Enelise Katia Piovesan**[a,b] (katiapiovesan@gmail.com), **Geise de Santana dos Anjos Zerfass**[c] (geise.zerfass@petrobras.com.br), **Robbyson Mendes Melo**[b] (robbysonmelo@gmail.com).

[a] Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Geociências, Av. da Arquitetura, s/n, 50740-550, Recife, PE, Brazil.
[b] Universidade Federal de Pernambuco, Laboratório de Micropaleontologia Aplicada (Lagese/LITPEG), Av. da Arquitetura, s/n, 50740-550, Recife, PE, Brazil.
[c] Petróleo Brasileiro S.A., Cenpes, Avenida Horácio Macedo, 950, 21941-915, Rio de Janeiro, RJ, Brazil.

Este artigo apresenta a identificação da assembleia batial de ostracodes e foraminíferos do Quaternário da Bacia de Pelotas. A análise faunística revelou um total de 20 gêneros e 32 espécies de ostracodes. Os ostracodes batiais estavam associados a espécies neríticas alóctones. Os gêneros autóctones predominantes foram *Apatihowella, Cytheropteron* e *Cytherella*. O gênero nerítico predominante foi *Cativella.* A ocorrência geográfica da espécie nerítica *Pectocythere magellanensis* foi estendida para a margem sul do Brasil. Os foraminíferos bentônicos foram identificados em 72 gêneros. A análise bioestratigráfica dos foraminíferos planctônicos posicionou as amostras no intervalo Pleistoceno–Holoceno. Nesse estudo, parte dos táxons recuperados foram relacionados a um ambiente de escape de gás, sendo pertencentes a uma comunidade quimiossintética do Cone do Rio Grande.

A submissão do manuscrito ocorreu em junho de 2021, para a revista Micropaleontology.

ABSTRACT

Late Quaternary ostracod and foraminifera assemblages from five piston cores in Pelotas Basin, southern Brazilian margin, were analyzed in this paper. The study revealed a diverse bathyal fauna of ostracods, with an abundance of the genera *Apatihowella, Cytheropteron* and *Cytherella*, interspersed with peaks of an allochthonous neritic fauna. Benthic foraminifera were identified in 72 genera, with highlights of *Bolivina, Bulimina, Cassidulina, Epistominella, Globobulimina*, *Globocassidulina, Nonion, Oridorsalis* and *Uvigerina*. Biostratigraphic analysis of planktonic foraminifera posicionated the samples in Pleistocene–Holocene interval. The ostracods *Paracytherois, Cytheropteron, Cytherella, Macropyxis, Krithe hunti, Krithe reversa, Henryhowella asperrima, Eucytherura fossapunctata, Rimacytheropteron longipunctatum, Apatihowella bernardi,* and *Apatihowella convexa* are related to environments of gas hydrates and associated with a chemosynthetic community in eutrophic-mesotrophic environment in a dysoxic-anoxic condition.

Key words: bathyal ostracod, benthic foraminiferal, methane seepage, methanotrophs, Brazilian margin, Rio Grande Cone

INTRODUCTION

In the last decades, research dealing on fossil ostracod and foraminifera has provided data for understanding the paleobiology of species, the taphonomy, depositional environment, paleoclimates, paleoceanography, paleobiogeography and biostratigraphy in the Pelotas Basin and surrounding Brazilian marginal basins.

Regarding ostracods, Sanguinetti (1979, 1980) and Sanguinetti et al. (1991, 1992, 1993) were pioneers analyzing the Miocene and post Miocene Ostracoda assemblages in taxonomic and biostratigraphic terms. Subsequently, Carreño et al. (1997, 1999) presented a paleoceanographic analysis based on Neogene ostracod species from the Pelotas Basin. Studies focusing taxonomic and zoogeographic aspects of Lower Miocene assemblages were presented by Manica et al. (2015) and Manica and Coimbra (2016). More recently, a taxonomic approach on bathyal ostracods from the upper Pleistocene section of the basin was presented by Maia et al. (2021).

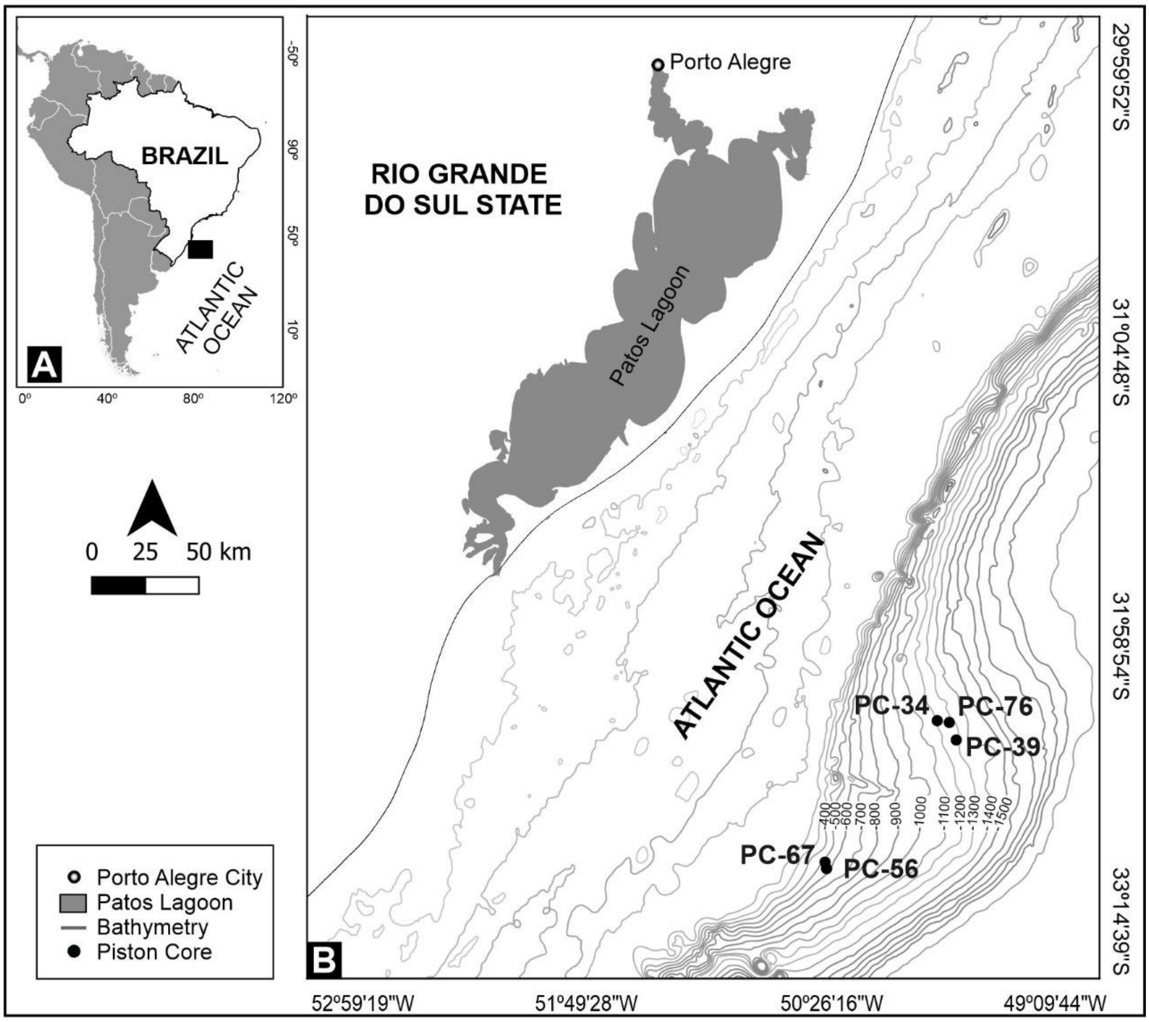
Studies on foraminifera developed in Quaternary section of the Pelotas Basin are mainly focused on biostratigraphy of planktic foraminifera establishing paleoclimatic zoning (Carvalho 1980; Rodrigues and Carvalho 1980; Vicalvi 1997; 2011a, b, c, d; Coimbra et al. 2009; Petró et al. 2018). Benthic foraminifera are major components of deep ocean ecosystems, and their distribution is largely controlled by two main parameters besides the temperature: 1) the flux of organic matter to the ocean floor and its temporal fluctuations, which determine food availability, and 2) bottom and pore water oxygen concentration (e.g. Corliss 1985; Murray 1973; Gooday 1994; Jorissen et al. 1995). In the Pelotas Basin few studies based on benthic foraminifera were carried out, being mainly for lagoon and platform environments in Southern Brazil (Boltovskoy 1959; Closs and Barberena 1962; Madeira-Falceta 1974; Sprechmann 1978; Carvalho 1980; Wilson et al. 2020).

Research of ostracod assemblages related to environments with gas hydrates occurrences are still incipient, but demonstrates a good potencial (e.g. Van Harten 1993; Coles et al. 1996; Tanaka and Yasuhara 2016; Yasuhara et al. 2018). The Rio Grande Cone, in the Pelotas Basin, is characterized by extensive pockmark fields and sediments containing gas hydrates, predominantly methane (> 99.78%), with small amounts of ethane (Miller et al. 2015). The identification of chemosynthetic community represented by bacteria, archaea and a macrofauna of polychaeta and bivalve in the region of pockmarks (Giongo et al. 2016) are evidence of a direct relationship between that community and the environment with gas hydrates in areas adjacent to the one studied in the present study. To contribute to the knowledge of this area, this research carried out an integrative study based on ostracods and foraminifera from the Pleistocene–Holocene interval of the Pelotas Basin, to establish a paleoenvironmental interpretation and the relation of the assemblages with gas hydrate environments and chemosynthetic communities.

STUDY AREA

The Pelotas Basin, located at the southern portion of the Brazilian margin (text-fig. 1), is a passive margin basin originated as a result of the Gondwana breakup and the formation of the South Atlantic Ocean. This basin was infilled with sedimentary deposits ranging in age from Barremian to Recent and covers an area of approximately 210,000 km^2, being limited to the north by Florianópolis High, and to the south, in Uruguay, by the Polônio High (Bueno et al. 2007).

The studied area whose sediments were deposited since the Upper Miocene over the continental slope, comprises a wide sedimentary wedge known as Rio Grande Cone (Martins et al. 1972; Bueno et al. 2007). This fanlike geoform occupies an area of 28,900 km^2 and reaches depths of around 4,000 m margins (Martins 1983; Castillo et al. 2009). The origin of the Rio Grande Cone is related to the accumulation of terrestrial material supplied by the drainages of the Plata River and the Rio Grande do Sul Plateau, associated with depositions of the delta sediments to the south and deposits of the Patos Lagoon System to the north (Martins 1983).



Text-figure 1 - Study area with location of the piston cores. **(A).** Location of Brazil; **(B).** Location drilling area.

The continuous and increasing supply of fine sediments and organic matter in the cone region, were essential for the formation of the biogenic natural gas hydrate originated in the gas province of the Rio Grande Cone (Martins 1983; Miller et al. 2015). Extensive fields of pockmark, submarine depressions associated to gas seepage, are found in the region, with several layers containing gas hydrates interspersed with thick mud sediments, some bioturbated. Indirect evidences of gas hydrates were also found, such as degassing features and authigenic carbonate nodules formed during the consumption of methane due to the microbial activity that increases the alkalinity of the carbonate, promoting the precipitation of crystals, nodules and cemented sediments (Boetius et al. 2000; Miller et al. 2015).

Several water masses compose the oceanographic setting of the Pelotas Basin. In environments where the bathymetry reaches about 600 m, the influence of Tropical Waters (TW) and Central Waters of the South Atlantic (SACW) is recorded. In greater depths circulate the Antarctic Intermediate Water - AAIW (600 – 1,000 m), the Circumpolar Water - CPW (1,000 – 2,000 m), the North Atlantic Deep Water - NADW (2,000 – 4,000 m) and Antarctic Bottom Water - AABW (> 4,000 m) (Stramma and England 1999).

MATERIAL AND METHODS

Sediment samples from five piston cores were prepared for ostracods and foraminiferal analyses (see Maia et al. 2021 - Table 1). The cores were collected during four oceanographic expeditions, realized between May 2011 and July 2013, by the CONEGAS Project, a partnership between the PUCRS (*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*) and Petrobras. In general, the cores recovered in this study were composed of massive muddy sediments with some bioturbation. Cores PC-56, PC-67 and PC-76 sampled muddy sediments interspersed with gas hydrates. Indirect evidence of gas hydrates, such as degassing features, autogenic carbonate nodules, chemosynthetic organisms and soup-like sediments were also observed in these wells (Miller et al. 2015).

A total of 87 samples were prepared according to the following steps: 1) sample collection and weighing (17 to 66 g); 2) washing in running water in a set of 0.250 mm, 0.125 mm, 0.063 mm and 0.045 mm sieves; 3) oven drying at 60 °C; 4) removal and transfer of all specimens from fractions above 0.063 mm using the Zeiss Stemi-305 stereomicroscope for micropaleontological cells; 5) photograph in scanning electron microscope (PHENOM XL) of the best preserved specimens; 6) deposit of typographic and figurative material at the LMA (*Laboratório de Micropaleontologia Aplicada*) of UFPE (*Universidade Federal de Pernambuco*).

The suprageneric classification of ostracods and foraminifera follows the proposal by Liebau (2005) and Loeblich and Tappan (1988), respectively. The paleoecological interpretation of benthic foraminifers was based on Murray (1973, 1991), Boltovskoy and Wright (1976) and Van Morkhoven et al. (1986). The biostratigraphical analysis was based on the distribution of planktic foraminifera by biozonal scheme of Ericson and Wollin (1968), whose attributed the Upper Pleistocene and Holocene age to the deposits.

For this study, abbreviations were used to identify the specimens: **C,** carapace; **LV**, left valve; **RV,** right valve; **L**, length; **H**, height; **W**, width. For the classification of the ostracods abundance, the following parameters were adopted: **Rare** 1–4 specimens, **Abundant** 5–20 and **Very abundant** 20–60 specimens. For foraminifers, the criteria were: **Rare** 1–5%, **Abundant** > 5–10 %, **Dominant** > 10%.

RESULTS AND DISCUSSION

Ostracod and Foraminifera Assemblages

A total of 21 genera and 31 species of ostracods (plates 1 and 2) were recovered from the studied samples. The core PC-67 presented the most abundant and diverse ostracod assemblage (385 specimens of 22 species). The second most abundant (117 specimens) and diversified (13 species) ostracod assemblage was recovered from the core PC-56. From the core PC-76, 29 specimens and nine species were identified, and from core PC-39 only three specimens from three different species were identified. Only a juvenile specimen of the genus *Krithe* was recorded in core PC-34. The integrated distribution of species in each core is shown in text-figures 2, 3, 4 and 5.

The four most abundant genera were *Cativella* (169 specimens), *Apatihowella* (152 specimens), *Cytheropteron* (35 specimens) and *Cytherella* (27 specimens). In contrast, the genera with the lowest abundance were *Poseidonamicus, Henryhowella* and *Loxoconchidea* (1 specimen each). A total of 14,225 benthic foraminifera specimens were recovered from the samples. These were identified in 72 taxa (primarily genera), with dominance of *Bolivina, Bulimina, Uvigerina, Nonion Oridorsalis, Globobulimina Cassidulina* and *Globocassidulina* (plate 3). In all analyzed cores, the benthic foraminifera assemblage is diversified. In the core PC-67, bolivinids, nonionids, buliminids and uvigerinids are dominant (relative abundance > 10%), while cassidulinids (*Gobocassidulina* sp. and *Cassidulina* spp.), globobuliminids (*Globobulimina* sp.), alambaminids (*Osangularia* sp.) and the genera *Pullenia* sp. and *Sphaeroidina* sp. are abundant (relative abundance 5–10%). In the core PC-56, benthic assemblage is dominated by bolivininids, buliminids, uvigerinids and pullenids (*Pullenia* sp.) (relative abundance > 10%),

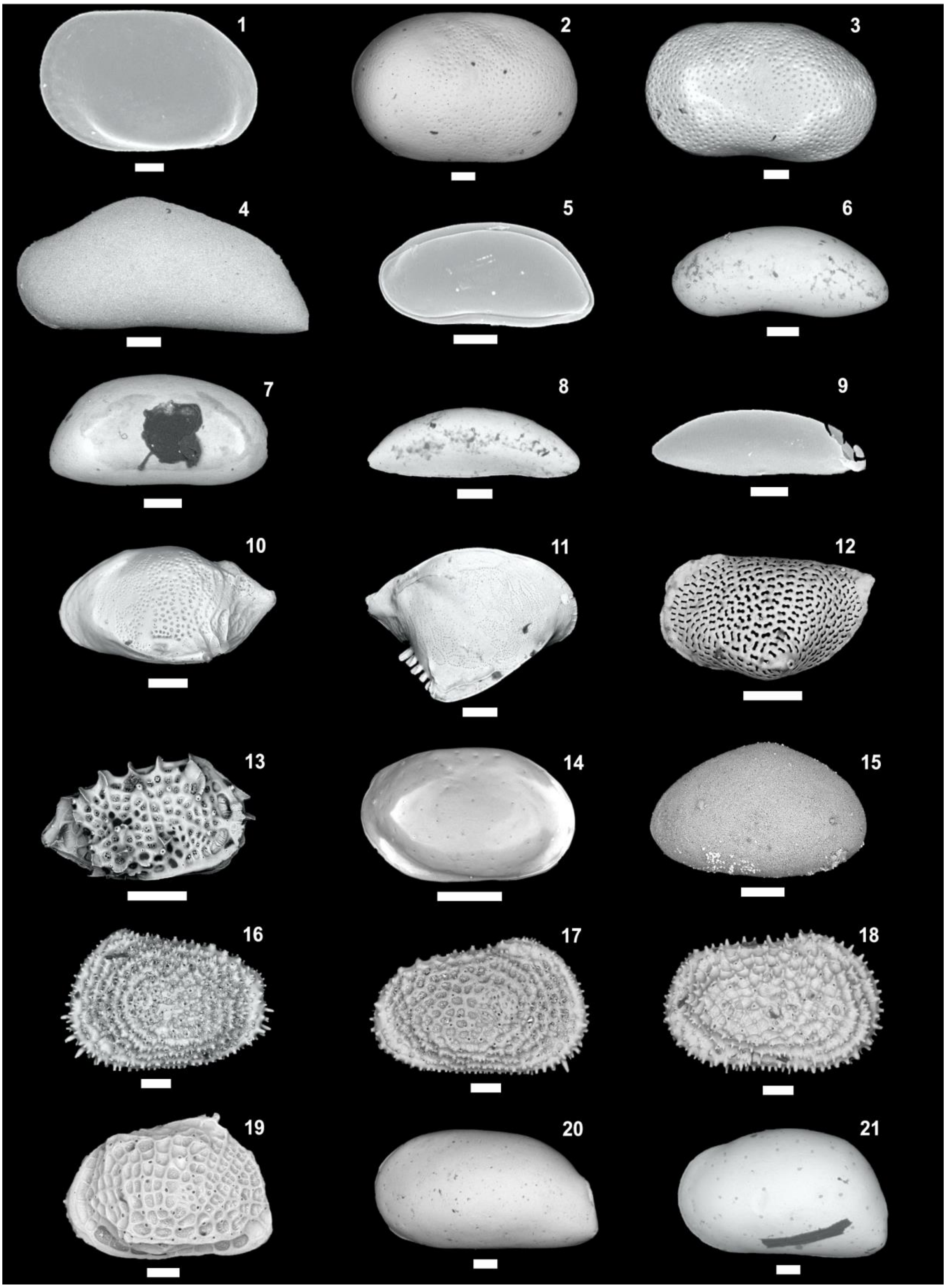


Plate 1. Bathyal ostracods. **1.** *Cytherella santosensis* Bergue, Coimbra and Cronin 2007; LV, lateral view; LMA-00080; **2.** *Cytherella* sp. 1; RV, lateral view, LMA-00081; **3.** *Cytherella* sp. 2; LV, lateral view, LMA-00082; **4.** *Macropyxis* sp. aff. *M. alanlordi* Brandão 2010; LV, lateral view, LMA-00083; **5.** *Argilloecia* sp. 1; C, left lateral view; LMA-00085; **6.** *Argilloecia* sp. 2; LV, lateral view; LMA-00086; **7.** *Argilloecia* sp. 3; RV, lateral view; LMA-00087; **8.** *Paracytherois* sp. 1; RV, lateral view; LMA-00088; **9.** *Paracytherois* sp. 2; RV, lateral view;

LMA-00089; **10.** *Cytheropteron* sp. 1; LV, lateral view; LMA-00090; **11.** *Cytheropteron* sp. 2; RV, lateral view; LMA-00091; **12.** *Rimacytheropteron longipunctatum* (Breman 1976); LV, lateral view; LMA-00092; **13.** *Eucytherura fossapunctata* Maia, Bergue and Piovesan 2021; RV, lateral view; LMA-00093; **14.** *Loxoconchidea minima* Bonaduce, Ciampo and Masoli 1976; C, right lateral view; LMA-00096; **15.** *Xestoleberis* sp. 1; LV, lateral view; LMA-00097; **16.** *Apatihowella convexa* Bergue, Coimbra and Ramos 2016; LV, lateral view; LMA-00098; **17.** *Apatihowella besnardi* Bergue Coimbra and Ramos 2016; RV, lateral view; LMA-00099; **18.** *Henryhowella asperrima* Reuss 1850; RV, lateral view; LMA-00100; **19.** *Poseidonamicus hisayoae* Yasuhara, Cronin, Hunt and Hodell 2009; RV, lateral view; LMA-00101; **20.** *Krithe hunti* Yasuhara, Stepanova, Okahashi, Cronin and Brouwers 2014; LV, lateral view; LMA-00103; **21.** *Krithe reversa* Bold 1958; LV, lateral view; LMA-00104. **Scale bar:** 100 µm.

while cassidulinids (*Gobocassidulina* sp.), globobuliminids (*Globobulimina* sp.), eggerelinids (*Martinottiella* sp.), alambaminids (*Oridorsalis* sp.) are abundant (relative abundance 5–10%). The cores PC-34 and PC-76 are characterized by the dominant presence of uvigerinids and buliminids (with peaks of abundance reaching up 40%), alambaminids (*Oridorsalis* sp.) and bolivininids, while nonionids, buliminids and cassidulinids.

Planktic foraminiferal assemblages (plate 3) are diverse, represented by 28 species distributed in 12 genera, with *Globorotalia menardii* (Parker, Jones and Brady 1865)*, Globorotalia tumida* (Brady 1877)*, Globorotalia inflata* (d'Orbigny 1839)*, Neogloboquadrina dutertrei* (d'Orbigny 1839), *Neogloboquadrina incompta* (Cifelli 1961), *Globigerinoides ruber inflata* (d'Orbigny 1839)*, Globigerinoides conglobatus* (Brady 1879), *Pulleniatina obliquiloculata* (Parker and Jones 1865), *Truncorotalia truncatulinoides* (d'Orbigny 1839) and *Globigerina bulloides* (d'Orbigny 1839) occurring abundantly over the studied intervals.

Biostratigraphical approach

Planktic foraminiferal analyses were undertaken to provide a calibration of the ostracods age distribution. Through biostratigraphic analysis it was possible the recognition of the Biozones Y and Z, following the zonal scheme of Ericson and

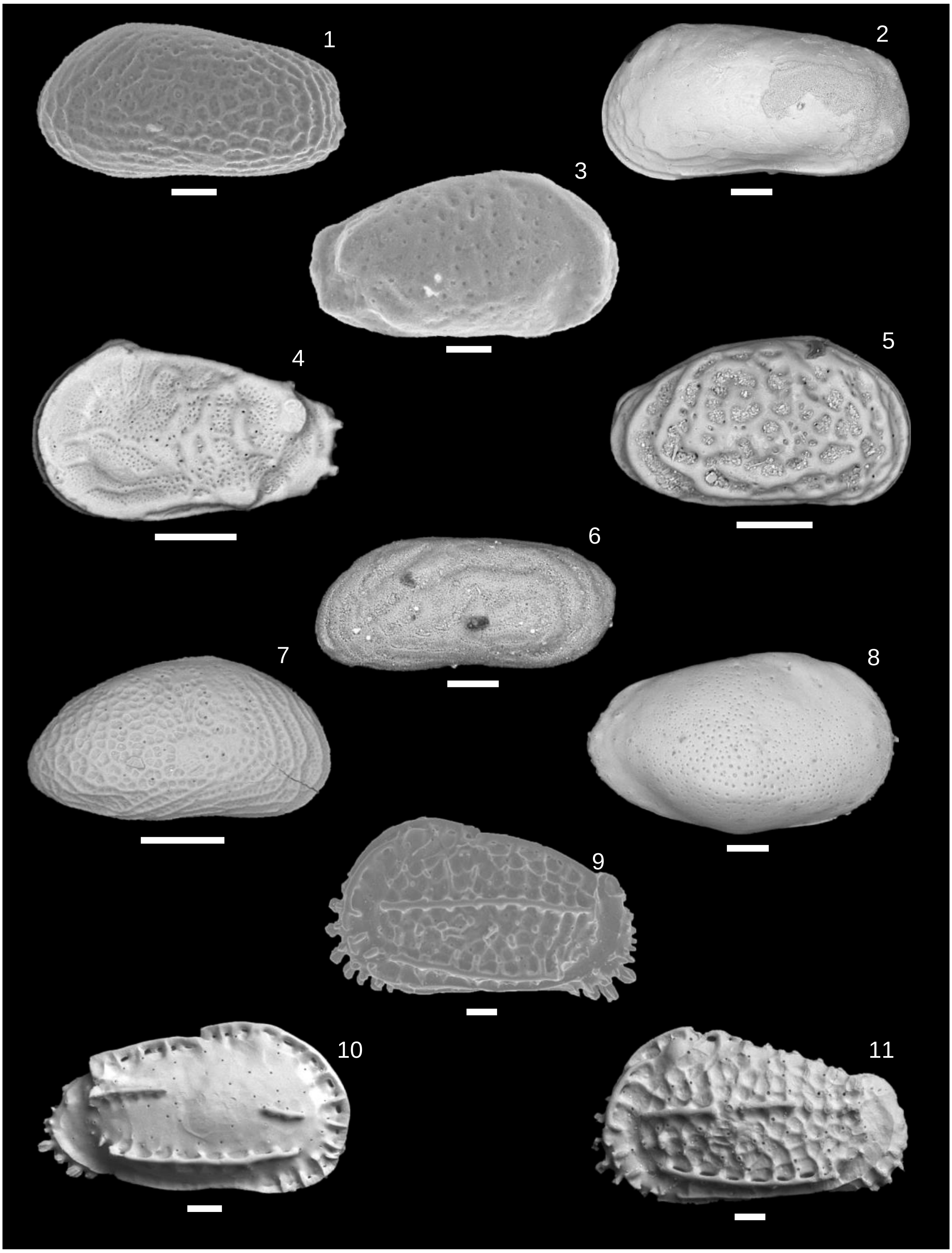


Plate 2 - Neritic ostracods. **1.** *Ameghinocythere reticulata* Whatley, Moguilevsky, Toy, Chadwick and Ramos 1997; LV, lateral view; LMA-00112; **2.** *Pectocythere magellanensis* Whatley, Staunton, Kaesler and Moguilevsky 1996; C, left lateral view; LMA-00105; **3.** *Munseyella* sp. 1; C, right lateral view; LMA-00113; **4.** *Munseyella* sp. 2; LV, lateral view; LMA-00114; **5.** *Callistocythere litoralensis* (Rossi De Garcia 1966); C, right lateral view; LMA-00115; **6.** *Papilosacythere* sp.; C, left lateral view; LMA-00116; **7.** *Loxocythere variasculpta* Whatley, Moguilevsky, Toy, Chadwick and Ramos 1997; RV, lateral view; LMA-00117; **8.** *Argenticytheretta laevipunctata* Sanguinetti, Ornellas and Coimbra 1991; RV, lateral view;

LMA-00118; **9.** *Cativella bensoni* Neale 1967; LV, lateral view; LMA-00119; **10.** *Cativella* sp.; RV, lateral view; LMA-00120; **11.** *Costa* sp.; LV, lateral view; LMA-00121. **Scale bar:** 100 µm.

Wollin (1968). The criteria used to identify the Biozones Y and Z were the disappearance and reappearance of the *Globorotalia menardii* plexus and variations in abundance of *Globorotalia inflata* and *Truncorotalia truncatulinoides*. In the portion of the cores where ostracods were recovered, the absence or rare presence of the *G. menardii* plexus and the abundance *Globorotalia inflata* and *T. truncatulinoides*, permitted to characterize the Biozone Y (upper Pleistocene).

The reappearance of the *G. menardii* plexus, including *Globorotalia fimbriata* (Brady 1884), indicated the limit between Biozones Y and Z in the cores PC-34, PC-56 and PC-67, marking the base of the Holocene. In the studied cores (PC-34, PC-56, PC-67, PC-76), only in the PC-76 the Holocene interval was not identified. For the core PC-39, foraminifera were not recovered, only typical bathyal ostracods *Poseidonamicus hisayoae* Yasuhara, Cronin, Hunt and Hodell 2009, *Apatihowella besnardi* Bergue, Coimbra and Ramos 2016 and *Apatihowella convexa* Bergue, Coimbra and Ramos 2016. The *Apatihowella* species were correlated with those identified in PC-67, calibrated with foraminifera zoning allows inferring an upper Pleistocene age for our material. Considering all identified species of ostracods, only *Eucytherura fossapunctata* Maia et al. 2021 is restricted to the Pleistocene, being here considered a marker species of this age.

Paleoenvironments and relation with natural gas hydrates

The occurrence of a rich and abundant microfossil association in the analyzed samples, with predominance of bathyal species of ostracods and foraminifera characterized a slope environment.

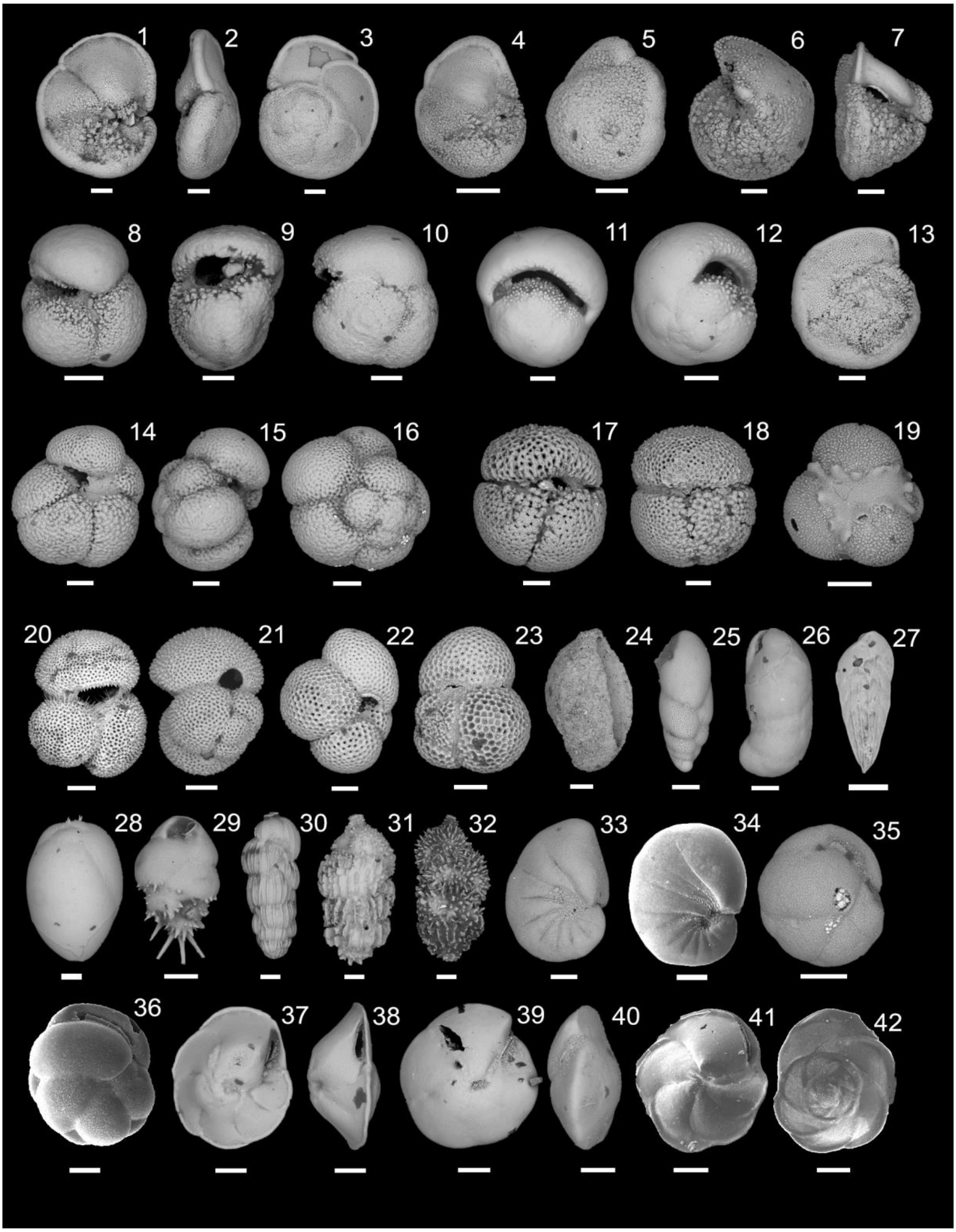


Plate 3. Foraminifera. **Planktic foraminifera: 1–3.** *Globorotalia menardii* (Parker, Jones and Brady 1865); LMA-00122 (PC-34, 04–06 cm); **4–5.** *Globorotalia tumida* (Brady 1877); LMA-00123 (PC-67, 14–16 cm); **6–7, 13**. *Truncorotalia truncatulinoides* (d'Orbigny 1839); LMA-00124 (PC-56, 04–06 cm); **8–10.** *Globorotalia inflata* (d'Orbigny 1839) LMA-00125 (PC-56, 04–06 cm); **11–12.** *Pulleniatina obliquiloculata* (Parker and Jones 1865); LMA-00126 (PC-56, 84–86 cm); **14–16.** *Neogloboquadrina dutertrei* (d'Orbigny 1839); LMA-00127 (PC-56, 44–46 cm); **17–18.** *Globigerinoides conglobatus* (Brady, 1879); LMA-00128 (PC-56, 04–06 cm); **19.** *Globigerinita glutinata* (Egger 1893); LMA-00129 (PC-56, 94–96 cm); **20–21.** *Globigerinoides ruber* (d'Orbigny 1839); LMA-00130 (PC-56, 04–06 cm); **22–23.** *Trilobatus saculifer* (Brady 1877); LMA-00131 (PC-56, 44–46 cm); **Benthic foraminifera: 24.** *Sigmoilopsis*

schlumbergeri (Silvestri 1904); LMA-00132 (PC-76, 160–162 cm); **25.** *Buliminella* sp.; LMA-00133 (PC-67, 94–96 cm); **26.** *Rutherfordoides* sp.; LMA-00134 (PC-67, 94–96 cm); **27.** *Bolivina* sp.; LMA-00135 (PC-67, 134–136 cm); **28**. *Globobulimina* sp.; LMA-00136 (PC-56, 94–96 cm); **29.** *Bulimina aculeata* d'Orbigny 1826; LMA-00137 (PC-56, 04–06 cm); **30–31.** *Uvigerina peregrina* Cushman 1923; LMA-00138 (PC-67, 134–136 cm); **32.** *Uvigerina hispida* Schwager 1866; LMA-00139 (PC-76, 160–162 cm); **33.** *Nonion* sp.; LMA-00140 (PC-67, 134–136 cm) **34.** *Nonionella atlantica* Cushman, 1947; **35.** *Globocassidulina* sp.; LMA-00141 (PC-67, 144–146 cm); **36.** *Cassidulina delicata* Cushman 1927; **37–38.** *Osangularia* sp.; LMA-00142 (PC-67, 134–136 cm); **39–40.** *Oridorsalis umbonatus* (Reuss 1851) LMA-00143 (PC-76, 24–26 cm); **41–42.** *Epistominella smithi* (Stewart and Stewart 1930). **Scale bar:** 100 µm.

Based on the ecological preferences and morphological characteristics of the ostracods, components of the bathyal fauna (plate 1) and the neritic fauna (plate 2) were recognized. The first one is represented by the genera *Krithe, Henryhowella, Macropyxis*, *Poseidonamicus*, *Cytherella, Paracytherois, Loxoconchidea, Eucytherura, Argilloecia, Apatihowella, Xestoleberis*, *Cytheropteron* and *Rimacytheropteron*. The high-energy neritic ostracods include the genera *Ameginocythere, Pectocythere, Munseyella, Callistocythere, Papilosacythere, Loxocythere*, *Argenticytheretta, Cativella* and *Costa*. The identification of neritic assemblages is necessary to identify and discriminate allochthonous elements in bathyal assemblages (Bergue et al. 2016).

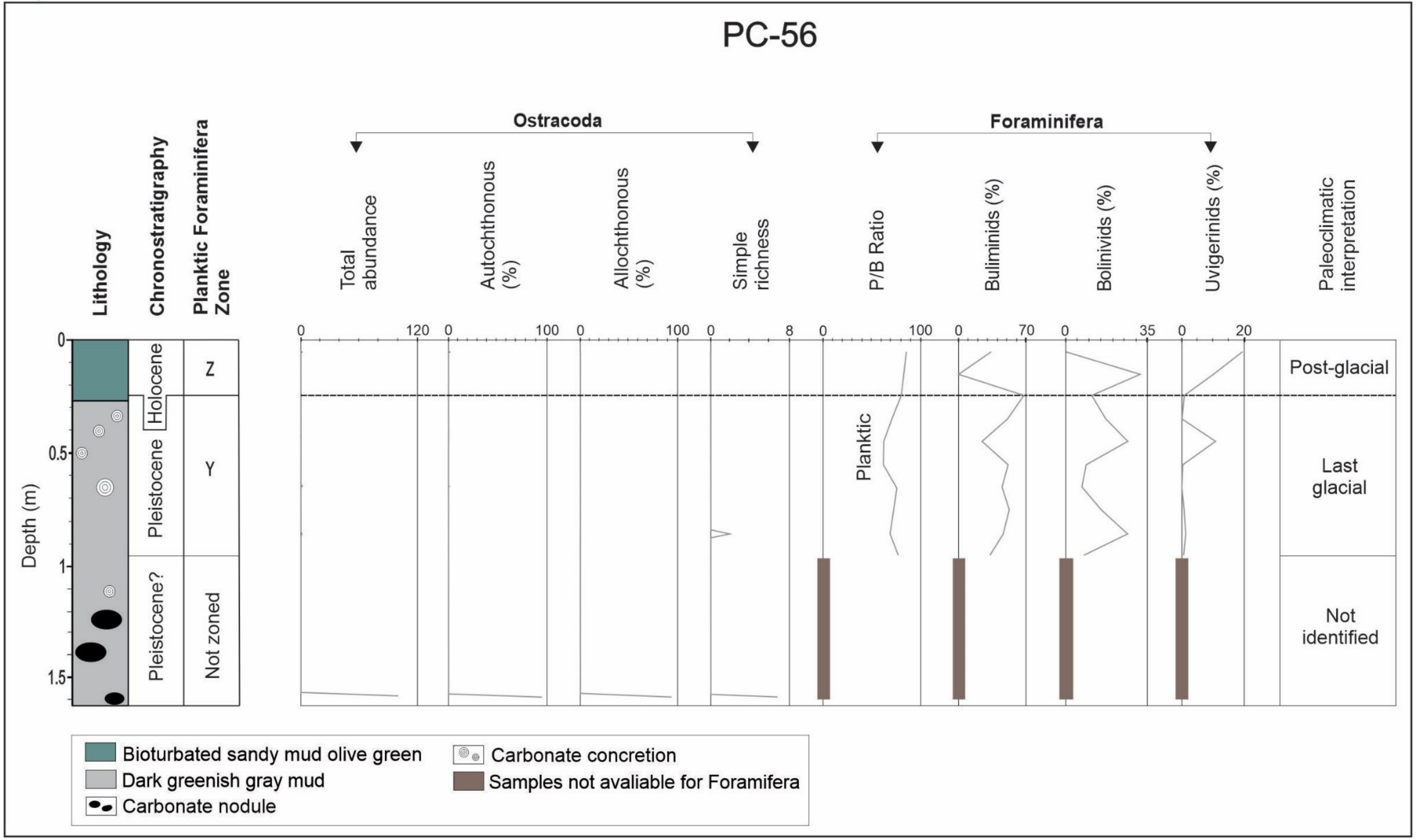
In general terms, the bathyal foraminiferal assemblages include the genera *Uvigerina* (*Uvigerina peregrina* and *U. hispida), Sigmoilopsis, Bolivina, Bulimina* (*Bulimina aculeata* d'Orbigny 1826), *Pullenia, Oridorsalis umbonatu* (Reuss 1851), and *Osangularia* (Murray 1991, 2006; Van Morkhoven et al. 1986; Smith 1964; Boltovskoy and Wrigth 1976; Mackensen et al. 1985). In addition, in the cores PC-34, PC-56, PC-67 and PC-76, the high the P/B ratio demonstrate bathyal environments for the studied interval (Gibson 1989; Van der Zwaan et al. 1990). The low abundance of planktic foraminifera in core PC-34 (text-fig. 3) was attributed to dissolution, due to local water acidification associated to gas hydrate dissociation, leading to methane release.

The environment of the Rio Grande Cone presents a gas hydrate province from biogenic origin (Miller et al. 2015). The presence of a very diversified chemosynthetic community, supported by methane gas and by-products of its decomposition, such as H_2S, in an area adjacent to the location of the studied wells (Giongo et al. 2016), indicate that the assemblage of ostracods and benthic foraminifera studied here could be part of a chemosynthetic community in the past. Highly negative values of $\delta^{13}C$ obtained from foraminifera recovered in ancient pockmarks situated 200 km north of the Rio Grande Cone indicate methane release to the water column during the last glacial period (Portilho-Ramos et al. 2018). Additionally, Ketzer et al. (2019) points the presence of centimetric carbonate concretions as an evidence that methane release has been active during thousand years.

From the analyzes performed on samples of cores PC-56, PC-67 and PC-76, we identified an assemblage associated with gas hydrates (text-figures 2, 4 and 5) represented by ostracods of the genera *Paracytherois, Macropyxis, Cytheropteron, Cytherella, Krithe, Henryhowella, Eucytherura, Rimacytheropteron* and *Apatihowella*, and by foraminifera of the genera *Bolivina, Bulimina, Uvigerina, Nonionellina, Oridorsalis, Cassidulina* and *Epistominella.* The cosmopolitan foraminifera genera *Uvigerina, Bolivina, Chilostomella, Globobulimina*, *Rutherfordoides* and *Nonionella* are abundant in organic-rich sediments, reducing environments, make way that seem to be preadapted to methane seeps (Akimoto et al. 1994; Rathburn et al. 2000). Representative locations of cold seeps, globally distributed present a differentiate assemblage composition with bolivinids, buliminids, nonionellids and uvigerinids as dominant (Sen Gupta et al. 1997; Rathburn et al. 2000; Heinz et al. 2005). The similarity of these assemblages with those found in the studied cores corroborates the assumption of a microfauna highly conditioned by gas seeps.

In general, the analysis of the assemblage of the wells showed that *Apatihowella* occurred with greater frequency associated with the genera *Cytherella* and *Cytheropteron*. In these occurrences, there was a similarity regarding the association with benthic foraminifera *Bolivina, Uvigerina, Bulimina* and *Nonionellina.* The genera *Paracytherois, Eucytherura, Rimacytheropteron* and *Krithe* were commonly associated with the foraminifera *Epistominella* and *Bulimina*. *Cytherella* and *Krithe* showed similarity in the association with foraminifera *Oridorsalis. Apatihowella* was the only genus associated with the foraminifera *Nonionella. Henryhowella asperrima* Reuss 1850 was associated only with the foraminifera *Bolivina. Cytheropteron, Cytherella* and *Apatihowella*, in the core PC-67, were mostly associated with the foraminifera bolinivids. In the core PC-76, it was verified that the genera *Cytherella, Cytheropteron, Krithe* and *Apatihowella* were associated with the foraminifera *Bulimina* and *Bolivina.* At the core PC-56, *Krithe* and *Apatihowella* had in common the association with the genera *Bulimina, Uvigerina, Oridorsalis* and *Buliminella.*

Peak abundances of neritic ostracods occurred in three wells (PC-56, PC-67 and PC-76). The analysis of wells PC-56 and PC-67 revealed similarities regarding the occurrence of the genus *Cativella* and the species *Ameghinocythere reticulata* Whatley et al. 1997. The most abundant neritic genera were *Cativella,* in wells PC-56 and PC-67, and *Callistocythere*, in well PC-76, which in turn occurs associated with foraminifera of the genus *Uvigerina, Bolivina* and *Bulimina*. *Cativella* was

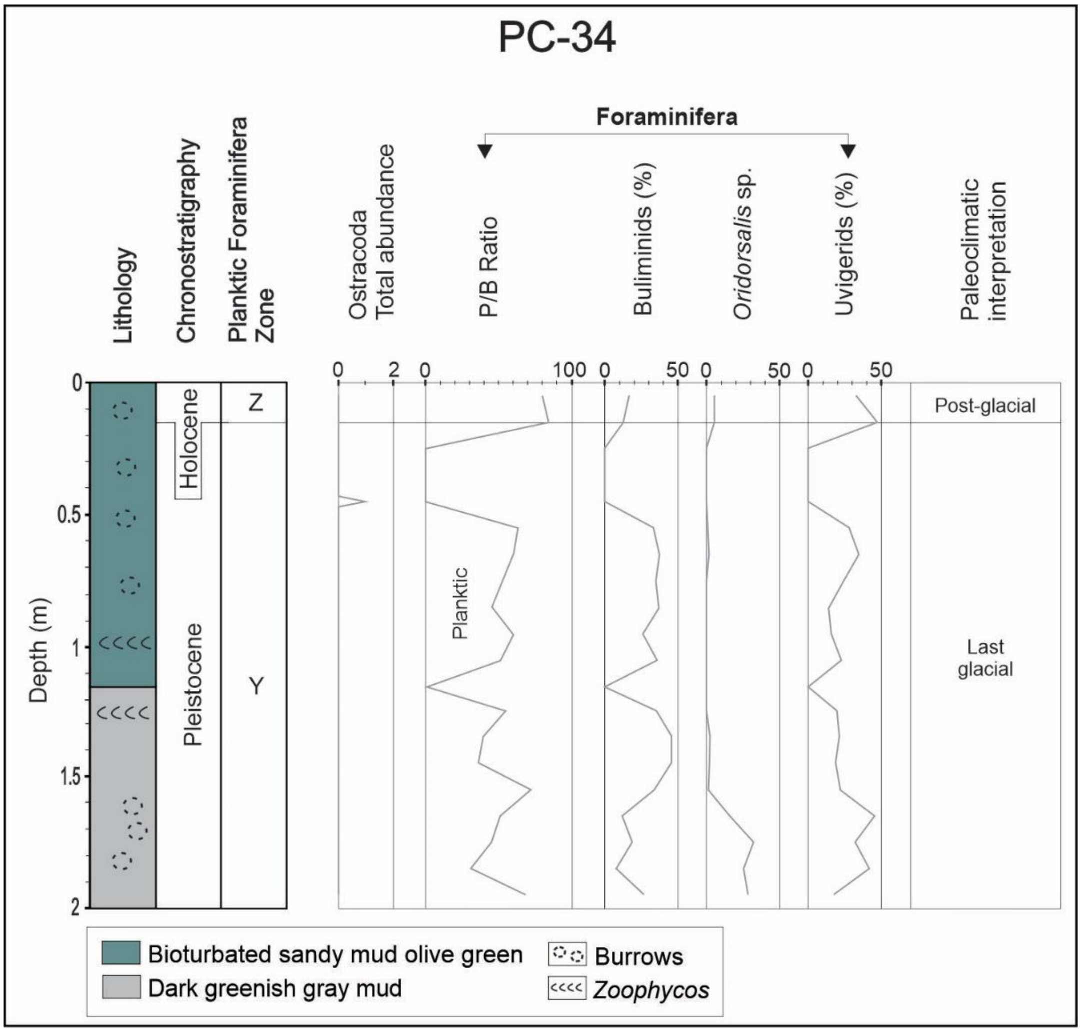


Text-figure 2. Distribution of ostracods and foraminifera in the core PC-56 and their lithological, biostratigraphic and paleoclimatological aspects.

associated with bathyal ostracods of the genera *Cytherella, Cytheropteron, Argilloecia, Apatihowella* and *Krithe*. In the well PC-67 (sample 144–146 cm), the occurrence of the allochthonous neritic ostracod *Pectocythere magellanensis* Whatley et al. 1996, described in shallow waters (34.34 to 270 m) at Cape Valentin, Bahia Borja and Punta Arenas (Whatley et al. 1996), corresponds to the first record of the genus and species for the sedimentary basins of Brazil.

The sedimentation in the slope and continental elevation in the Pelotas Basin occurs through gravitational flows and the diffusion of fine suspended material. In addition to these events, parallel to the bathymetric curves, the contouring geostrophic currents act, responsible for deposition of bottom sediments (Martins 1984). These events could be responsible by the co-occurrence of the allochthonous neritic ostracods transported by gravitational flow to bathyal environments.

The analysis of the assemblage of ostracods (*Cytherella, Cytheropteron, Apatihowella Paracytherois* and *Henryhowella)* associated with foraminifera (*Bolivina* spp.) allowed us to infer that they tolerate low amount of oxygen in the water, the presence of H_2S in sediments and a high bacterial productivity in the environment. These data are also observed by Pujos-Lamy (1973) who demonstrated that *Bolivina* could be adapted to conditions of low oxygen dissolved in water and to the presence of H_2S in the sediment of an underwater canyon, in the Bay of Biscay. In the Gulf of Mexico, the high bacterial productivity in hydrocarbon seeps could be a major factor in sustaining the foraminiferal populations, which mainly includes bolivinids, especially *Bolivina,* considered as possibly facultative anaerobes (Lobegeier and Sen Gupta 2008).

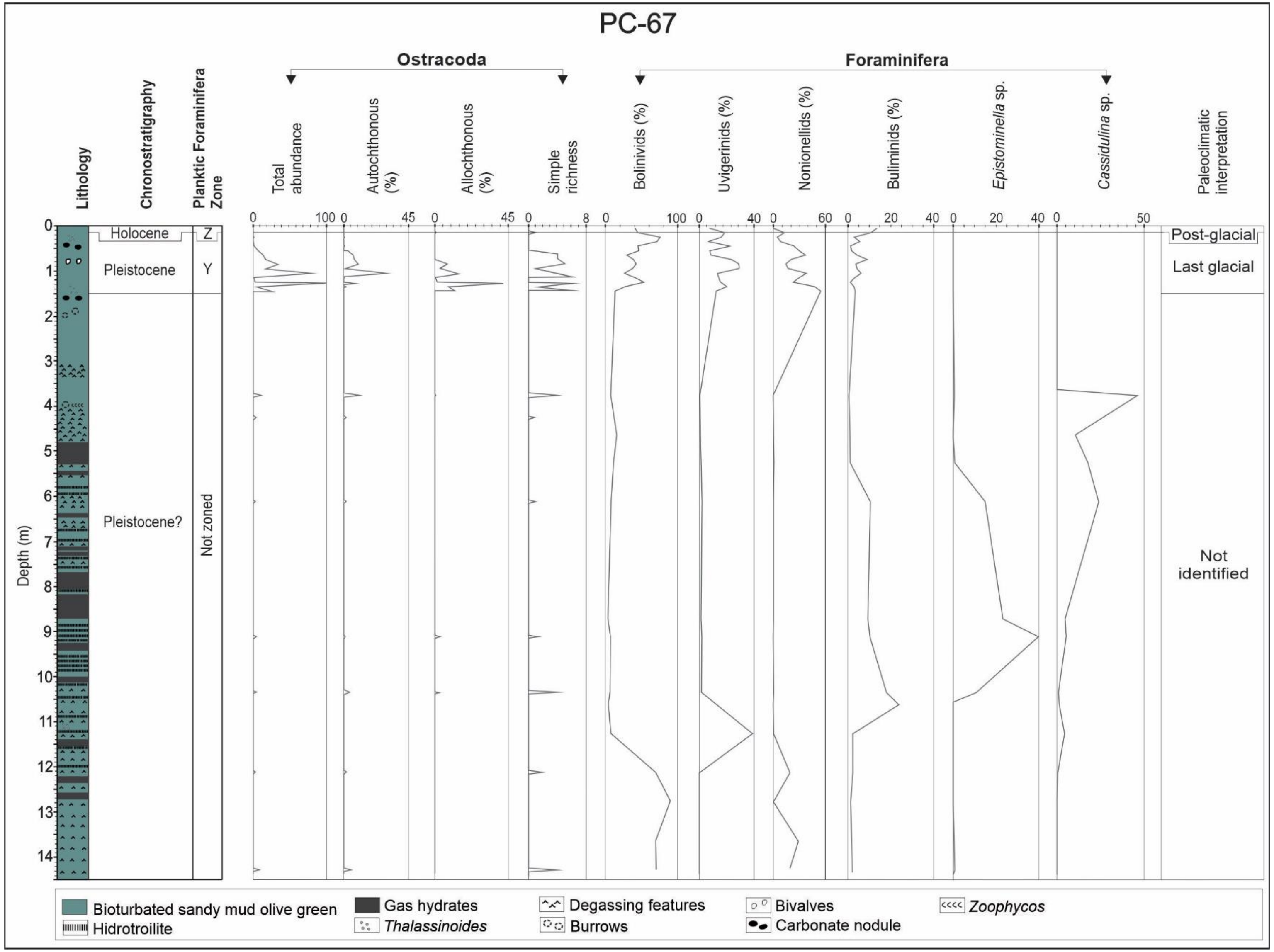


Text-figure 3. Distribution of ostracods and foraminifera in the core PC-34 and their lithological, biostratrigraphic and paleoclimatological aspects.

The relationship between ostracods (*Macropyxis, Cytheropteron, Krithe* and *Apatihowella)* and foraminifera (*Bulimina* spp. and *Uvigerina* spp.) suggests that both are adapted to deep waters and tolerated environments with rich in organic matter and the presence of bacteria. These data can be corroborated by studies that demonstrated that *Bulimina* colonizes deep environments in anoxic sediments, feeding on bacteria and *Uvigerina* presents greater abundance where there is a rich supply of labile organic matter and a high concentration of bacteria (Altenbach and Sarnthein 1989; Altenbach et al. 1999; Fontanier et al. 2002; Torres et al. 2003; Panieri 2005). In addition, Bernhard et al. (2001) demonstrated when analyzing samples collected from cold infiltrations in Monterey Bay, California that *Uvigerina peregrina* harbored prokaryotes in its pores. The authors also suggested that the relationship with these bacteria would be related to the survival of foraminifera in infiltration environments.

In the cores PC-67 and PC-76, data analysis of benthic foraminifera showed a reduction in the abundance of the genus *Bulimina*. This event may be associated with the proximity of degassing features, suggests that this species cannot tolerate low-oxygen stressful environment. Research developed by Jones (1993) and Coles et al. (1996) in the North Sea and Porcupine Basin (Offshore Western Ireland) corroborate this data, by showing a positive correlation with seepage and an association formed by *Uvigerina peregrina*, buliminids (*Cassidulina*) and rotaliids (*Hyalinea* and *Elphidium*) leading to a greater abundance of these taxa. In contrast, a negative correlation was observed between gas escape and the abundance of *Bulimina marginata* d'Orbigny 1826 and *Trifarina angulosa* (Williamson 1858), which suffered a great reduction. In this study, the occurrence of the ostracods (*Apatihowella*, *Cytherella* and *Macropyxis*) associate with infaunal foraminifera (*Cassidulina* spp.), in a deep and cold environment, indicates that its presence may also be related to pulses of organic matter in the area (Thomas Gooday 1996; Murray 2006).

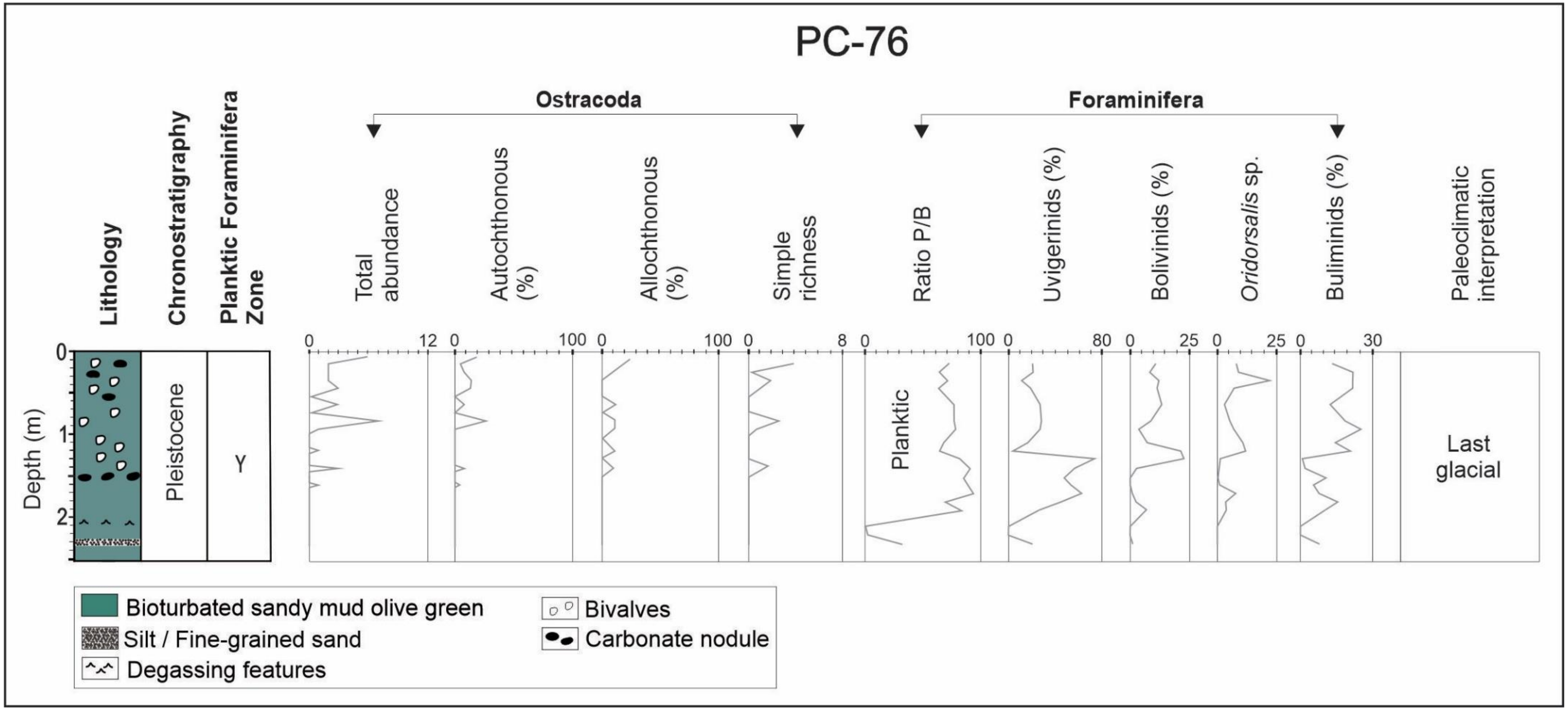
In the core PC-67, although it is dominated by infaunal species (especially uvigerinids and buliminds), which may indicate a constant organic matter entry, the restricted association between *Eucytherura fossapunctata* and *Rimacytheropteron longipunctatum* (Breman 1976) with opportunistic species of the genus *Epistominella* suggests that ostracods can also occur in environments with



Text-figure 4. Distribution of ostracods and foraminifera in the core PC-67 and their lithological, biostratrigraphic and paleoclimatological aspects.

seasonal phytodetritus inputs. The abundance of *Epistominella* spp. in the core PC-67 (samples 872.5 cm, 912.5 cm and 1032.5 cm) may be associated with intervals with seasonal phytoplankton productivity and phytodetritus deposition (Thomas et al. 1995; de Almeida et al. 2015; Rodrigues et al. 2018). Furthermore, a negative correlation between the relative abundances of *Epistominella* spp. (epifauna) and *Uvigerina* spp. (infaunal), evidence of a period characterized by variations in the intensity of entry of organic matter into the environment (Gooday 1993; Thomas and Gooday 1996; Rodrigues et al. 2018).

The occurrence of *E. fossapunctata* in samples containing gas hydrates, added to the morphological characteristics of the valves surface, corroborates the idea that this species belonged to a chemosynthetic community in the Rio Grande Cone. Maia et al. (2021) identified the species *E. fossapunctata* ornamented with groups of wells, secondary cross-linking and pore clusters. Similar results can be observed in the research by Van Harten (1993) who verified in an environment of hydrothermal vents that the genus *Xylocythere* had clusters of pores covered by colonies of exosymbiont bacteria and suggested that the clusters of pores functioned as facilitators for the absorption of nutrients. In addition, Yasuhara et al. (2018) studied ostracods cold methane seep site from an active pockmark, at the western Svalbard margin, Fram Strait, and suggested that the primary crosslinking and pore clusters observed in *Rosaliella svalbardensis* Yasuhara et al. 2018 and the secondary crosslinking and pores present in *Cytheropteron carolinae* Whatley and Coles 1987 may be



Text-figure 5. Distribution of ostracods and foraminifera in the core PC-76 and their lithological, biostratrigraphic and paleoclimatological aspects.

strongly associated with ectosymbiosis with chemoautotrophic bacteria. Based on this relationship between the morphological characteristic and symbiosis with chemoautotrophic bacteria, the species *R. svalbardensis* was considered an indicator of paleo-methane. The results of these works suggest that *E. fossapunctata, Xylocythere, R. svalbardensis* and *C. carolinae* present morphological similarities that can represent a convergence and evolutionary adaptation to chemosynthetic environments.

It was possible to observe a similarity between the ostracod and foraminifera assemblage in the present work with the assemblage associated with gas hydrates recovered by Coles et al. (1996) in Porcupine Basin, Ireland. The similarities between the Porcupine and Pelotas basins assemblages are also clear regarding to the ostracod fauna, with the presence of the following genera: *Paracytherois, Cytheropteron, Cytherella, Krithe* and *Henryhowella*. This result demonstrates that these ostracod genera are adapted to several marine environments, including deep environments and associated with gas hydrates.

CONCLUSIONS

The present work identified a bathyal assemblage of ostracods associated with allochthonous neritic species. Among the autochthonous taxa identified, *Paracytherois, Cytheropteron, Cytherella, Macropyxis, Krithe hunti, Krithe reversa, Henryhowella asperrima, Eucytherura fossapunctata, Rimacytheropteron longipunctatum, Apatihowella bernardi* and *Apatihowella convexa* are related to environments of gas hydrates and associated with a chemosynthetic community in bathyal eutrophic-mesotrophic environment in a dysoxic-anoxic condition. The foraminifera of the genus *Bolivina, Bulimina, Nonion, Nonionellina, Oridorsalis,* *Uvigerina*, *Epistominella* and *Cassidulina* were also related to environments with gas hydrates.

Although a positive relationship was verified between *Eucytherura fossapunctata* and *Rimacytheropteron longipunctatum* with the ranges of high phytoplankton productivity and seasonal deposition of phytodetritus, new studies could be developed to better understand this relationship.

This study also revealed that the fauna of bathyal ostracods showed greater abundance and richness in samples recovered from wells with direct and indirect evidence of gas hydrates.

ACKNOWLEDGEMENTS

The first author thanks the CNPq (*Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico*) for the financial support. The authors would like to thank Petrobras and PUCRS (*Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul*) for supplying the samples and the Conegas project team for their assistance in collecting the samples. We express our gratitude to Cristianini Trescastro Bergue for invitation to contribute to this thematic issue, and to the reviewers for the suggestions to the improvement of the original version of this manuscript.

REFERENCES

AIELLO, G., BARRA, D. and BONADUCE, G., 2000. Systematics and biostratigraphy of the Ostracoda of the Plio–Pleistocene Monte S. Nicola section (Gela, Sicily). *Bollettino della Società Paleontologica Italiana*, 39: 83–112.

AKIMOTO, K., TANAKA, T., HATTORI, M. and HOTTA, H., 1994. Recent benthic foraminiferal assemblages from the cold seep communities-a contribution to the methane gas indicator. In: Tsuchi, R. (Ed.), Pacific Neogene Events in Time and Space. University of Tokyo Press, Tokyo, pp. 11–25.

ANJOS, G.S. and CARREÑO, A.L., 2004. Bioestratigrafia (Foraminiferida) da Sondagem 1-SCS-3b, Plataforma de Florianópolis, Bacia de Pelotas. *Revista Brasileira de Paleontologia,* 7 (2): 127–138.

BANDY, O.L. and CHIERICI, M.A., 1966. Depth-temperature evaluation of selected California and Mediterranean bathyal foraminifera. *Marine Geology*, 4: 259–271.

———, 1960. General correlation of foraminiferal structure with environment. *International Geological Congress*, 21st Ses., Copenhagen, 22: 7–19.

BERGUE, C.T., COIMBRA, J.C. and CRONIN, T.M., 2007. Cytherellid species (Ostracoda) and their significance to the late Quaternary events in the Santos Basin, Brazil. *Senckenbergiana maritima,* 37: 5–12.

BERGUE, C.T., COIMBRA, J.C. and RAMOS, M.I.F., 2016. Taxonomy and bathymetric distribution of the outer neritic/upper bathyal ostracodes (Crustacea: Ostracoda) from the southernmost Brazilian continental margin. *Zootaxa,* 4079 (1): 065–086. DOI: 10.11646/zootaxa.4079.1.5

BERGUE, C.T., COSTA, K.B., DWYER, G. and MOURA, C.A.V., 2006. Bathyal ostracodes diversity in the Santos Basin, Brazilian southeast margin: response to late Quaternary climate changes. *Revista Brasileira de Paleontologia,* 9: 201–210.

BERNHARD, J.M. and ALVE, E., 1996. Survival, ATP pool, and ultrastructural characterization of benthic foraminifera from Drammensfjord (Norway); response to anoxia. *Marine Micropaleontology,* 28 (1): 5–17.

BERNHARD, J.M., SEN GUPTA, B. K. and BORNE, P.F., 1997. Benthic foraminiferal proxy to estimate dysaerobic bottom-water oxygen concentrations:

Santa Barbara Basin, US Pacific continental margin. *Journal of Foraminiferal Research*, 27: 301–10.

BERNHARD, J.M., BUCKB, K. R. and BARRY, J.P., 2001. Monterey Bay cold-seep biota: Assemblages, abundance, and ultrastructure of living foraminifera. *Deep-Sea Research I,* 48: 2233–2249.

BERTELS, A. and MADEIRA-FALCETTA, M., 1977. Neogene Foraminifera of the South Atlantic. In: F.M. Swain (ed.) Stratigraphic Micropaleontology of Atlantic Basins and Borderlands, *Elsevier,* 441–465.

BOLTOVSKOY, E., 1959. Foraminiferos recentes del sur de Brasil y sus relaciones com los de Argentina e India del Oeste. Rep. Arg. Seer, de Marinha. *Serie Hidrog. Naval H.* 1005:1–124.

BOLTOVSKOY, E. and WRIGHT, R., 1976. Recent Foraminifera. Dordrecht, Springer Netherlands, 515 p.

BOETIUS, A., RAVENSCHLAG, K., SCHUBERT, C.J., RICKERT. D., WIDDEL, F., GIESEKE, A., AMANN, R., JØRGENSEN, B.B., WITTE, U. and PFANNKUCHE, O., 2000. A marine microbial consortium apparently mediating anaerobic oxidation of methane. *Nature,* 407: 623–626.

BOLTOVSKOY, E., THIESEN, Z.V. and FALCETTA, M.M. 1983. Foraminíferos de cuatro perforaciones de la planicie de Rio Grande do Sul (Brasil). *Pesquisas,* 15: 127–149.

BONADUCE, G., CIAMPO, G. and MASOLI, M., 1976. Distribution of Ostracoda in the Adriatic Sea. *Pubblicazioni della Stazione Zoologica di Napoli,* 40: 1–154.

BRANDÃO, S.N., 2010. Macrocyprididae (Ostracoda) from the Southern Ocean: taxonomic revision, macroecological patterns, and biogeographical implications. *Zoological Journal of the Linnean Society,* 159: 567–672.

BRENT WILSON, B., COIMBRA, J.C. and HAYEK, L-A.C. 2020. Benthic foraminifera and Neogene sea level changes in the Pelotas Basin, offshore south Brazil. *Ocean and Coastal Research*, 68: e20333. DOI: 10.1590/s2675-28242020068333

BUENO, G.V., ZACHARIAS, A.A., OREIRO, S.G., CUPERTINO, J. A., FALKENHEIN, F. and MARTINS NETO, M. A., 2007. Bacia de Pelotas. *Boletim de Geociências da Petrobras,* 15 (2): 551–559.

BURMISTROVA, I.I.; KHUSID, T.A.; BELYAEVA, N.V. and CHEKHOVSKAYA, M.P. 2007. Agglutinated Abyssal Foraminifers of the Equatorial Pacific. *Oceanology,* 47 (6): 824–832.

CARREÑO, A.L., COIMBRA, J.C. and CARMO, D.A., 1999. Late Cenozoic sea level changes evidenced by ostracodes in the Pelotas Basin, southernmost Brazil. *Marine Micropaleontology,* 37: 117–129.

CARREÑO, A.L., COIMBRA, J.C. and SANGUINETTI, Y.T., 1997. Biostratigraphy of Late Neogene and Quaternary ostracodes from Pelotas Basin, Southern Brazil. *Gaia,* 15: 33–44.

CARVALHO, M.G.P., 1980. Análise de foraminíferos dos testemunhos da Plataforma Continental Sul do Brasil. *Anais da Academia Brasileira de Ciências,* 52 (2): 379–402.

CASTILLO, L.L.L., KAZMIERCZAK, T. S., CHEMALE, F. 2009. Rio Grande Cone Tectono-stratigraphic model – Brazil: Seismic sequences. *Earth Sciences Research Journal,* 13 (1): 40–53.

CLOSS, D. 1966a. The presence and stratigraphical importance of the Orbulina surface in southern Brazil. *Notas e Estudos (Escola de Geologia de Porto Alegre),* 1 (2): 3–8.

———, 1966b. Cenozoic stratigraphy of the southern Brazil. In: West African *Micropaleontological Colloquium,* 2, 1965. Proceedings, Ibadan, 34–44.

———, 1967. Miocene planktonic foraminifera from Southern Brazil. *Micropaleontology*, 13 (3): 337–344.

CLOSS, D. and BARBERENA, M.C., 1962. Faunal studies of recent foraminifera from the shore sands of the state Rio Grande do Sul in southern Brazil. Contr. *Cushman Fdn foramin. Res.,* 13 (3): 74–78.

CLOSS, D. and MADEIRA, M.L. 1968. Cenozoic Foraminífera from the Chuy Drill Hole, Northern Uruguay. *Ameghiniana,* 5 (7): 229–246.

COLES, G.P., AINSWORTH, N.R., WHATLEY, R.C. and JONES, R.W., 1996. Foraminifera and Ostracoda from Quaternary carbonate mounds associated with gas seepage in the Porcupine Basin, off-shore Western Ireland. *Revista Espanola de Micropaleontologia,* 28 (2): 113–151.

CORLISS, B. H., 1991. Morphology and microhabitat preferences of benthic foraminifera from the northwest Atlantic Ocean. *Marine Micropaleontology,* 17: 195–236.

CULVER, S. J. and BUZAS, M.A., 1980. Distribution of Recent Benthic Foraminifera off the North American Atlantic Coast, *Smithsonian Contributions to the Marine Sciences,* Number 6.

DE ALMEIDA, F.K., DE MELLO, R.M., COSTA, K.B. and TOLEDO, F.A.L., 2015. The response of deepwater benthic foraminiferal assemblages to changes in paleoproductivity during the Pleistocene (last 769.2 kyr), western South Atlantic Ocean. *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*. 440, 201–212. DOI: 10.1016/j.palaeo.2015.09.005

DINGLE, R.V. and LORD, A.R., 1990. Benthic ostracods and deep water-masses in the Atlantic Ocean. *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology,* 80 (1990): 213–235.

DO CARMO, D.A. and SANGUINETTI, Y., 1999. Taxonomy and palaeoceanographical significance of the genus *Krithe* (Ostracoda) in the Brazilian margin. *Journal of Micropalaeontology,* 18: 11–123.

EICHLER, P.B., PIMENTA, F.M., EICHLER, B.B. and VITAL, H., 2014. Living Bulimina marginata in the SW Atlantic continental margin: Effect of the Subtropical Shelf Front and South Atlantic Central Water. *Continental Shelf Research,* 89: 88–92.

ERICSON, D.B. and WOLLIN, G., 1968. Pleistocene Climates and Chronology in Deep-Sea Sediments. *Science,* 162 (3859), 1227–1234.

FERNANDES, J.M.G., 1975. O Gênero Uvigerina (Foraminiferida) do Cenozóico Superior da Bacia de Pelotas. Programa de Pós-graduação em Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dissertação de Mestrado, 122 p.

FONTANIER, C., JORISSEN, F. J., LICARI, L., ALEXANDRE, A., ANSCHUTZ, P. and CARBONEL, P., 2002. Live benthic foraminiferal faunas from the Bay of Biscay: faunal density, composition and microhabitats. *Deep-Sea Research I,* 49: 751–785.

FRENZ, M. and HENRICH, R., 2007. Carbonate dissolution revealed by silt grain-size distribution: comparison of Holocene and Last Glacial Maximum sediments from the pelagic South Atlantic. *Sedimentology*, 54 (2): 391–404.

G. SREENIVASULU, G., PRASEETHA, B.S., DAUD, N.R., VARGHESE, T.I. and PRAKASH, T.N., 2019. N. Jayarajuc Benthic foraminifera as potential ecological proxies for environmental monitoring in coastal regions: A study on the Beypore estuary, Southwest coast of India. *Marine Pollution Bulletin,* 138: 341–351.

GIBSON, T.G., 1989. Planktonic benthonic foraminiferal ratios: Modern patterns and Tertiary applicability. *Marine Micropaleontology*, 15 (1–2): 29–52.

GIONGO, A., HAAG, T., LOPES SIMÃO, T.L., MEDINA-SILVA, R., UTZ, L.R.P., BOGO, M.R., BONATTO, S.L., ZAMBERLAN, P.M., AUGUSTIN, A.H., LOUREGA, R.V., RODRIGUES, L.F., SBRISSA, G. F., KOWSMANN, R.O., FREIRE, A.F.M., MILLER, D.J., VIANA, A. R., KETZER, J.M.M. and EIZIRIK, E., 2016. Discovery of a chemosynthesis-based community in the Western South Atlantic Ocean. *Deep-Sea Research,* Part I 112: 45–56. DOI: 10.1016/j.dsr.2015.10.010

GOODAY, A., 1993. Deep-sea benthic foraminiferal species which exploit phytodetritus:
characteristic features and controls on distribution. *Marine Micropaleontology,* 22: 187–205.

———, 1994. The biology of deep-sea foraminifera: a review of some advances and their applications in paleoceanography. *Palaios,* 9 (1): 14–31.

GOODAY, A. J., BERNHARD, J. M., LEVIN, L. A. and SUHR, S. B. 2000. Foraminifera in the Arabian Sea oxygen minimum zone and other oxygen-deficient settings: taxonomic composition, diversity, and relation to metazoan faunas. *Deep-Sea Research II*, 47: 25–54.

GRUNET, P.; ROSENTHAL, Y.; JORISSEN, F.; HOLBOURN, A.; ZHOU X. and PILLER, W.E. 2018. Mg/Ca-temperature calibration for costate *Bulimina* species (B*. costata, B. inflata, B. mexicana*): A paleothermometer for hypoxic environments. *Geochimica et Cosmochimica Acta,* 220: 36–54.

HEINZ, P.; SOMMER, S.; PFANNKUCHE, O.; HEMLEBEN, C. 2005. Living benthic foraminifera in sediments influenced by gas hydrates at the Cascadia convergent margin, NE Pacific. *Marine Ecology Progress Series*, 304: 77-80.

HERMELIN, J.O.R. and SHIMMIELD, B.G., 1990. The importance of the oxygen minimum zone and sediment geochemistry in the distribution of recent benthic foraminifera in the Northwest Indian Ocean. *Marine Geology* 91, 1–1029

JONES R.W., 1993. Preliminary Observations on Benthonic Foraminifera associated with a Biogenic Gas Seep in the North Sea. In Jenkins, D.G. (Ed.): Applied Micropalaeontology. Dordrecht; Kluwer Academic Publishers, pp. 69–91.

JORISSEN, F.J., 1987. The distribution of benthic foraminifera in the Adriatic Sea. *Marine Micropaleontology,* 12: 21–48.

JORISSEN, F.J., DE STIGTER, H.C. and WIDMARK, J.G.V., 1995. A conceptual model explaining benthic foraminiferal microhabitats: *Marine Micropaleontology,* 26: 3–15.

JORISSEN, F. J., WITTLING, I., PEYPOUQUET, J. P., RABOUILLE, C. and RELEXANS, J.C., 1998. Live benthic foraminiferal faunas off Cape Blanc, NW-Africa: community structure and microhabitats. *Deep-Sea Research I,* 45: 2157–2188.

KAIHO, K., 1999. Effect of organic carbon flux and dissolved oxygen on the benthic foraminiferal oxygen index (BFOI). *Marine Micropaleontology,* 37: 67–76.

———, 1994. Benthic foraminiferal dissolved-oxygen index and dissolved-oxygen levels in the modern ocean. *Geology*, 22: 719–722.

KETZER, M.; PRAEG, D.; PIVEL, M. A.; AUGUSTIN, A.H.; RODRIGUES, L.; VIANA, A. R.; CUPERTINO, J. A. 2019. Gas Seeps at the Edge of the Gas Hydrate Stability Zone on Brazil’s Continental Margin. Geosciences, 9: 193

KOUTSOUKOS, E.A.M., 1982. Geohistória e Paleoecologia das Bacias Marginais de Florianópolis e Santos. Congresso Brasileiro de Geologia, 32, Resumos expandidos, 5, 2369–2382.

LIEBAU, A., 2005. A revised classification of the higher taxa of the Ostracoda (Crustacea). *Hydrobiologia,* 538: 115–137.

LOEBLICH, A.R. and TAPPAN, H., 1988. Foraminiferal genera and their classification. 1ª ed. Nova Iorque, *Van Nostrand Reinhold Company*, 2 vol., 970 p. + 847 p.

LOBEGEIER, M.K. and SEN GUPTA, B.K., 2008. Foraminifera of Hydrocarbon Seeps, Gulf of Mexico. *Journal of Foraminiferal Research,* 38 (2): 93–116.

MACKENSEN, A., SCHMIEDL, G., HARLOFF, J. and GIESE, M., 1995. Deep-sea foraminifera in the South Atlantic Ocean. *Micropaleontology,* 41 (4): 342–358.

MADEIRA-FALCETA, M., 1974. Ecological distribuition of thecamoebal and foraminiferal association in the mixohaline environments of the southern Brazilian litoral. *Anais da Academia Brasileira de Ciências,* 46 (3/4): 667–687.

MAIA, R.J.A., BERGUE, C.T., PIOVESAN, E.K., ZERFASS, G.S.A. and MELO, R.M., 2021. Bathyal ostracods from the Upper Pleistocene of the Rio Grande Cone, Pelotas Basin, Brazil. *Revue de Micropaléontologie,* 71: 100483. DOI: 10.1016/j.revmic.2021.100483

MANICA, R.M., BERGUE, C.T. and COIMBRA, J.C., 2015. The lower Miocene Cytherellids (Crustacea, Ostracoda) from the Pelotas Basin and their significance for the South Atlantic Paleozoogeography. *Revista Brasileira de Paleontologia,* 18 (2): 217–224. DOI: 10.4072/rbp.2015.2.03

MANICA, R.M. and COIMBRA, J.C., 2016. A new species of Trachyleberididae (Ostracoda, Crustacea) from the Early Miocene of the Pelotas Basin, southernmost Brazil. *Ameghiniana,* 53 (1): 52-57. DOI: 10.5710/AMGH.10.09.2015.2872

MARTINS, L.R., 1983. Modelo Sedimentar no Cone de Rio Grande. Tese de Doutoramento, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 222 p.

MARTINS, V., DUBERT, J., JOUANNEAU, J.-M., WEBER, O., DA SILVA, E. F., PATINHA, C., ALVEIRINHO DIAS, J. M. and ROCHA, F., 2007. A multiproxy approach of the Holocene evolution of shelf–slope circulation on the NW Iberian Continental Shelf. *Marine Geology,* 239: 1–18.

MARTINS, L.R., URIEN, C.M. and BUTLER, L.W., 1972. Províncias fisiográficas e sedimentos da margem continental atlântica. *Congresso Brasileiro de Geologia,* 26, *Anais*, 105–114.

MILLER, D.J., KETZER, J.M., VIANA, A.R., KOWSMANN, R.O., DFREIRE, A.F., OEIRO, S.G., AUGUSTIN, A.H., LOUREGA, R.V., RODRIGUES, L.F., HEEMANN, R., PREISSLER, A.G., MACHADO, C.X. and SBRISSA, G.F., 2015. Natural gas hydrates in the Rio Grande Cone (Brazil): A new province in the western South Atlantic. *Marine and Petroleum Geology,* 67: 187–196.

MORIGI, C., JORISSEN, F. J., GERVAIS, A., GUICHARD, S. and BORSETTI, A. M., 2001. Benthic foraminiferal faunas in surface sediments off NW Africa: relationship with organic flux to the ocean floor. *Journal of Foraminiferal Research,* 31 (4): 350–368.

MURRAY, J.W., 1973. Distribution and ecology of living benthic foraminiferids. *Crane Russak & Co.*, New York. xiii + 274 p.

———, 1991. Ecology and palaeoecology of benthic Foraminifera. *Harlow, Longman Scientific & Technical,* 397 p.

———, 2006. Ecology and Applications of Benthic Foraminifera. *Cambridge University Press.* New York, 440p.

NOMAKI, H., HEINZ, P. and NAKATSUKA, T., 2006. Different ingestion patterns of 13C-labeled bacteria and algae by deep-sea benthic foraminifera. *Marine Ecology Progress Series,* 310: 95–108.

PANIERI, G., 2005. Benthic foraminifera associated with a hydrocarbon seep in the Rockall Trough (NE Atlantic). *Geobios,* 38: 247–255.

PETRÓ, S.M., COSTA, E.O., PIVEL, M.A.G. and COIMBRA, J.C., 2018. Registro das Flutuações da Lisoclina e da CCD no Quaternário Tardio na Bacia de Pelotas. *Anuário do Instituto de Geociências,* 41 (2): 710–719. DOI: 10.11137/2018_2_710_719

PORTILHO-RAMOS, R.C.; CRUZ, A.P.S.; BARBOSA, C.F.; RATHBURN, A.E.; MULITZA, S.; VENANCIO, I.M.; SCHWENK, T.; RÜHLEMANN, C.; VIDAL, L.; CHIESSI, C.M.; SILVEIRA, C.S. 2018. Methane release from the southern Brazilian margin during the last glacial. Science Reports, 8, 5948.

PUJOS-LAMY, A., 1973. *Bolivina subaenariensis* Cushman, indicateur d’un milieu confiné dans le Gouf de Cap-Breton. *Comptes Rendus Académie Sciences* (Paris), D277: 2655–8.

RATHBURN, A.E., LEVIN, L.A., HELD, Z. and LOHMANN, K.C., 2000. Benthic foraminifera associated with cold methane seeps on the northern California margin: Ecology and stable isotopic composition. *Marine Micropaleontology*, 38, 247–266.

REUSS, A.M., 1850. Die fossilen Entomostraceen des öesterreichischen Tertiärbeckens. *Haidingers Naturwissenschaftliche Abhandlungen,* 3: 41–92.

RODRIGUES, M.A.C. and CARVALHO, M.G.P., 1980. Curvas paleoclimáticas com base em foraminíferos de testemunhos da Plataforma Sul-Brasileira. *Anais da Academia Brasileira de Ciências,* 52 (3): 617–625.

RODRIGUES, A.R., PIVEL, M.A.G., SCHMITT, P., ALMEIDA, F.K. and BONETTI, C., 2018. Infaunal and epifaunal benthic foraminifera species as proxies of organic matter paleofluxes in the Pelotas Basin, south-western Atlantic Ocean. *Marine Micropaleontology,* 144, 38–49. DOI: 10.1016/j.marmicro.2018.05.007

SANGUINETTI, Y.T., 1979. Miocene ostracodes of the Pelotas Basin, State of Rio Grande do Sul, Brasil. *Pesquisas* 12, 119–187.

———, 1980. Bioestratigrafia (ostracodes) do Mioceno da Bacia de Pelotas, Rio grande do Sul. *Pesquisas* 13, 7–34.

———, 1993. Ostracoda Substutional Name. *Pesquisas* 20 (1): 78.

SANGUINETTI, Y.T., ORNELLAS, L.P. and COIMBRA, J.C., 1991. Post Miocene Ostracodes from Pelotas Basin, Southern Brazil. *Taxonomy – Part I. Pesquisas* 8 (2), 138–155.

SANGUINETTI, Y.T., ORNELLAS, L.P., COIMBRA, J.C. and RAMOS, M.I.F., 1992. Post Miocene Ostracods Form Pelotas Basin, Southern Brazil. Taxonomy – Part II. *Pesquisas* 19 (2): 155–166.

SARS, G.O., 1923. An account of the Crustacea of Norway with short descriptions and figures of all species. - Crustacea of Norway: Polycopidae, Cytherellidae, Cypridae. 9th ed. *Bergen,* 1–277.

SEIGLIE, G.A., 1968. Foraminiferal Assemblages as indicators of high organic carbon content in sediments and of polluted waters. *The American Association of Petroleum Geologists Bulletin,* 52 (11): 2231–2241.

SEN GUPTA, B.K., PLATON, E., BERNHARD, J.M., AHARON, P. 1997. Foraminiferal colonization of hydrocarbon-seep bacterial mats and underlying sediment, Gulf of Mexico slope. *Journal of Foraminiferal Research*, 27: 292–300

SEN GUPTA, B.K., LEE, R.F. and MAY, M.S., 1981. Upwelling and an unusual assemblage of benthic foraminifera on the northern Florida continental slope. *Journal of Paleontology,* 55: 853–857.

SEN GUPTA, B.K. and MACHAIN-CASTILLO, M. L., 1993. Benthic foraminifera in oxygen-poor habitats. *Marine Micropaleontology,* 20: 183–201.

SEN GUPTA, A.K. and SRINIVASAN, M. S., 1990. Response of Northern Indian Ocean deep-sea benthic foraminifera to global climates during Pliocene-Pleistocene. *Marine Micropaleontology,* 16: 77–91.

SMITH, P.B., 1964. Ecology of benthonic species. U. S. *Geological Professional Paper,* 429-B: 1–55.

SPRECHMANN, P., 1978. The Paleoecology and Paleooceanography of the Uruguayan coastal area during the Neogene and Quaternary. *Zitteliana,* 4, 3–72.

STRAMMA, L. and ENGLAND, M., 1999. On the water masses and mean circulation of the South
Atlantic Ocean. *Journal of Geophysical Research,* 104, (C9): 20,863–20,883.

TANAKA, H., 2018. Cold-seep ostracods from the western Svalbard margin: direct palaeo-indicator for methane seepage? *Journal of Micropalaeontology*, 37: 139–148. DOI: 10.5194/jm-37-139-2018

TANAKA, H. and YASUHARA, M., 2016. A New Deep-Sea Hydrothermal Vent Species of Ostracoda (Crustacea) from the Western Pacific: Implications for Adaptation, Endemism, and Dispersal of Ostracodes in Chemosynthetic Systems. *Zoological Science*, 33 (5): 555–565. DOI: 10.2108/zs160079

THIESEN, Z.V., 1975. Bolivinitidae e Caucasinidae (Foraminiferida) do Cenozóico Superior da Bacia de Pelotas, Rio Grande do Sul. *Acta Geológica Leopoldensia,* 2 (3): 3–82.

THIESEN, Z.V. and MADEIRA-FALCETTA, M., 1984. Foraminíferos e a evolução paleoecológica da porção norte da província costeira do Rio Grande do Sul. In: Congresso Brasileiro de Geologia, 33, Resumos expandidos, Rio de Janeiro, *SBG,* 316–321.

THOMAS, E., BOOTH, L., MASLIN, M. and SHACKLETON, N.J., 1995. Northeastern Atlantic benthic foraminifera during the last 45,000 years: changes in productivity seen from the bottom up. *Paleoceanography*, 10 (3): 545–562.

THOMAS, E. and GOODAY, A.J., 1996. Cenozoic deep-sea benthic foraminifers: tracers for changes in oceanic productivity? *Geology,* 24: 355–358.

TORRES, M.E., MIX, A.C., KINPORTS, K., HALEY, B., KLINKHAMMER, G.P., MCMANUS, J. and DE ANGELIS, M. A., 2003. Is methane venting at the seafloor recorded by δ13C of benthic foraminifera shells? *Paleoceanography*, 18: 1062. DOI: 10.1029/2002PA000824.

VAN DER ZWAAN, G. J., JORISSEN, F. J., and DE STIGTER, H. C., 1990. The depth dependancy of planktonic/benthic foraminiferal ratios: Constraints and applications. *Marine Geology,* 95 (1): 1–16.

VAN DER ZWAAN, G. J., DUIJNSTEE, I. A. P., DEN DULK, M., ERNST, S. R., JANNINK, N. T. and E KOUWENHOVEN, T. J., 1999. Benthic foraminifers: proxies or problems?. A review of paleocological concepts. *Earth-Science Reviews,* 46: 213–2336.

VAN HARTEN, D., 1993. Deep sea hydrothermal vent eucytherurine Ostracoda: the enigma of the pore clusters and the paradox of the hinge. In “Ostracoda in the earth and life sciences” Ed by

KG McKenzie, PJ Jones, A.A. Balkema, Rotterdam, pp 571–580.

VAN MORKHOVEN, F.P.C.M., BERGGREN, W.A. and EDWARD, A.S., 1986. Cenozoic cosmopolitan deep-water benthic foraminifera. *Bulletin Centre Research Exploration et Production Elf-Aquitaine Memoire,* 11: 1–421.

VERHALLEN, P.J.J.M., 1987. Early development of Bulimina marginata in relation to paleoenvironmental changes in the Mediterranean. *Proceedings Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen*, Series B 90, 161–180.

VICALVI, M.A. 1997. Zoneamento bioestratigráfico e paleoclimático dos sedimentos do Quaternário superior do talude da Bacia de Campos, RJ, Brasil. *Boletim de Geociências da Petrobras* 11 (1/2): 132–165.

———, 2011a. Posicionamento cronoestratigráfico das amostras dos testemunhos PC-54 e PC-56, localizados no Cone do Rio Grande, com base em foraminíferos planctônicos (Campanha MR-11). *Petrobras Internal Report* 9p.

———, 2011b. Posicionamento cronoestratigráfico das amostras dos testemunhos PC-33, PC-34, PC-36 e PC-39, localizados no Cone do Rio Grande, com base em foraminíferos planctônicos (Campanha MR-11). *Petrobras Internal Report* 13p.

———, 2011c. Posicionamento cronoestratigráfico das amostras do testemunho PC-67, localizado no Cone do Rio Grande, com base em foraminíferos planctônicos (Campanha MR-11). *Petrobras Internal Report* 14p.

———, 2011d. Posicionamento cronoestratigráfico das amostras do testemunho PC-76, localizado no Cone do Rio Grande, com base em foraminíferos planctônicos (Campanha MR-11). *Petrobras Internal Report* 11p.

WHATLEY, R.C., STAUNTON, M., KAESLER, R. and MOGUILEVSKY, A., 1996. The taxonomy of recent Ostracoda from the southern part of the Magellan Straits. *Revista Española de Micropaleontología,* 28, 51–76.

WILSON, B., COIMBRA, J.C. and HAYEK, L.-A. C., 2020. Benthic foraminifera and Neogene sea level changes in the Pelotas Basin, offshore south Brazil. *Ocean and Coastal Research,* 68: e20333. DOI: 10.1590/s2675-28242020068333

YASUHARA, M., SZTYBOR, K., RASMUSSEN, Tine L., OKAHASHI, H., SATO, R. and TANAKA, H., 2018. Cold-seep ostracods from the western Svalbard margin: direct palaeo-indicator for methane seepage? Journal de Micropalaeontology, 37: 139–148. DOI: 10.5194/jm-37-139-2018

SYSTEMATIC PALAEONTOLOGY – Bathyal ostracods

Subclass OSTRACODA Latreille 1802
Superorder PODOCOPOMORPHA Kozur 1972
Order PLATYCOPIDA Sars 1866
Superfamily CYTHERELLOIDEA Sars 1866
Family CYTHERELLIDAE Sars 1866
Genus *Cytherella* Jones 1894
Cytherella santosensis Bergue, Coimbra and Cronin 2007
Cytherella sp. 1
Cytherella sp. 2

Order PODOCOPIDA Sars 1866

Suborder CYPRIDOCOPINA Jones 1901

Superfamily MACROCYPRIDOIDEA Müller 1912

Family MACROCYPRIDIDAE Müller 1912

Genus *Macropyxis* Maddocks 1990

Macropyxis sp. aff. *M. alanlordi* Brandão 2010

Superfamily PONTOCYPRIDOIDEA Müller 1894

Family PONTOCYPRIDIDAE Müller 1894

Genus *Argilloecia* Sars 1866

Argilloecia sp. 1

Argilloecia sp. 2

Argilloecia sp. 3

Suborder CYTHEROCOPINA Gründel 1967

Superfamily PARADOXOSTOMATOIDEA Brady and Norman 1889

Family PARADOXOSTOMATIDAE Brady and Norman 1889

Genus *Paracytherois* Müller 1894

Paracytherois sp. 1

Paracytherois sp. 2

Suborder CYTHEROCOPINA Gründel 1967

Infraorder NOMOCYTHERININA Liebau 1991

Superfamily CYTHEROIDEA Baird 1850

Family CYTHERURIDAE Müller 1894

Genus *Cytheropteron* Sars 1866

Cytheropteron sp. 1

Cytheropteron sp. 2

Genus *Rimacytheropteron* Whatley and Coles 1987

Rimacytheropteron longipunctatum (Breman 1976)

Genus *Eucytherura* Müller 1894

Eucytherura fossapunctata Maia, Bergue and Piovesan 2021

Family LOXOCONCHIDAE Sars 1925

Genus *Loxoconchidea* Bonaduce, Ciampo and Masoli 1976

Loxoconchidea minima Bonaduce, Ciampo and Masoli 1976

Family XESTOLEBERIDIDAE Sars 1928

Genus *Xestoleberis* Sars 1866

Xestoleberis sp.

Superfamily TRACHYLEBERIDOIDEA Sylvester-Bradley 1948

Family TRACHYLEBERIDIDAE Sylvester-Bradley 1948

Genus *Apatihowella* Jellinek and Swanson 2003

Apatihowella convexa Bergue, Coimbra and Ramos 2016

Apatihowella besnardi Bergue, Coimbra and Ramos 2016

Genus *Henryhowella* Puri 1957

Henryhowella asperrima Reuss 1850

Family HEMICYTHERIDAE Puri 1953

Subfamily THAEROCYTHERINAE Hazel 1967

Genus *Poseidonamicus* Benson 1972

Poseidonamicus hisayoae Yasuhara, Cronin, Hunt and Hodell 2009

Superfamily CYTHERIDEOIDEA Liebau 2005

Family KRITHIDAE Mandelstam 1958

Genus *Krithe* Brady, Crosskey and Robertson 1874

Krithe hunti Yasuhara, Stepanova, Okahashi, Cronin and Brouwers 2014

Krithe reversa Bold 1958

SYSTEMATIC PALAEONTOLOGY – Neritic ostracods

Subclass OSTRACODA Latreille 1972

Order PODOCOPIDA Sars 1866

Suborder CYTHEROCOPINA Gründel 1967

Infraorder NOMOCYTHERININA Liebau 1991

Superfamily CITHEROIDEA Baird 1850

Family PECTOCYTHERIDAE Hanai 1957

Genus *Ameginocythere* Whatley, Moguilevsky, Toy, Chadwick and Ramos 1997

Ameghinocythere reticulata Whatley, Moguilevsky, Toy, Chadwick and Ramos 1997

Genus *Pectocythere* Hanai 1957

Pectocythere magellanensis Whatley, Staunton, Kaesler and Moguilevsky 1996

Genus *Munseyella* Bold 1957

Munseyella sp. 1

Munseyella sp. 2

Family LEPTOCYTHERIDAE Hanai 1957

Genus *Callistocythere* Ruggieri 1953

Callistocythere litoralensis (Rossi De Garcia 1966)

Family NEOCYTHERIDEIDIDAE Puri 1957

Genus *Papilosacythere* Whatley, Chadwick, Coxill and Toy 1987

Papilosacythere sp.

Family CYTHERIDAE Baird 1850

Genus *Loxocythere* Hornibrook 1952

Loxocythere variasculpta Whatley, Moguilevsky, Toy, Chadwick and Ramos 1997

Superfamily TRACHYLEBERIDOIDEA Sylvester-Bradley 1948

Family TRACHYLEBERIDIDAE Sylvester-Bradley 1948

Genus *Argenticytheretta* Rossi De Garcia 1969

Argenticytheretta laevipunctata Sanguinetti, Ornellas and Coimbra 1991

Genus *Cativella* Coryell and Fields 1937

Cativella bensoni Neale 1967

Cativella sp.

Genus *Costa* Xu and Ling 2012

Costa sp.

5 CONCLUSÕES

1) Os ostracodes batiais apresentaram maior abundância e diversidade de gêneros e espécies, quando comparados aos ostracodes neríticos alóctones.

2) A identificação da nova espécie *Eucytherura fossapunctata*, apontada como marcadora do Pleistoceno, demonstra a importância de estudos taxonômicos e bioestratigráficos nas regiões batiais do Atlântico Sul, as quais ainda são pouco exploradas no que diz respeito à pesquisa de ostracodes em ambientes marinhos profundos.

3) A distribuição paleozoogeográfica das espécies batiais *Krithe hunti* e *Poseidonamicus hisayoae,* bem como da espécie nerítica alóctone *Pectocythere magellanensi,* foi ampliada para a margem sul do Brasil.

4) A assembleia de ostracodes e foraminíferos relacionada a escape de gás teve seu primeiro registro de ocorrência para as Bacias do Brasil, em amostras provenientes da região do Cone do Rio Grande e demonstrou ser similar às assembleias associadas a escape de gás registradas em outras localidades do mundo.

5) As características morfológicas externas (aglomerados de poros, reticulação secundária e aglomerados de fossas) não são exclusivas de espécies de ambientes com infiltração de metano que realizam ectossimbiose com bactérias quimioautotróficas.

REFERÊNCIAS

AIELLO, G.; BARRA, D.; BONADUCE, G. **Systematics and biostratigraphy of the Ostracoda of the Plio–Pleistocene Monte S. Nicola section (Gela, Sicily).** 2000. Bollettino della Società Paleontologica Italiana, 39: 83–112.

AIELLO, G.; SZCZECHURA, J. **Middle Miocene ostracods of the Fore-Carpathian Depression (Central Paratethys, southwestern Poland).** 2004. Bollettino della Società Paleontologica Italiana 43 (1–2), 11–70.

AKIMOTO, K.; TANAKA, T.; HATTORI, M; HOTTA, H. **Recent benthic foraminiferal assemblages from the cold seep communities-a contribution to the methane gas indicator.** 1994. In: Tsuchi, R. (Ed.), Pacific Neogene Events in Time and Space. University of Tokyo Press, Tokyo, pp. 11–25.

ANJOS, G.S; CARREÑO, A.L. **Bioestratigrafia (Foraminiferida) da Sondagem 1-SCS-3b, Plataforma de Florianópolis, Bacia de Pelotas.** 2004. Revista Brasileira de Paleontologia, 7 (2): 127–138.

ARMSTRONG, H.A.; BRASIER, M.D. **Microfossils**. 2a. ed. Oxford, Blackwell, 296p. 2005.

AYRESS, M.A.; DE DECKKER, P.; COLES, G.P. **A taxonomic and distributional survey of marine benthonic Ostracoda off Kerguelen and Heard Islands, South Indian Ocean.** 2004. Journal of Micropalaeontology 23, 15–38. https://doi.org/10.1144/jm.23.1.15

BANDY, O.L.; CHIERICI, M.A. **Depth-temperature evaluation of selected California and Mediterranean bathyal foraminifera.** 1966. Marine Geology, 4: 259–271.

———. **General correlation of foraminiferal structure with environment.** 1960. International Geological Congress, 21st Ses., Copenhagen, 22: 7–19.

BENSON, R.H.; BERDAN, J.M.; BOLD, W.A.; HANAI, T.; HESSLAND, I.; HOWE, H.V.; KESLING, R.V.; LEVINSON, S.A.; REYMENT, R.A.; MOORE, R.C.; SCOTT, H.W.; SHAVER, R.H.; SOHN, I.G.; STOVER, L.E.; SWAIN, F.M.; SYLVESTER-BRADLEY, P.C.; WAINWRIGHT, J. 1961. *In:* MOORE, R.C.; PITRAT, C.W. eds. **Treatise on Invertebrate Paleontology, part Q, Arthropoda 3, Crustacea, Ostracoda.** 1961. Lawrence: Geological Society of America and University of Kansas Press, p. 99–421.

BERGUE, C.T. **A aplicação dos ostracodes (Crustacea) em pesquisas paleoceanográficas e paleoclimáticas.** 2006. Terræ Didática, 2 (1): 54–66. Disponível em: <http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/>

———, **Agulhas e pincéis: as relações entre a paleontologia e a neontologia no estudo dos ostracodes (Crustacea: Ostracoda).** 2010. Terræ Didática, 6 (1): 09–24. Disponível em: <http://www.ige.unicamp.br/terraedidatica/>

BERGUE, C.T.; BRANDÃO, S.N.; ZERFASS, G.S.A. **Palaeoceanographical events from the late Miocene to Pleistocene of the Rio Grande Rise (south-western Atlantic) asindicated by Ostracoda.** 2019. Journal of Systematic Palaeontology 17 (17), 1497–1518. https://doi.org/10.1080/14772019.2018.1536895.

BERGUE, C.T.; COIMBRA, J.C. **Late Pleistocene and Holocene bathyal ostracodes from the Santos Basin, southeastern Brazil.** 2008. Palaeontographica Abteilung A 285, 101–144. https://doi.org/10.1127/pala/285/2008/101

BERGUE, C.T.; COIMBRA, J.C.; CRONIN, T.M. **Cytherellid species (Ostracoda) and their significance to the late Quaternary events in the Santos Basin, Brazil.** 2007. Senckenbergiana maritima, 37: 5–12.

BERGUE, C.T.; COIMBRA, J.C.; PIVEL, M.A.G.; PETRÓ, S.M.; MIZUSAKI, A.M.P. **Taxonomy and climatic zonation of the Late Quaternary bathyal ostracodsfrom the Campos Basin, Brazil. 2017**. Revue de Micropaléontologie 60, 493–509. https://doi.org/10.1016/j.revmic.2017.07.001.

BERGUE, C.T.; COIMBRA, J.C.; RAMOS, M.I.F. **Taxonomy and bathymetric distribution of the outer neritic/upper bathyal ostracodes (Crustacea: Ostracoda) from the southernmost Brazilian continental margin.** 2016. Zootaxa, 4079 (1), 065–086. Disponível em: <https://doi.org/10.11646/zootaxa.4079.1.5>

BERGUE, C.T.; COSTA, K.B.; DWYER, G.; MOURA, C.A.V. **Bathyal ostracodes diversity in the Santos Basin, Brazilian southeast margin: response to late Quaternary climate changes.** 2006. Revista Brasileira de Paleontologia, 9: 201–210.

BERGUE, C.T.; GOVINDAN, A. **Eocene-Pliocene deep sea ostracodes from ODP site 744A, Southern Indian Ocean.** 2010. Anais da Academia Brasileira de Ciências 82 (3), 747–760.

BERNHARD, J.M.; ALVE, E. **Survival, ATP pool, and ultrastructural characterization of benthic foraminifera from Drammensfjord (Norway); response to anoxia.** 1996. Marine Micropaleontology, 28 (1): 5–17.

BERNHARD, J.M.; SEN GUPTA, B. K.; BORNE, P.F. **Benthic foraminiferal proxy to estimate dysaerobic bottom-water oxygen concentrations: Santa Barbara Basin, US Pacific continental margin.** 1997. Journal of Foraminiferal Research, 27: 301–10.

BERNHARD, J.M.; BUCKB, K.R.; BARRY, J.P. **Monterey Bay cold-seep biota: Assemblages, abundance, and ultrastructure of living foraminifera.** 2001. Deep-Sea Research I, 48: 2233–2249.

BERTELS, A.; MADEIRA-FALCETTA, M. **Neogene Foraminifera of the South Atlantic.** 1977. In: F.M. Swain (ed.) Stratigraphic Micropaleontology of Atlantic Basins and Borderlands, Elsevier, 441–465.

BOETIUS, A.; RAVENSCHLAG, K.; SCHUBERT, C.J.; RICKERT. D.; WIDDEL, F.; GIESEKE, A.; AMANN, R.; JØRGENSEN, B.B.; WITTE, U.; PFANNKUCHE, O. **A marine microbial consortium apparently mediating anaerobic oxidation of methane.** 2000. Nature, 407: 623–626.

BOLD, W.A., Van, Den., **Ostracoda of the Brasso Formation of Trinidad.** 1958. Micropaleontology 4, 391–418. https://doi.org/10.1590/S0001-37652010000300021.

BOLTOVSKOY, E. **Foraminiferos recentes del sur de Brasil y sus relaciones com los de Argentina e India del Oeste.** 1959. Rep. Arg. Seer, de Marinha. Serie Hidrog. Naval H. 1005:1–124.

BOLTOVSKOY, E.; WRIGHT, R. **Recent Foraminifera.** Dordrecht, Springer Netherlands, 515 p. 1976.

BONADUCE, G.; CIAMPO, G.; MASOLI, M. **Distribution of Ostracoda in the Adriatic Sea.** 1976. Pubblicazioni della Stazione Zoologica di Napoli, 40: 1–154.

BOOMER, I.; HORNE, D.J.; SLIPPER, I.J. **The use of ostracods in palaeoenvironmental studies or what can you do with an Ostracod shell?** 2003. The Paleontological Society Papers 9: 153–180. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1089332600002199>

BRANDÃO, S.N. **Macrocyprididae (Ostracoda) from the Southern Ocean: taxonomic revision, macroecological patterns, and biogeographical implications.** 2010. Zoological Journal of the Linnean Society, 159: 567–672.

BRENT WILSON, B.; COIMBRA, J.C; HAYEK, L-A.C. **Benthic foraminifera and Neogene sea level changes in the Pelotas Basin, offshore south Brazil.** 2020. Ocean and Coastal Research, 68: e20333. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s2675-28242020068333>

BRUSCA, R.C.; MOORE, W.; SHUSTER, S.M. **Invertebrados.** 3a edição. Editora Guanabara-Koogan, Rio de Janeiro. 1252pp. 2018.
BUENO, G.V.; ZACHARIAS, A.A.; OREIRO, S.G.; CUPERTINO, J.A.; FALKENHEIN, F.; MARTINS NETO, M.A. **Bacia de Pelotas.** 2007. Boletim de Geociências da Petrobras 15 (2): 551–559.

BUENO, G.V.; ZACHARIAS, A.A.; OREIRO, S.G.; CUPERTINO, J.A.; FALKENHEIN, F.; MARTINS Neto, M.A. **Bacia de Pelotas.** 2007. Boletim de Geociências da Petrobras 15 (2), 551–559.

BURMISTROVA, I.I.; KHUSID, T.A.; BELYAEVA, N.V.; CHEKHOVSKAYA, M.P. **Agglutinated Abyssal Foraminifers of the Equatorial Pacific**. 2007.Oceanology, 47 (6): 824–832.

CARREÑO, A.L.; COIMBRA, J.C.; CARMO, D.A. **Late Cenozoic sea level changes evidenced by ostracodes in the Pelotas Basin, southernmost Brazil. 1999**. Marine Micropaleontology, 37: 117–129.

CARREÑO, A.L.; COIMBRA, J.C.; SANGUINETTI, Y.T. **Biostratigraphy of Late Neogene and Quaternary ostracodes from Pelotas Basin, Southern Brazil.** 1997. Gaia, 15: 33–44.

CARVALHO, M.G.P. **Análise de foraminíferos dos testemunhos da Plataforma Continental Sul do Brasil.** 1980. Anais da Academia Brasileira de Ciências, 52 (2): 379–402.

CASTILLO, L.L.L.; KAZMIERCZAK, T.S.; CHEMALE, F. **Rio Grande Cone Tectono-stratigraphic model – Brazil: Seismic sequences.** 2009. Earth Sciences Research Journal, 13 (1): 40–53.

CEOLIN, D.; FAUTH, G.; COIMBRA, J.C. **Cretaceous–Lower Paleogene ostracodsfrom the Pelotas Basin Brazil.** 2011. Palaeobiodiversity and Palaeoenvironments 91 (2), 111–128. https://doi.org/10.1007/s12549-010-0041-1

CLOSS, D. **The presence and stratigraphical importance of the Orbulina surface in southern Brazil.** 1966a. Notas e Estudos (Escola de Geologia de Porto Alegre), 1 (2): 3–8.
———. **Cenozoic stratigraphy of the southern Brazil.** 1966b. In: West African Micropaleontological Colloquium, 2, 1965. Proceedings, Ibadan, 34–44.

———. **Miocene planktonic foraminifera from Southern Brazil.** 1967. Micropaleontology, 13 (3): 337–344.
CLOSS, D.; BARBERENA, M.C. **Faunal studies of recent foraminifera from the shore sands of the state Rio Grande do Sul in southern Brazil.** 1962. Contr. Cushman Fdn foramin. Res., 13 (3): 74–78.

CLOSS, D.; MADEIRA, M.L. **Cenozoic Foraminífera from the Chuy Drill Hole, Northern Uruguay.** 1968. Ameghiniana, 5 (7): 229–246.

COIMBRA, J.C.; CARREÑO, A.L.; MICHELLI, M.J. **Taxonomy and zoogeography of the family Cytheruridae (Ostracoda) from the Brazilian equatorial continental shelf.** 1999. Iheringia Série Zoologia 87, 117–142. https://doi.org/10.1590/1678-476620141044470477.

COLES, G.P.; AINSWORTH, N.R.; WHATLEY, R.C.; JONES, R.W. **Foraminifera and Ostracoda from Quaternary carbonate mounds associated with gas seepage in the Porcupine Basin, off-shore Western Ireland.** 1996. Revista Espanola de Micropaleontologia, 28 (2): 113–151.

COLES, G.; WHATLEY, R.C.; MOGUILEVSKY, A. **The Ostracode genus Krithe from Tertiary and Quaternary of the North Atlantic.** 1994. Palaeontology 37 (1), 71–120.

CRONIN, T.M. **Bathyal ostracodes from the Florida-Hatteras slope, the Straits os Florida, and the Blake Plateau.** 1983. Marine Micropaleontology 8, 89–119. https://doi.org/10.1016/0377-8398(83)90007-5.

———. **Distribution of deep-sea Ostracoda in the Arctic Ocean.** 1996. In: Stein, R., Ivanov, G.I., Levitan, M.A., Fahl, K. (Eds.), Surface-sediment composition and sedimentary processes in the central Arctic Ocean and along the Eurasian Continental Margin, Reports on Polar Research, Alfred Wegener Institute for Polar and Marine Research Bremerhaven, 212, pp. 269–284.

CORLISS, B. H. **Morphology and microhabitat preferences of benthic foraminifera from the northwest Atlantic Ocean.** 1991. Marine Micropaleontology, 17: 195–236.

CULVER, S.J.; BUZAS, M.A. **Distribution of Recent Benthic Foraminifera off the North American Atlantic Coast.** 1980. Smithsonian Contributions to the Marine Sciences, Number 6.

DA LUZ, N.C.; COIMBRA, J.C. **The genus *Xestoleberis* (Ostracoda: Xestoleberididae) in the Northern Northeastern and Eastern regions of the Brazilian continental shelf.** 2015. Zootaxa 3974 (2), 177–195. https://doi.org/10.11646/zootaxa.3974.2.3.

DE ALMEIDA, F.K.; DE MELLO, R.M.; COSTA, K.B.; TOLEDO, F.A.L. **The response of deepwater benthic foraminiferal assemblages to changes in paleoproductivity during the Pleistocene (last 769.2 kyr), western South Atlantic Ocean.** 2015. Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology. 440, 201–212. DOI: 10.1016/j.palaeo.2015.09.005

DIAS, J.L.; SAD, A.R.E.; FONTANA, R.L.; FEIJÓ, F.J. **Bacia de Pelotas.** 1994. Boletim de Geociências da Petrobras, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 235-245, jan./mar. 1994.

DIDIÉ, C.; BAUCH, H.A. **Species composition and glacial-interglacial variations in the ostracode fauna of the northeast Atlantic during the past 200,000 years.** 2000. Marine Micropaleontology 40, 105–129. https://doi.org/10.1016/S0377-8398(00)00034-7

———. **Erratum to "Species composition and glacial-interglacial variations in the ostracode fauna of the northeast Atlantic during the past 200,000 years"** 2001. [Marine Micropaleontology, 40, 105-129]. Marine Micropaleontology 41, 103–108.

DINGLE, R.V.; LORD, A.R. **Benthic ostracods and deep water-masses in the Atlantic Ocean.** 1990. Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology, 80 (1990): 213–235.

DO CARMO, D.A.; SANGUINETTI, Y. **Krithe occurrence on the Brazilian continental margin.** 1995. Ecological Approach. In: Riha, J. (Ed.): Ostracoda and Biostratigraphy. (Balkema). Rotterdam 407–412.

———. **Taxonomy and palaeoceanographical significance of the genus Krithe (Ostracoda) in the Brazilian margin.** 1999. Journal of Micropalaeontology, 18: 11–123.

DROZINSKI, N.G.S.; COIMBRA, J.C.; CARREÑO, A.L.; BERGUE, C.T. **Ostracoda cool water masses indicators from the Rio Grande do Sul state Brazil: a first approach.** 2003. Revista Brasileira de Paleontologia 5, 59–71.

EICHLER, P.B.; PIMENTA, F.M.; EICHLER, B.B.; VITAL, H. **Living Bulimina marginata in the SW Atlantic continental margin: Effect of the Subtropical Shelf Front and South Atlantic Central Water.** 2014. Continental Shelf Research, 89: 88–92.

ERICSON, D.B.; WOLLIN, G. **Pleistocene Climates and Chronology in Deep-Sea Sediments.** 1968. Science 162 (3859), 1227–1234. Disponível em: https://doi.org/10.1126/science.162.3859.1227

ERTEKIN, I.K.; TUNOGLU, C. **Pleistocene–Holocene marine ostracods from Mersin offshore sediments, Turkey Eastern Mediterranean.** 2008. Revue de Micropaléontologie 51, 309–326. https://doi.org/10.1016/j.revmic.2007.05.001.

FERNANDES, J.M.G. **O Gênero *Uvigerina* (Foraminiferida) do Cenozóico Superior da Bacia de Pelotas.** Programa de Pós-graduação em Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dissertação de Mestrado, 122 p. 1975.

FONTANA, R.L. **Investigações geofísicas preliminares sobre o Cone do Rio Grande, Bacia de Pelotas Brasil.** 1990. Acta Geológica Leopoldensia 13 (6), 161–170.

FONTANIER, C.; JORISSEN, F. J.; LICARI, L., ALEXANDRE, A.; ANSCHUTZ, P.; CARBONEL, P. **Live benthic foraminiferal faunas from the Bay of Biscay: faunal density, composition and microhabitats.** 2002. Deep-Sea Research I, 49: 751–785.

FRENZ, M.; HENRICH, R. **Carbonate dissolution revealed by silt grain-size distribution: comparison of Holocene and Last Glacial Maximum sediments from the pelagic South Atlantic.** 2007. Sedimentology, 54 (2): 391–404.

G. SREENIVASULU, G.; PRASEETHA, B.S.; DAUD, N.R.; VARGHESE, T.I.; PRAKASH, T.N. N. **Jayarajuc Benthic foraminifera as potential ecological proxies for environmental monitoring in coastal regions: A study on the Beypore estuary, Southwest coast of India.** 2019. Marine Pollution Bulletin, 138: 341–351.

GEMERY, L., CRONIN, T.M., BRIGGS Jr., W.M., BROUWERS, E.M., SCHORNIKOV, E.I., STEPANOVA, A., WOOD, A.M., YASUHARA, M. **An Arctic and Subarctic ostracode database: biogeographic and paleoceanographic applications.** 2017. Hydrobiologia 786, 59–95.

GIBSON, T.G. **Planktonic benthonic foraminiferal ratios: Modern patterns and Tertiary applicability.** 1989. Marine Micropaleontology, 15 (1–2): 29–52.

GIONGO, A.; HAAG, T.; LOPES SIMÃO, T.L.; MEDINA-SILVA, R.; UTZ, L.R.P.; BOGO, M.R.; BONATTO, S.L.; ZAMBERLAN, P.M.; AUGUSTIN, A.H.; LOUREGA,

R.V.; RODRIGUES, L.F.; SBRISSA, G.F.; KOWSMANN, R.O.; FREIRE, A.F.M.; MILLER, D.J.; VIANA, A.R.; KETZER, J.M.M.; EIZIRIK, E. **Discovery of a chemosynthesis-based community in the Western South Atlantic Ocean.** 2016. Deep-Sea Research Part I 112, 45–56. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.dsr.2015.10.010>

GOMIDE, J. **Bacia de Pelotas- Biocronoestratigrafia baseada em nanofósseis calcários.** 1989. Congresso Brasileiro de Paleontologia, 11, Resumos expandidos 338–351.

GOODAY, A. **Deep-sea benthic foraminiferal species which exploit phytodetritus: characteristic features and controls on distribution.** 1993. Marine Micropaleontology, 22: 187–205.

———. **The biology of deep-sea foraminifera: a review of some advances and their applications in paleoceanography.** 1994. Palaios, 9 (1): 14–31.

GOODAY, A. J.; BERNHARD, J. M.; LEVIN, L. A.; SUHR, S. B. **Foraminifera in the Arabian Sea oxygen minimum zone and other oxygen-deficient settings: taxonomic composition, diversity, and relation to metazoan faunas.** 2000. Deep-Sea Research II, 47: 25–54.

GRUNET, P.; ROSENTHAL, Y.; JORISSEN, F.; HOLBOURN, A.; ZHOU X.; PILLER, W.E. **Mg/Ca-temperature calibration for costate *Bulimina* species (B. *costata*, B. *inflata*, B. *mexicana*): A paleothermometer for hypoxic environments.** 2018. Geochimica et Cosmochimica Acta, 220: 36–54.

HARTMANN, G. **Variation in surface ornament of the valves of three ostracod species from Australia.** 1982. *In* BATE, R. H., ROBINSON, E. & SHEPPARD, L. M. (Eds.), Fossil and Recent Ostracods, 365–380. Ellis Horwood Ltd., Chichester for British Micropalaeontological Society.

HEINZ, P.; SOMMER, S.; PFANNKUCHE, O.; HEMLEBEN, C. **Living benthic foraminifera in sediments influenced by gas hydrates at the Cascadia convergent margin, NE Pacific.** 2005. Marine Ecology Progress Series, 304: 77-80.
HERMELIN, J.O.R.; SHIMMIELD, B.G. **The importance of the oxygen minimum zone and sediment geochemistry in the distribution of recent benthic foraminifera in the Northwest Indian Ocean.** 1990. Marine Geology 91, 1–1029.

HORNE, DJ.; COHEN, A.; MARTENS, K. **Taxonomy, Morphology and Biology of Quaternary and Living Ostracoda.** 2002. Geophysical Monograph 131. Disponível em: <https://doi.org/10.1029/131GM02>

HORNE, DJ. **Ostracoda.** 2005. *In:* SELLEY RC, COCKS, RM, PLIMER, IR, Encyclopedia of Geology. Elsevier, Oxford, 453–463.

JELLINEK, T.; SWANSON, K.M. **Report on the taxonomy, biogeography and phylogeny of mostly living benthic Ostracoda (Crustacea) from deep-sea samples (Intermediate Water depths) from the Challenger Plateau (Tasman**

Sea) and Campbell Plateau (Southern Ocean), New Zealand. 2003. Abhandlungen Senckenbergischen Naturforschung 558, 1–329.

JONES R.W. **Preliminary Observations on Benthonic Foraminifera associated with a Biogenic Gas Seep in the North Sea. 1993**. In Jenkins, D.G. (Ed.): Applied Micropalaeontology. Dordrecht; Kluwer Academic Publishers, pp. 69–91.

JORISSEN, F.J. **The distribution of benthic foraminifera in the Adriatic Sea.** 1987. Marine Micropaleontology, 12: 21–48.

JORISSEN, F.J.; DE STIGTER, H.C.; WIDMARK, J.G.V. **A conceptual model explaining benthic foraminiferal microhabitats.** 1995. Marine Micropaleontology, 26: 3–15.

JORISSEN, F. J.; WITTLING, I.; PEYPOUQUET, J.P.; RABOUILLE, C.; RELEXANS, J.C. **Live benthic foraminiferal faunas off Cape Blanc, NW-Africa: community structure and microhabitats.** 1998. Deep-Sea Research I, 45: 2157–2188.

JÖST, A.B.; YASUHARA, M.; OKAHASHI, H.; OSTMANN, A.; MARTÍNEZ ARBIZU, P.; BRIX, S. **Vertical distribution of living ostracods in deep-sea sediments North Atlantic Ocean.** 2017. Deep Sea Research I 122, 113–121.

JOY, J.A.; CLARK, D.L. **The Distribution Ecology and Systematics of the Benthic Ostracoda of the Central Arctic Ocean.** 1977. Micropaleontology 23, 129–154.

KAIHO, K. **Effect of organic carbon flux and dissolved oxygen on the benthic foraminiferal oxygen index (BFOI).** 1999. Marine Micropaleontology, 37: 67–76.

———. **Benthic foraminiferal dissolved-oxygen index and dissolved-oxygen levels in the modern ocean.** 1994. Geology, 22: 719–722.

KEMPF, E.K.; NINK, C. ***Henryhowella asperrima* (Ostracoda) aus der Typusregion (Miozän: Badenian; Wiener Becken).** 1993. Geologisches Institut der Universität zu Köln. Sonderveröffentlichungen 70, 95–114.

KETZER, M.; PRAEG, D.; PIVEL, M.A.; AUGUSTIN, A.H.; RODRIGUES, L.; VIANA, A. R.; CUPERTINO, J.A. **Gas Seeps at the Edge of the Gas Hydrate Stability Zone on Brazil’s Continental Margin.** 2019. Geosciences, 9: 193.

KOUTSOUKOS, E.A.M. **Geohistória e Paleoecologia das Bacias Marginais de Florianópolis e Santos.** 1982. Congresso Brasileiro de Geologia, 32, Resumos expandidos, 5, 2369–2382.

LIEBAU, A. **A revised classification of the higher taxa of the Ostracoda (Crustacea).** 2005. Hydrobiologia 538, 115–137. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/PL00021865>

LOEBLICH, A.R.; TAPPAN, H. **Foraminiferal genera and their classification.** 1ª ed. Nova Iorque, Van Nostrand Reinhold Company, 2 vol., 970 p. + 847 p. 1988.

LOBEGEIER, M.K.; SEN GUPTA, B.K. **Foraminifera of Hydrocarbon Seeps, Gulf of Mexico.** 2008. Journal of Foraminiferal Research, 38 (2): 93–116.

LOPEZ, L. C. S.; GONÇALVES, D. A.; MANTOVANI, A.; RIOS, R.I. **Bromeliad ostracods pass through amphibian (*Scinaxax perpusillus*) and mammalian guts alive.** 2002. Hydrobiologia 485, 209–211. Disponível em: <https://doi.org/10.1023/A:1021315223774>

LOPEZ, L.C. S.; FILIZOLA, B.; DEISS, I.; RIOS, R.I. **Phoretic behaviour of bromeliad annelids (Dero) and ostracods (Elpiudium) using frogs and lizards as dispersal vectors.** 2005. Hydrobiologia 549, 15–22. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10750-005-1701-4>

MACKENSEN, A.; SCHMIEDL, G.; HARLOFF, J.; GIESE, M. **Deep-sea foraminifera in the South Atlantic Ocean.** 1995. Micropaleontology, 41 (4): 342–358.

MADEIRA-FALCETA, M. **Ecological distribuition of thecamoebal and foraminiferal association in the mixohaline environments of the southern Brazilian litoral.** 1974. Anais da Academia Brasileira de Ciências, 46 (3/4): 667–687.

MAIA, R.J.A.; PIOVESAN, E.K.; BERGUE, C.T.; ZERFASS, G.S.A.; MELO, R.M. **Bathyal ostracods from the Upper Pleistocene of the Rio Grande Cone, Pelotas Basin, Brazil.** 2021. Revue de Micropaléontology, 71, 100483. Disponível em: < https://doi.org/10.1016/j.revmic.2021.100483>

MALZ, H. JELLINEK, T. **Marine Plio-/Pleistozän-Ostracoden von SE-Lakonien (Peloponnes Griechenland).** 1984. Senckenbergiana biologica 65, 113–167.

MANICA, R.M.; BERGUE, C.T.; COIMBRA, J.C. **The lower Miocene Cytherellids (Crustacea, Ostracoda) from the Pelotas Basin and their significance for the South Atlantic Paleozoogeography.** 2015. Revista Brasileira de Paleontologia, 18 (2): 217–224. Disponível em: < https://doi.org/10.4072/rbp.2015.2.03>

MANICA, R.M.; COIMBRA, J.C. **A new species of Trachyleberididae (Ostracoda, Crustacea) from the Early Miocene of the Pelotas Basin, southernmost Brazil.** 2016. Ameghiniana, 53 (1): 52-57. Disponível em: < https://doi.org/10.5710/AMGH.10.09.2015.2872>

MARTINS, L.R., **Modelo Sedimentar no Cone de Rio Grande.** Inst. Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Tese de Doutoramento, 222 p. 1983.

MARTINS, V.; DUBERT, J.; JOUANNEAU, J.-M.; WEBER, O.; DA SILVA, E. F.; PATINHA, C.; ALVEIRINHO DIAS, J. M.; ROCHA, F. **A multiproxy approach of the Holocene evolution of shelf–slope circulation on the NW Iberian Continental Shelf.** 2007. Marine Geology, 239: 1–18.

MARTINS, L.R.; URIEN, C.M.; BUTLER, L.W. **Províncias fisiográficas e sedimentos da margem continental atlântica.** 1972. Congresso Brasileiro de Geologia, 26, Anais, 105–114.

MILANI, E. J.; FRANÇA, A.B.; SCHNEIDER, R.L. **Bacia do Paraná.** 1994. Boletim de Geociências da Petrobras, Rio de Janeiro, 8 (1): 69–82.

MILLER, D.J.; KETZER, J.M.; VIANA, A.R.; KOWSMANN, R.O.; DFREIRE, A.F.; OEIRO, S.G.; AUGUSTIN, A.H.; LOUREGA, R.V.; RODRIGUES, L.F.; HEEMANN, R.; PREISSLER, A.G.; MACHADO, C.X.; SBRISSA, G.F. **Natural gas hydrates in the Rio Grande Cone (Brazil): A new province in the western South Atlantic.** 2015. Marine and Petroleum Geology 67, 187–196. Disponível em: < https://doi.org/10.1016/j.marpetgeo.2015.05.012>

MORIGI, C.; JORISSEN, F. J.; GERVAIS, A.; GUICHARD, S.; BORSETTI, A. M. **Benthic foraminiferal faunas in surface sediments off NW Africa: relationship with organic flux to the ocean floor.** 2001. Journal of Foraminiferal Research, 31 (4): 350–368.

MORKHOVEN, F.P.C.M. **Post Palaeozoic Ostracoda. Their Morphology, Taxonomy and Economic Use.** Elsevier, Amsterdam, London. Vol. I, 204 pp. 1962.

MURRAY, J.W. **Distribution and ecology of living benthic foraminiferids.** Crane Russak & Co., New York. xiii + 274 p. 1973.

———. **Ecology and palaeoecology of benthic Foraminifera.** Harlow, Longman Scientific & Technical, 397 p. 1991.

———. **Ecology and Applications of Benthic Foraminifera.** Cambridge University Press. New York, 440p. 2006.

NOMAKI, H.; HEINZ, P.; NAKATSUKA, T. **Different ingestion patterns of 13C-labeled bacteria and algae by deep-sea benthic foraminifera.** 2006. Marine Ecology Progress Series, 310: 95–108.

PANIERI, G. **Benthic foraminifera associated with a hydrocarbon seep in the Rockall Trough (NE Atlantic).** 2005. Geobios, 38: 247–255.

PETRÓ, S.M.; COSTA, E.O.; PIVEL, M.A.G.; COIMBRA, J.C. **Registro das Flutuações da Lisoclina e da CCD no Quaternário Tardio na Bacia de Pelotas**. 2018. Anuário do Instituto de Geociências, 41 (2): 710–719. Disponível em: <https://doi.org/10.101610.11137/2018_2_710_719>

PIRKENSEER, C.; BERGER, J.P. **Paleogene Ostracoda from the southern Upper Rhine Graben: Taxonomy, palaeoecology and palaeobiogeography.** 2011. Palaeontographica Abteilung A 295, 1–152.

PORTILHO-RAMOS, R.C.; CRUZ, A.P.S.; BARBOSA, C.F.; RATHBURN, A.E.; MULITZA, S.; VENANCIO, I.M.; SCHWENK, T.; RÜHLEMANN, C.; VIDAL, L.;

CHIESSI, C.M.; SILVEIRA, C.S. **Methane release from the southern Brazilian margin during the last glacial.** 2018. Science Reports, 8, 5948.

PUJOS-LAMY, A**. *Bolivina subaenariensis* Cushman, indicateur d’un milieu confiné dans le Gouf de Cap-Breton.** 1973. Comptes Rendus Académie Sciences (Paris), D277: 2655–8.

RAMOS, M.I.F.; COIMBRA, J.C.; BERGUE, C.T.; WHATLEY, R.C. Recent ostracods (Family Trachyleberididae) from the Southern Brazilian Continental Shelf. 2012. Ameghiniana 49 (1), 3–16. https://doi.org/10.5710/AMGH.v49i1(418).

RAMOS, M.I.F.; COIMBRA, J.C.; WHATLEY, R.C. **The family Thaerocytheridae Hazel, 1967 (Ostracoda) from the Southern Brazilian Continental Shelf.** 2009. Ameghiniana 46, 285–294.

———. **The subfamily Cytheropterinae Hanai 1957 (Subphylum Crustacea, Class Ostracoda) from the Southern Brazilian Continental Shelf.** 2014. Revue de Micropaleontologie 57, 141–154. https://doi.org/10.1016/j.revmic.2014.08.002.

RATHBURN, A.E.; LEVIN, L.A.; HELD, Z.; LOHMANN, K.C. **Benthic foraminifera associated with cold methane seeps on the northern California margin: Ecology and stable isotopic composition.** 2000. Marine Micropaleontology, 38, 247–266.

REUSS, A.M. **Die fossilen Entomostraceen des öesterreichischen Tertiärbeckens.** 1850. Haidingers Naturwissenschaftliche Abhandlungen, 3: 41–92.

REYMENT, R.A.; BOOKSTEIN, F.L.; MCKENZIE, K.G.; MAJORAN, S. **Ecophenotypic variation in *Mutilus pumilus* (Ostracoda) from Australia, studied by canonical variate analysis and tensor biornetrics.** 1988. Journal of Micropalaeontologie, 7 (1): 11–20.

RODRIGUES, M.A.C.; CARVALHO, M.G.P. **Curvas paleoclimáticas com base em foraminíferos de testemunhos da Plataforma Sul-Brasileira.** 1980. Anais da Academia Brasileira de Ciências, 52 (3): 617–625.

RODRIGUES, L.F.; KETZER, J.M.; LOUREGA, R.V.; AUGUSTIN, A.H.; SBRISSA, G.; MILLER, D.; HEEMANN, R.; VIANA, A.; FREIRE, A.F.M.; MORAD, S. **The influence of methane fluxes on the sulfate/methane interface in sediments from the Rio Grande Cone Gas Hydrate Province, southern Brazil.** 2017. Brazilian Journal of Geology 47 (3), 369–381. https://doi.org/10.1590/2317-4889201720170027.

RODRIGUES, A.R.; PIVEL, M.A.G.; SCHMITT, P.; ALMEIDA, F.K.; BONETTI, C. **Infaunal and epifaunal benthic foraminifera species as proxies of organic matter paleofluxes in the Pelotas Basin, south-western Atlantic Ocean.** 2018. Marine Micropaleontology, 144, 38–49. Disponível em: < https://doi.org/10.1016/j.marmicro.2018.05.007>

RODRIGUEZ-LAZARO, J.; RUIZ-MUÑOZ, F. **A general introduction to ostracods: morphology, distribution, fossil record and applications.** 2012. *In:* HORNE, D.J., HOLMES, J.; RODRIGUEZ-LAZARO, J.; VIEHBERG, F. eds. Ostracoda as proxies for quaternary climate change: developments in quaternary science (17). Oxford: Elsevier Science, 1–14.

SANGUINETTI, Y.T. **Miocene ostracodes of the Pelotas Basin, State of Rio Grande do Sul, Brasil.** 1979. Pesquisas 12, 119–187.

———. **Bioestratigrafia (ostracodes) do Mioceno da Bacia de Pelotas, Rio grande do Sul.** 1980. Pesquisas 13, 7–34.

———. **Ostracoda Substutional Name.** 1993. Pesquisas 20 (1): 78.

SANGUINETTI, Y.T.; ORNELLAS, L.P.; COIMBRA, J.C. **Post Miocene Ostracodes from Pelotas Basin, Southern Brazil. Taxonomy – Part I.** 1991. Pesquisas 8 (2), 138–155.

SANGUINETTI, Y.T.; ORNELLAS, L.P.; COIMBRA, J.C.; RAMOS, M.I.F. **Post Miocene Ostracods Form Pelotas Basin, Southern Brazil. Taxonomy – Part II.** 1992. Pesquisas 19 (2): 155–166.

SARS, G.O. **An account of the Crustacea of Norway with short descriptions and figures of all species. - Crustacea of Norway: Polycopidae, Cytherellidae, Cypridae.** 1923. 9th ed. Bergen, 1–277.

SEIGLIE, G.A. **Foraminiferal Assemblages as indicators of high organic carbon content in sediments and of polluted waters.** 1968. The American Association of Petroleum Geologists Bulletin, 52 (11): 2231–2241.

SEN GUPTA, B.K.; PLATON, E.; BERNHARD, J.M.; AHARON, P. **Foraminiferal colonization of hydrocarbon-seep bacterial mats and underlying sediment, Gulf of Mexico slope.** 1997. Journal of Foraminiferal Research, 27: 292–300.

SEN GUPTA, B.K.; LEE, R.F.; MAY, M.S. **Upwelling and an unusual assemblage of benthic foraminifera on the northern Florida continental slope.** 1981. Journal of Paleontology, 55: 853–857.
SEN GUPTA, B.K.; MACHAIN-CASTILLO, M. L. **Benthic foraminifera in oxygen-poor habitats.** 1993. Marine Micropaleontology, 20: 183–201.

SEN GUPTA, A.K.; SRINIVASAN, M. S. **Response of Northern Indian Ocean deep-sea benthic foraminifera to global climates during Pliocene-Pleistocene.** 1990. Marine Micropaleontology, 16: 77–91.

SMITH, P.B. **Ecology of benthonic species.** 1964. U. S. Geological Professional Paper, 429-B: 1–55.

SOUSA, A.J.; QUEIROZ NETO, J.V.; FERREIRA, E.P. **Evidências de transporte de sedimentos no Quaternário do talude inferior da Bacia de Campos com**

base em ostracodes alóctones. 2013. Boletim de Geociências da Petrobras 21, 85–102.

SPRECHMANN, P. **The Paleoecology and Paleooceanography of the Uruguayan coastal area during the Neogene and Quaternary.** 1978. Zitteliana, 4, 3–72.

STRAMMA, L.; ENGLAND, M. **On the water masses and mean circulation of the South Atlantic Ocean.** 1999. Journal of Geophysical Research, 104, (C9): 20,863–20,883.

TANAKA, H. **Cold-seep ostracods from the western Svalbard margin: direct palaeo-indicator for methane seepage?** 2018. Journal of Micropalaeontology, 37: 139–148. Disponível em: < https://doi.org/10.5194/jm-37-139-2018>

TANAKA, H.; YASUHARA, M. 2016. **A New Deep-Sea Hydrothermal Vent Species of Ostracoda (Crustacea) from the Western Pacific: Implications for Adaptation, Endemism, and Dispersal of Ostracodes in Chemosynthetic Systems.** Zoological Science, 33 (5): 555–565. Disponível em: < https://doi.org/10.2108/zs160079>

THIESEN, Z.V. **Bolivinitidae e Caucasinidae (Foraminiferida) do Cenozóico Superior da Bacia de Pelotas, Rio Grande do Sul.** 1975. Acta Geológica Leopoldensia, 2 (3): 3–82.

THIESEN, Z.V.; MADEIRA-FALCETTA, M. **Foraminíferos e a evolução paleoecológica da porção norte da província costeira do Rio Grande do Sul.** 1984. In: Congresso Brasileiro de Geologia, 33, Resumos expandidos, Rio de Janeiro, SBG, 316–321.

THOMAS, E.; BOOTH, L.; MASLIN, M.; SHACKLETON, N.J. **Northeastern Atlantic benthic foraminifera during the last 45,000 years: changes in productivity seen from the bottom up.** 1995. Paleoceanography, 10 (3): 545–562.

THOMAS, E.; GOODAY, A.J. **Cenozoic deep-sea benthic foraminifers: tracers for changes in oceanic productivity?** 1996. Geology, 24: 355–358.

TORRES, M.E.; MIX, A.C.; KINPORTS, K.; HALEY, B.; KLINKHAMMER, G.P.; MCMANUS, J.; DE ANGELIS, M. A. **Is methane venting at the seafloor recorded by δ13C of benthic foraminifera shells?** 2003. Paleoceanography, 18: 1062. Disponível em: < https://doi.org/10.1029/2002PA000824>

UFFENORDE, H. **Ostracoden aus dem Oberoligozän und Miozän des Unteren Elbe Gebietes (Niedersachsen und Hamburg NW-deutsches Tertiärbecken).** 1981. Palaeontographica Abteilung A 172, 103–198.

VAN DER ZWAAN, G. J.; JORISSEN, F. J.; DE STIGTER, H. C. **The depth dependancy of planktonic/benthic foraminiferal ratios: Constraints and applications.** 1990. Marine Geology, 95 (1): 1–16.

VAN DER ZWAAN, G. J.; DUIJNSTEE, I.A.P.; DEN DULK, M.; ERNST, S.R.; JANNINK, N.T.; E KOUWENHOVEN, T.J. **Benthic foraminifers: proxies or problems? A review of paleocological concepts.** 1999. Earth-Science Reviews, 46: 213–2336.

VAN HARTEN, D. **Deep-sea hydrothermal vent eucytherurine Ostracoda: the enigma of the pore clusters and the paradox of the hinge.** 1993. In “Ostracoda in the earth and life sciences” Ed by KG McKenzie, PJ Jones, A.A. Balkema, Rotterdam, pp 571–580.

VAN MORKHOVEN, F.P.C.M., BERGGREN, W.A.; EDWARD, A.S. **Cenozoic cosmopolitan deep-water benthic foraminifera.** 1986. Bulletin Centre Research Exploration et Production Elf-Aquitaine Memoire, 11: 1–421.

VAN HARTEN, D. **Use of ostracodes to recognize downslope contamination in paleobathymetry and a preliminary reappraisal of the paleodepth of the Prasas Marls (Pliocene), Crete, Greece.** 1986. Geology 14 (10): 856–859. Disponível em: < https://doi.org/10.1130/0091-7613(1986)14<856:UOOTRD>2.0.CO;2>

VERHALLEN, P.J.J.M. **Early development of Bulimina marginata in relation to paleoenvironmental changes in the Mediterranean.** 1987. Proceedings Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen, Series B 90, 161–180.

VICALVI, M.A. **Zoneamento bioestratigráfico e paleoclimático dos sedimentos do Quaternário superior do talude da Bacia de Campos, RJ, Brasil.** 1997. Boletim de Geociências da Petrobras 11 (1/2): 132–165.

———. **Posicionamento cronoestratigráfico das amostras dos testemunhos PC-54 e PC-56, localizados no Cone do Rio Grande, com base em foraminíferos planctônicos (Campanha MR-11).** 2011a. Petrobras Internal Report 9p.

———. **Posicionamento cronoestratigráfico das amostras dos testemunhos PC-33, PC-34, PC-36 e PC-39, localizados no Cone do Rio Grande, com base em foraminíferos planctônicos (Campanha MR-11).** 2011b. Petrobras Internal Report 13p.

———. **Posicionamento cronoestratigráfico das amostras do testemunho PC-67, localizado no Cone do Rio Grande, com base em foraminíferos planctônicos (Campanha MR-11).** 2011c. Petrobras Internal Report 14p.

———. **Posicionamento cronoestratigráfico das amostras do testemunho PC-76, localizado no Cone do Rio Grande, com base em foraminíferos planctônicos (Campanha MR-11).** 2011d. Petrobras Internal Report 11p.

VILLWOCK, J. A.; TOMAZELLI, L. J. **Geologia Costeira do Rio Grande do Sul: notas técnicas.** 1985. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Centro de Estudos de Geologia Costeira e Oceânica, n. 8, p. 1–45.

WHATLEY, R.; COLES, G. **The Late Miocene to Quaternary Ostracoda of Leg 94, deep sea drilling project.** 1987. Revista Española de Micropaleontologia 19 (1), 33–97.

WHATLEY, R.; EYNON, M.; MOGUILEVISKY, A. **The depth distribution of Ostracoda from the Greenland Sea.** 1998a. Journal of Micropalaeontology 17, 15–32. https://doi.org/10.1144/jm.17.1.15.

WHATLEY, R.C.; MOGUILEVSKY, A.; CHADWICK, J.; Toy, N.; Ramos, M.I.F. **Ostracoda from the south west Atlantic. Part III. The ArgentinianUruguayan and Southern Brazilian continental shelf.** 1998b. Revista Española de Micropaleontologia 30 (2), 89–116.

WHATLEY, R.C.; MOGUILEVSKY, A.; TOY, N.; CHADWICK, J.; RAMOS, M.I.F. **Ostracoda from the south west AtlanticPart II. The littoral fauna from between Tierra del Fuego and the Rio de La Plata.** 1997. Revista Española de Micropaleontologia 29, 5–83.

WHATLEY, R.C.; STAUNTON, M., KAESLER, R.; MOGUILEVSKY, A. **The taxonomy of recent Ostracoda from the southern part of the Magellan Straits.** 1996. Revista Española de Micropaleontología, 28, 51–76.

WILSON, B.; COIMBRA, J.C.; HAYEK, L.-A.C. **Benthic foraminifera and Neogene sea level changes in the Pelotas Basin, offshore south Brazil.** 2020. Ocean and Coastal Research, 68: e20333. Disponível em: < https://doi.org/10.1590/s2675-28242020068333>

YASUHARA, M.; CRONIN, T.M.; HUNT, G.; HODELL, D.A. **Deep-sea ostracods from the South Atlantic sector of the Southern Ocean during the last 370,000 years.** 2009a. Journal of Paleontology 83 (6), 914–930. https://doi.org/10.1666/08-149.1.

YASUHARA, M.; OKAHASHI, H.; CRONIN, T.M. **Taxonomy of Quaternary Deep-Sea Ostracods from the Western North Atlantic Ocean.** 2009b. Palaeontology 52 (4), 879–931. https://doi.org/10.1111/j.1475-4983.2009.00888.x.

YASUHARA, M.; CRONIN, T.M.; STEPANOVA, A.; BROUWERS, E.M. **Taxonomic revision of deep-sea Ostracoda from the Arctic Ocean.** 2014a. Micropaleontology 60 (5), 399–444.

YASUHARA, M.; GRIMM, M.; BRANDÃO, S.N.; JÖST, A.; OKAHASHI, H.; IWATANI, H.; OSTMAN, A.; MARTÍNEZ ARBIZU, P. **Deep sea benthic ostracodes from multiple core and epibenthic sledge samples in Icelandic waters.** 2014b. Polish Polar Research 35 (2), 341–360. https://doi.org/10.2478/popore-2014-0001.

YASUHARA, M.; HUNT, G.; OKAHASHI, H.; BRANDÃO, S.N. **Taxonomy of Deep-sea Trachyleberidid Thaerocytherid, and Hemicytherid Genera (Ostracoda).** 2015. Smithsonian Contributions to Paleobiology 96, 216 pp. https://doi.org/10.5479/si.1943-6688.96.

YASUHARA, M.; HUNT, G.; OKAHASHI, H. **Quaternary deep-sea ostracodsfrom the north western Pacific Ocean: global biogeography and Drake-Passage, Tethyan, Central American and Arctic pathways.** 2019. Journal of Systematic Palaeontology 17 (2), 91–110. https://doi.org/10.1080/14772019.2017.1393019.

YASUHARA, M.; OKAHASHI, H. **Quaternary deep-sea ostracode taxonomy of Ocean Drilling Program Site 980, eastern North Atlantic Ocean.** 2014. Journal of Paleontology 88 (4), 770–785. Disponível em: < https://doi.org/10.1666/13-125>

———. Late Quaternary deep-sea ostracod taxonomy of the eastern North Atlantic Ocean. 2015. Journal of Micropalaeontology 34, 21–49. https://doi.org/10.1144/jmpaleo2013-022.

YASUHARA, M.; SZTYBOR, K.; RASMUSSEN, T.L.; OKAHASHI, H.; SATO, R.; TANAKA, H. **Cold-seep ostracods from the western Svalbard margin: direct palaeo-indicator for methane seepage?** 2018. Journal of Micropalaeontology, 37, 139–148. Disponível em: < https://doi.org/10.5194/jm-37-139-2018>

ZALÁN, P.V.; WOLFF, S.; CONCEIÇÃO, J.C.J.; MARQUES, A.; ASTOLFI, M.A.M.; MARQUES, A.; ASTOLFI, M.A.M.; VIEIRA, I.S.; APPI, V.T.; ZANOTTO, O. **A Bacia do Paraná.** 1990. *In:* GABAGLIA, G.P.R.; MILANI, E.J. (Ed.). Origem e evolução de bacias sedimentares. p 135–168.

APÊNDICE A - BATHYAL OSTRACODS FROM THE UPPER PLEISTOCENE OF THE RIO GRANDE CONE, PELOTAS BASIN, BRAZIL

Autores: Renata Juliana Arruda Maia, Enelise Katia Piovesan, Cristianini Trescastro Bergue, Geise de Santana dos Anjos Zerfass e Robbyson Mendes Melo.

Este artigo apresenta a taxonomia de 21 espécies pertencentes a 13 gêneros de ostracodes batiais do Pleistoceno Superior do Cone do Rio Grande, Bacia de Pelotas, Brasil. *Eucytherura fossapunctata* nov. sp. foi descrita como uma nova espécie. *Apatihowella, Cytheropteron* e *Cytherella* foram os gêneros dominantes. *Krithe hunti* e *Poseidonamicus hisayoae* tiveram suas ocorrências geográficas estendidas para a margem sul do Brasil. A assembleia recuperada apresentou similaridade faunística às registradas nas regiões batiais do sudoeste brasileiro, que incluem as Bacias de Santos e de Campos. A idade das amostras foi estabelecida a partir da análise bioestratigráfica dos foraminíferos planctônicos.

A publicação do artigo ocorreu em janeiro de 2021, pela revista Revue de micropaléontologie. Disponível em: < https://doi.org/10.1016/j.revmic.2021.100483>

Revue de micropaléontologie 71 (2021) 100483

Contents lists available at ScienceDirect

Revue de micropaléontologie

journal homepage: www.elsevier.com/locate/revmic

BATHYAL OSTRACODS FROM THE UPPER PLEISTOCENE OF THE RIO GRANDE CONE, PELOTAS BASIN, BRAZIL

OSTRACODES BATHYAUX DU PLÉISTOCÈNE SUPÉRIEUR DU CÔNE DE RIO GRANDE, BASSIN DE PELOTAS, BRÉSIL

Renata Juliana Arruda Maia [a,b,*], Enelise Katia Piovesan [a,b], Cristianini Trescastro Bergue [c], Geise de Santana dos Anjos Zerfass [d], Robbyson Mendes Melo [b]

[a] *Universidade Federal de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Geociências, Av. da Arquitetura, s/n, 50740-550, Recife, PE, Brazil*
[b] *Universidade Federal de Pernambuco, Laboratório de Micropaleontologia Aplicada (LAGESE/LITPEG), Av. da Arquitetura, s/n, 50740-550, Recife, PE, Brazil*
[c] *Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Departamento Interdisciplinar, Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos - Ceclimar, Av. Tramandaí, 976, 95625-000, Imbé, RS, Brazil*
[d] *Petróleo Brasileiro S.A., CENPES, Avenida Horácio Macedo, 950, 21941-915, Rio de Janeiro, RJ, Brazil*

ARTICLE INFO

Keywords:
taxonomy
bathyal Ostracoda
Cenozoic
marginal basin.

ABSTRACT

Quaternary deep-sea ostracods supply invaluable data for the understanding of both hydrological and sedimentary processes in the continental slope. A huge portion of western South Atlantic bathyal regions is still poorly explored with respect to deep-sea ostracod research. This article contributes to the study of the assemblage ostracod of the Upper Pleistocene of five piston cores recovered in the Cone of Rio Grande, Pelotas Basin, Brazil. Taxonomic analysis revealed 21 species belonging to 13 genera: *Cytherella, Macropyxis, Argilloecia, Paracytherois, Cytheropteron, Rimacytheropteron, Eucytherura, Loxoconchidea, Xestoleberis, Apatihowella, Henryhowella, Poseidonamicus* and *Krithe*. The assemblages are quite similar to those registered in southwestern Brazilian bathyal regions. A taxon left in open nomenclature is probably a new genus and species. *Eucytherura fossapunctata* nov. sp. is here described.

RESUME

Mots clés:
taxinomie
ostracodes bathyaux
Cénozoïque
bassin de marge.

Les ostracodes des fonds marins quaternaires fournissent des données précieuses pour comprendre les processus hydrologiques et sédimentaires le long des marges continentales. Une grande partie des régions côtières de l'Atlantique Sud-Ouest est encore mal explorée en ce qui concerne les ostracodes d'eau profonde. Cet article contribue à ces racherches par l'étude des assemblages du Pléistocène supérieur de cinq carottes récupérées dans le Rio Grande Cone, Bassin de Pelotas, Brésil. L'analyse taxonomique a révélé 21 espèces, appartenant à 13 genres: *Cytherella, Macropyxis, Argilloecia, Paracytherois, Cytheropteron, Rimacytheropteron, Eucytherura, Loxoconchidea, Xestoleberis, Apatihowella, Henryhowella, Poseidonamicus* et *Krithe*. Les assemblages sont assez similaires à ceux des régions bathyales du sud-ouest du Brésil. Un taxon conservé en nomenclature ouverte est probablement un nouveau genre et une nouvelle espèce. *Eucytherura fossapunctata* nov. sp. est décrit ici.

1. Introduction

Research on ostracods in the Pelotas Basin, both in taxonomic and biostratigraphical aspects, began with the study of Miocene assemblages (Sanguinetti, 1979, 1980) followed by post-Miocene ones (Sanguinetti et al., 1991, 1992). Later, Carreño et al. (1997, 1999), presented an ostracod-based paleoceanographic analysis of the Neogene of this basin assessing the influence of sea level changes on assemblages composition and their biostratigraphic significance. Do Carmo and Sanguinetti (1999) analyzed the pattern of distribution of *Krithe* Brady, Crosskey and Robertson, 1874 and its implication to the paleocirculation in the Southwestern Atlantic. Regarding the Cretaceous–Early Paleogene

---

* Corresponding author.
E-mail addresses: renatajmaia@yahoo.com.br (R.J. Arruda Maia), katiapiovesan@gmail.com (E.K. Piovesan), ctbergue@gmail.com (C.T. Bergue), geise_anjos@hotmail.com (G. de Santana dos Anjos Zerfass), robbysonmelo@gmail.com (R.M. Melo).

http://doi.org/10.1016/j.revmic.2021.100483
Received 2 November 2020Accepted 15 January 2021

assemblages Ceolin et al. (2011) carried out analyses in five cores characterizing neritic environments. More recently, Manica et al. (2015) and Manica and Coimbra (2016) studied taxonomic and zoogeographic aspects of Lower Miocene assemblages of the well 2-RSS-1.

Although fossil and recent shallow-marine ostracods in the Pelotas Basin area are fairly well known (see, for instance, Sanguinetti et al., 1991, 1993; Ramos et al., 2009; Ramos et al., 2012; Ramos et al., 2014) researches on deep-sea assemblages are still scarce. Therefore, the main objective of this article is the taxonomic study of autochthonous bathyal ostracod assemblages from five piston cores obtained between 570 and 1,320 m water depth in the Rio Grande Cone, in the southernmost basin of the Brazilian Margin.

2. Study Area

The Pelotas Basin is located in the southernmost part of Brazilian margin (Figure 1). This basin records, along its sedimentary evolution initiated in the Aptian, successive transgressive deposits which are overlaid by Holocene regressive strata (Bueno et al., 2007). The basin covers approximately 210,000 km^2, and is limited in the north by the Florianópolis High (in Santa Catarina State), and in the south by the Polônio High, in Uruguay (Bueno et al., 2007).

The piston cores herein studied were recovered from a progradational mud stack in the Neogene section of the Pelotas Basin, represented mainly by pelitic terrigenous sediments deposited at high sedimentation rates (Martins, 1984; Fontana, 1990). Discharge from La Plata River and Rio Grande do Sul Highlands drainages gave rise to a progradational fan-like feature named Rio Grande Cone (Martins et al., 1972; Martins, 1984; Bueno et al., 2007), which is associated with delta deposits in the south and deposits of the Patos Lagoon system in the north, whose deposition began during the Miocene (Martins, 1983).

High sedimentation rates and slope physiography favored preservation of organic matter in the Rio Grande Cone as well as formation of a complex slip structure shaped by downslope movements of the sediments in gravitational flows (Castillo et al., 2009; Fontana, 1990; Martins, 1984).

In the Rio Grande Cone a huge province of gas hydrate occurs trapped in the fine sediments as layers, nodules, disseminated grains and pipes (Miller et al., 2015). The hydrate-forming gas has organic origin, composed mainly by methane (Miller et al., 2015). The Rio Grande Cone Gas Hydrate Province is characterized by variable methane flux from local diffusion to areas of high flux, associated to gas chimneys and pockmarks in the proximal area (extensional domain) of the Cone (Rodrigues et al., 2017; Miller et al., 2015). The presence of a deep-sea chemosynthetic community associated to a pockmark in the Rio Grande Cone (Giongo et al., 2016) reinforce the role of gas seeps in the marine ecosystems of the region.

Biostratigraphic studies based on microfossils from the offshore deposits of Neogene age of the Pelotas Basin were developed by Koutsoukos (1982), Gomide (1989) and Anjos and Carreño (2004). For the Quaternary, biostratigraphic zoning based on foraminifers shows climatic oscillations of glacial and interglacial intervals (Carvalho, 1980; Rodrigues and Carvalho, 1980; Vicalvi, 1997, 2011a,b,c,d; Petró et al., 2018).

3. Material and Methods

The piston cores (see Table 1) herein studied were collected by the Conegas Project, a partnership between the *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul* (PUCRS) and Petrobras, in four oceanographic expeditions carried out between May 2011 and July 2013. Five piston-cores from different isobaths were used for ostracod analysis.

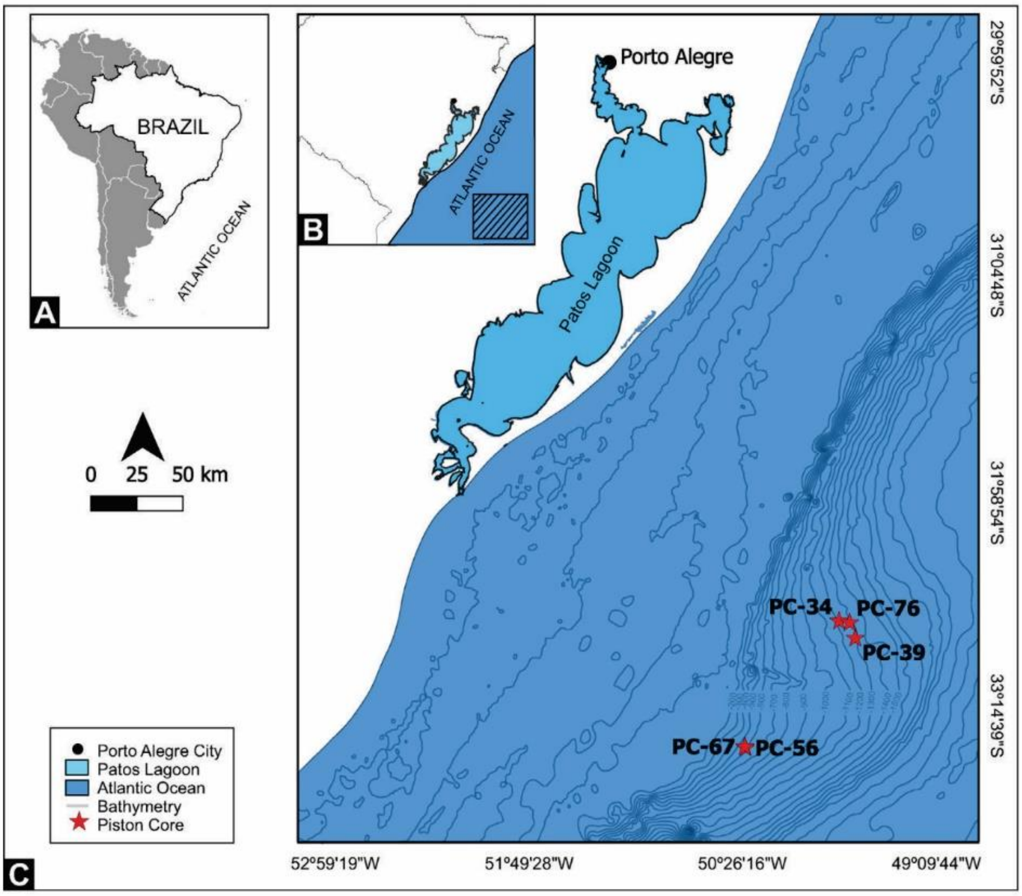


Figure 1. Study area with location of the piston cores studied. **(A).** Location of Brazil; **(B).** Study area; **(C).** Core location. The wells 67 and 56 are very close and, for this reason, they appear superimposed on the map.

Table 1
Location data, bathymetry, final depth and number of samples by piston core. Geographic coordinates data was obtained by Datum SIRGAS 2000 2QS; Zone 22 (Central meridian: 51).

Piston Core	Coordinates		Bathymetry	Final depth (m)	Samples
	S	W			
PC-34	32 46'33.47"	49 53'57.08"	1,232 m	3.4	20
PC-39	32 51'30.08"	49 48'14.59"	1,329 m	0.55	1
PC-56	33 24'4.41"	50 26'19.20"	583 m	4.73	16
PC-67	33 23'38.39"	50 26'31.22"	570 m	14	23
PC-76	32 46'58.82"	49 50'16.81"	1,312 m	11	20
				Total	**80 samples**

In general, the sedimentary facies from which the ostracods were recovered correspond to layers of muddy sediments ranging from olive gray to dark greenish gray with some bioturbation, in addition to evidence of gas hydrates, authigenic carbonate nodules and carbonate concretions. Core 39 was the only one to present gravel in its base associated with carbonate nodules, without the presence of mud.

A total of 80 samples of 17 to 66 g were prepared through washing in running water over a set of granulometric sieves of 0.250 mm, 0.125 mm, 0.063 mm and 0.045 mm, followed by oven drying at 60 C. All specimens from the fractions over 0.125 mm were picked out under Zeiss Stemi-305 stereomicroscope and transferred to micropaleontological cells.

Well-preserved specimens of each morphotype were selected for Scanning Electron Microscopy (PHENOM XL) and stereomicroscopy (Zeiss, AXIO ZOOM V16). Type and figured material are deposited at *Laboratório de Micropaleontologia Aplicada* (LMA), *Universidade Federal de Pernambuco,* under the prefix LMA and curatorial numbers 00080 to 00105. The new taxon is registered in Zoobank (the Official Registry of Zoological Nomenclature of the International Commission on Zoological Nomenclature).

The chronostratigraphic positioning of the studied sections was calibrated with the distribution of planktic foraminifera, following the biozonal scheme of Ericson and Wollin (1968) for the Quaternary, which takes into account the disappearance and reappearance of the *Globorotalia menardii* plexus.

4. Results

A total of 135 specimens were recovered from the studied samples. The core PC-67 showed greater abundance, with 95 specimens, followed by the PC-56, with 25 specimens. The cores PC-76 and PC-39 presented lower abundance and the PC-39 was barren for ostracods. From the total of thirteen genus recorded in the present work, *Cytherella, Loxoconchidea, Cytheropteron, Eucytherura, Xestoleberis, Apatihowella, Henryhowella,* and *Poseidonamicus* also occur in the Santos and Campos basins. However, the *Argilloecia* and *Paracytherois* are common in the assemblages of the Pelotas and Campos basins and *Rymacytheropteron* occurs only in the Pelotas and Santos basins.

The most abundant genus was *Apatihowella*, occurring predominantly in PC-67 (seven samples), with records also in PC-39 (two samples) and PC-56 (one sample). Cytheruridae (three genera) was the most diverse family. *Krithe* had low diversity and frequency of specimens, being recorded only on PC-67 (one sample) and PC-76 (three samples). The geographical occurrence of some taxa has been extended to the southern margin of Brazil from this work. The species *Poseidonamicus hisayoae,* previously described in the Southern Ocean, expanded its occurrence to the Pelotas Basin. In addition, we document *Krithe hunti*, whose previous occurrences were restricted to the Arctic region (Yasuhara et al., 2014a; Jöst et al., 2017; Gemery et al., 2017).

The biostratigraphic analysis based on planktic foraminifera allowed the recognition of the biozones Y and Z, following the zonal scheme of Ericson and Wollin (1968), which represent glacial intervals of the Pleistocene and interglacial of the Holocene. The datum used to identify the Y and Z biozones was based on the disappearance and reappearance of the *Globorotalia menardii* plexus. In the portion of the cores where ostracods were recovered, the absence or rare presence of the G. *menardii* plexus and the abundance *Globorotalia inflata* and *Truncorotalia truncatulinoides,* permitted to characterize the Biozone Y (upper Pleistocene).

The reappearance of the G. *menardii* plexus, including *Globorotalia fimbriata,* indicated the limit between Biozones Y and Z in the cores PC-34 (depth 16 cm), PC-56 (depth 16 cm) and PC-67 (depth 26 cm), marking the base of the Holocene. In the studied cores (PC-34, PC-56, PC-67, PC-76), only in the PC-76 the Holocene interval was not identified. In the core PC-39 there was no recovery of planktic foraminifera, but the ostracod taxa were correlated with the species identified in the PC-67, corresponding to the upper Pleistocene.

4.1. Systematic Palaeontology

The suprageneric taxonomy follows Liebau (2005). Abbreviations: **C,** carapace; **LV**, left valve; **RV,** right valve; **L**, length; **H**, height; **W**, width.

Subclass OSTRACODA Latreille, 1802
Superorder PODOCOPOMORPHA Kozur, 1972
Order PLATYCOPIDA Sars, 1866
Superfamily CYTHERELLOIDEA Sars, 1866
Family CYTHERELLIDAE Sars, 1866
Genus *Cytherella* Jones, 1894
Cytherella santosensis Bergue et al., 2007
(Plate 1, Figure 1)
2007 *Cytherella santosensis* - Bergue et al., p. 10, pl. 3, figs. I–L.

Figured specimen. LMA-00080, juvenile LV, PC-76 (84–86 cm), L. 0.78 mm; H. 0.48 mm.

Material. three C (juvenile), one LV (juvenile), two RV (juvenile).

Occurrence. PC-56 (159.6 cm), PC-67 (104–106 cm), PC-76 (34–36 cm), PC-76 (44–46 cm), PC-76 (84–86 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Santos Basin, Brazil (Bergue et al., 2007), Pelotas Basin, Brazil (this study).

Remarks. The figured specimen is a juvenile and therefore the ventrolateral rib and the peripheral reticulation along both the anterior and posterior margins, is not visible. The morphological characteristics of this species are very conspicuous, even when dealing with juvenile specimens (Bergue et al., 2007).

Cytherella sp. 1
(Plate 1, fig. 2)

Figured specimen. LMA-00081, RV, PC-67 (127.5 cm), L. 0.97 mm; H. 0.61 mm.

Material. five LV (three adults + one juvenile), nine RV (two adults + seven juveniles), one C (adult).

Occurrence. PC-56 (159.6 cm), PC-67 (74–76 cm), PC-67 (104–106 cm), PC-67 (127.5 cm), PC-67 (372.5 cm), PC-76 (84–86 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

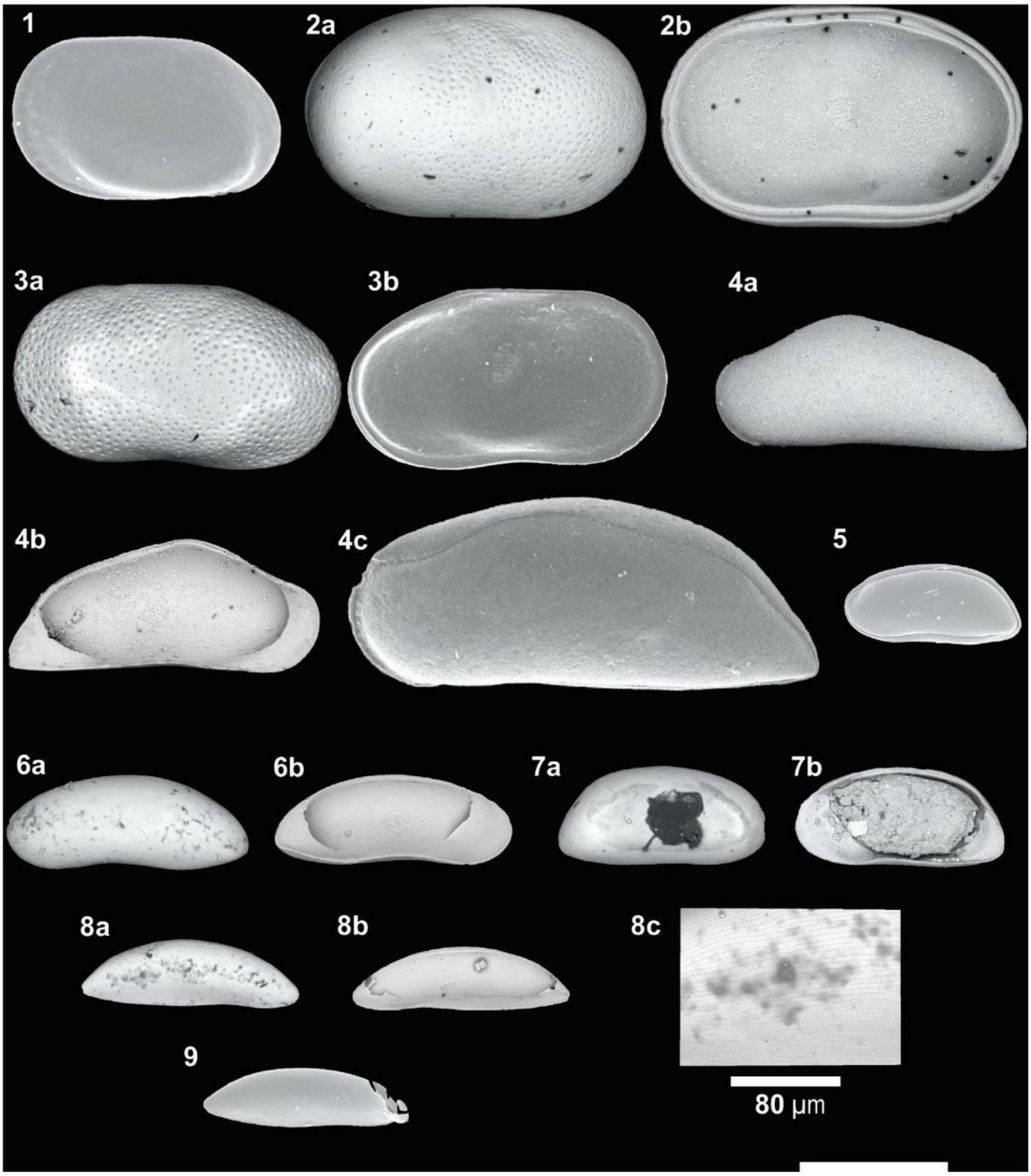


Plate 1. 1. *Cytherella santosensis* Bergue et al., 2007; LV, lateral view; LMA-00080; **2.** *Cytherella* sp. 1; LMA-00081; **2a.** RV, lateral view; **2b**. RV, internal view. **3.** *Cytherella* sp. 2; LMA-00082; **3a**. LV, lateral view; **3b.** LV, internal view. **4.** *Macropyxis* sp. aff. *M. alanlordi* Brandão, 2010; **4a.** LV, lateral view; LMA-00083; **4b.** LV, internal view; LMA-00083; **4c.** C, left lateral view; LMA-00084; **5.** *Argilloecia* sp. 1; C, left lateral view; LMA-00085; **6.** *Argilloecia* sp. 2; LMA-00086; **6a.** LV, lateral view; **6b.** LV, internal view; **7.** *Argilloecia* sp. 3; LMA-00087; **7a.** RV, lateral view; **7b.** RV, internal view; **8.** *Paracytherois* sp. 1; LMA-00088; **8a.** RV, lateral view; **8b.** RV, internal view; **8c.** detail of the horizontal striations; **9.** *Paracytherois* sp. 2. RV, lateral view; LMA-00089. **Scale bar:** 400 µm.

Remarks. *Cytherella* sp. 1 differs from *Cytherella* sp.1 registered by Manica et al. (2015) in the Lower Miocene of the Pelotas Basin by the outline of the posterior margin and in having the middle part of carapace more densely punctuate.

Cytherella sp. 2

(Plate 1, figs. 3a–b)

Figured specimen. LMA-00082, LV, PC-56 (159.6 cm), L. 0.91 mm; H. 0.51 mm.

Material. two LV (adults), two RV.

Occurrence. PC-56 (159.6 cm), PC-67 (74–76 cm), PC-67 (427.5 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Remarks. *Cytherella* sp. 2 strongly differs from *Cytherella* sp. 1 in outline and in having puncta more widely distributed on the lateral surface.

Order PODOCOPIDA Sars, 1866

Suborder CYPRIDOCOPINA Jones, 1901

Superfamily MACROCYPRIDOIDEA Müller, 1912

Family MACROCYPRIDIDAE Müller, 1912

Genus *Macropyxis* Maddocks, 1990

Macropyxis sp. aff. *M. alanlordi* Brandão, 2010

(Plate 1, figs. 4a–c)

aff. 2010 *Macropyxis alanlordi* Brandão - Brandão, p. 595, figs. 15–17.

Figured specimens. LMA-00083, juvenile LV, PC-67 (612.5 cm), L. 0.28 mm; H. 0.12 mm; LMA-00084, adult C, PC-76 (14–16 cm), L. 1.25 mm; H. 0.52 mm.

Material. one C (adult), two LV (one juvenile + one adult).

Occurrence. PC-67 (612.5 cm), PC-76 (14–16 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Remarks. The adult specimen herein figured (fig. 4c) is similar to *Macropyxis alanlordi* Brandão (2010) but differs in the pronounced anterodorsal overlap. It probably represents a new species, whose scarcity of specimens in the samples herein analyzed precludes description.

Superfamily PONTOCYPRIDOIDEA Müller, 1894

Family PONTOCYPRIDIDAE Müller, 1894

Genus *Argilloecia* Sars, 1866

Argilloecia sp. 1

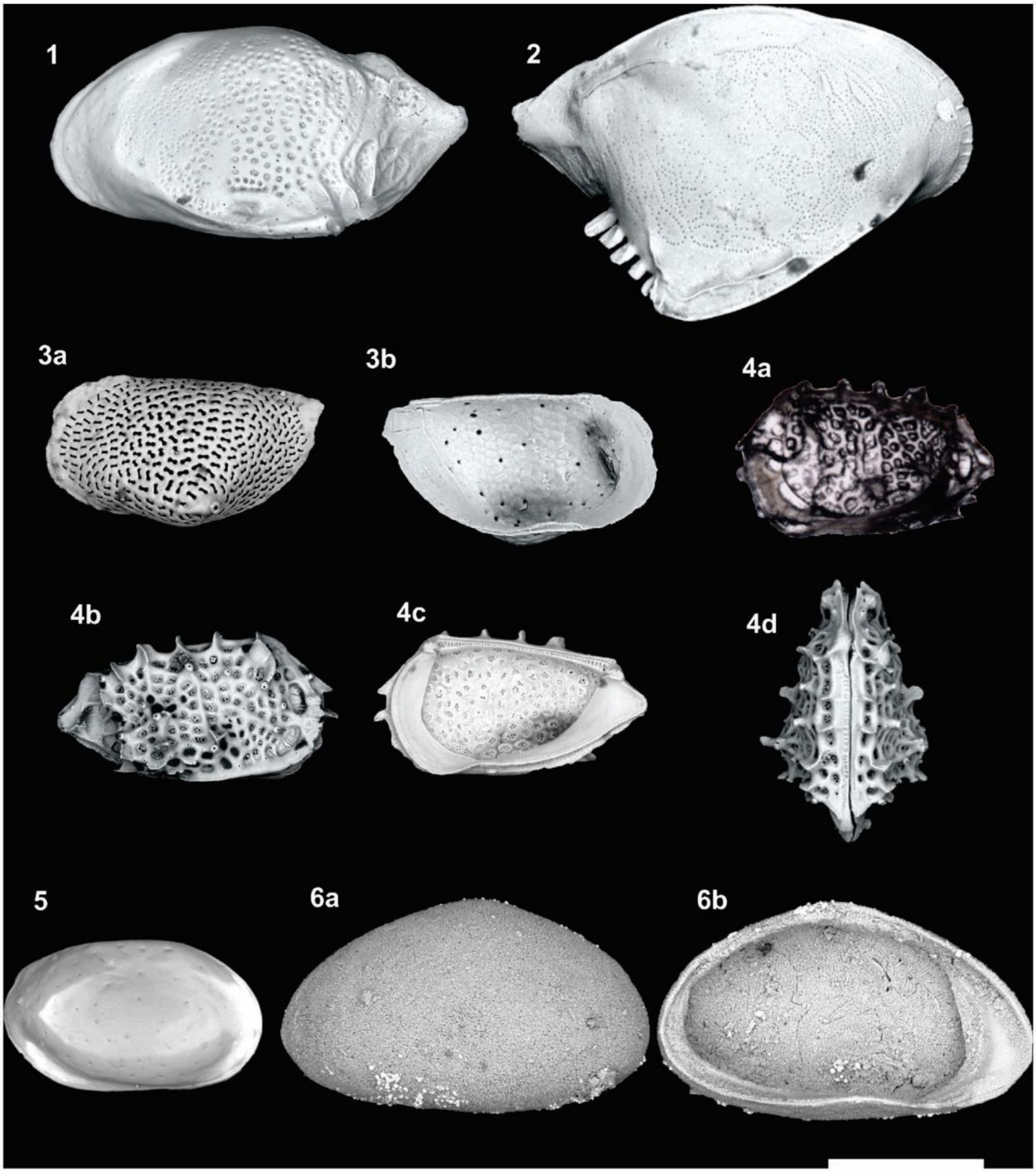


Plate 2. 1. *Cytheropteron* sp. 1; LV, lateral view; LMA-00090; **2.** *Cytheropteron* sp. 2; RV, lateral view; LMA-00091; **3.** *Rimacytheropteron longipunctatum* (Breman, 1976); LMA-00092; **3a**. LV, lateral view; **3b.** LV, internal view. **4.** *Eucytherura fossapunctata* sp. nov. **4a**. Optical microscopy RV, internal view; LMA-00093; **4b.** RV, internal view; LMA-00093; **4c.** RV, lateral view; LMA-00093; **4d.** C, dorsal view; LMA-00094. **5.** *Loxoconchidea minima* Bonaduce et al., 1976; C, rigth lateral view; LMA-00096; **6.** *Xestoleberis* sp.; LMA-00097; **6a.** LV, lateral view; **6b.** LV, internal view. **Scale bar:** 200 µm.

(Plate 1, fig. 5)

Figured specimen. LMA-00085, C, PC-67 (144–146 cm), L. 0.49 mm; H. 0.22 mm.

Material. one C.

Occurrence. PC-67 (144–146 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Argilloecia sp. 2

(Plate 1, figs. 6a–b)

Figured specimen. LMA-00086, LV, PC-56 (159.6 cm), L. 0.65 mm; H. 0.24 mm.

Material. one LV.

Occurrence. PC-56 (159.6 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Remarks. *Argilloecia* sp. 2 differs from *Argilloecia* sp. 1 in having the valve more elongated laterally and the posterior margin less acuminate.

Argilloecia sp. 3

(Plate 1, figs. 7a–b)

Figured specimen. LMA-00087, RV, PC-56 (84–86 cm), L. 0.56 mm; H. 0.27 mm.

Material. one RV.

Occurrence. PC-56 (84–86 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Remarks. *Argilloecia* sp. 3 resembles *Argilloecia conoidea* Sars, 1923, but differs in the less acuminate posterior margin.

Suborder CYTHEROCOPINA Gründel, 1967

Superfamily PARADOXOSTOMATOIDEA Brady and Norman, 1889

Family PARADOXOSTOMATIDAE Brady and Norman, 1889

Genus *Paracytherois* Müller, 1894

Paracytherois sp. 1

(Plate 1, figs. 8a–c)

Figured specimen. LMA-00088, RV, PC-67 (1427.5 cm), L. 0.59 mm; H. 0.18 mm.

Material. two RV (adults).

Occurrence. PC-67 (1032.5 cm), PC-67 (1427.5 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Paracytherois sp. 2

(Plate 1, fig. 9)

Figured specimen. LMA-00089, juvenile RV, PC-67 (1427.5 cm), L. 0.53 mm; H. 0.16 mm

Material. one RV.

Occurrence. PC-67 (1427.5 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Remarks. *Paracytherois* sp. 2 differs from *Paracytherois* sp. 1 in having the dorsal margin more arched and greater height.

Suborder CYTHEROCOPINA Gründel, 1967

Infraorder NOMOCYTHERININA Liebau, 1991

Superfamily CYTHEROIDEA Baird, 1850

Family CYTHERURIDAE Müller, 1894

Genus *Cytheropteron* Sars, 1866

Cytheropteron sp. 1

(Plate 2, fig. 1)

Figured specimen. LMA-00090, adult LV, PC-56 (159.6 cm), L. 0.58 mm; H. 0.28 mm.

Material. nine RV (three adults + four juveniles), 13 LV (two adult + eleven juveniles).

Occurrence. PC-56 (159.6 cm), PC-67 (64–66 cm), PC-67 (127.5 cm), PC-67 (1212 cm), PC-67 (1427.5 cm), PC-76 (14–16 cm), PC-76 (140–142 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Remarks. This species differs slightly from *Cytheropteron* sp. registered by Ramos et al. (2014) in the posterodorsal outline and the size. The morphological characteristics of this specimen are not observed in any other described species of this genus. Possibly constitutes a new species.

Cytheropteron sp. 2

(Plate 2, fig. 2)

Figured specimen. LMA-00091, RV, PC-67 (1212 cm), L. 0.59 mm; H. 0.40 mm.

Material. six RV (two adults + four juveniles), seven LV (four juveniles + three adults).

Occurrence. PC-56 (159.6 cm), PC-67 (64–66 cm), PC-67 (1212 cm), PC-67 (1427.5 cm), PC-76 (14–16 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Remarks. *Cytheropteron* sp. 2 differs from *Cytheropteron* sp. 1 for the punctate ornamentation, less pronounced caudal process and prominent alar process with posterior spines.

Genus *Rimacytheropteron* Whatley and Coles, 1987

Rimacytheropteron longipunctatum (Breman, 1976)

(Plate 2, figs. 3a–b)

1976 *Monoceratina longipunctata* Breman, p. 77, pl. 12, fig. 183.

1987 *Rimacytheropteron longipunctata* (Breman) - Whatley and Coles, p. 70, pl. 3, figs. 2–3.

2000 *Rimacytheropteron longipunctatum* (Breman) - Aiello et al., p. 97, pl. 3, fig. 11.

2000 *Rimacytheropteron longipunctata* (Breman) - Didié and Bauch, p. 115, pl. 4, fig. 26.

2004 *Rimacytheropteron longipunctatum* (Breman) - Aiello and Szczechura, p. 56, pl. 14, figs. 7–8.

2006 *Rimacytheropteron longipunctatum* (Breman) - Bergue et al., p. 207, fig. 7 M.

2008 *Rimacytheropteron longipunctatum* (Breman) - Bergue and Coimbra, p. 133, pl. 7, fig. 12.

2009 *Rimacytheropteron longipunctatum* (Breman) - Yasuhara, Okahashi and Cronin, p. 909, pl. 14, figs. 1–5.

Figured specimen. LMA-00092, LV, PC-67 (912.5 cm), L. 0.34 mm; H. 0.19 mm.

Material. two LV.

Occurrence. PC-67 (912.5 cm), PC-67 (1032.5 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Middle Miocene: Central Paratethys, southwestern Poland (Aiello and Szczechura, 2004); Plio-Pleistocene: Sicily, Italy (Aiello et al., 2000); Late Quaternary: Rockall Plateau, North Atlantic (Didié and Bauch, 2000); ; Pleistocene: Santos Basin, Brazil (Bergue et al., 2006; Bergue and Coimbra, 2008); Pleistocene–Holocene: ODP Hole 1055B, western North Atlantic (Yasuhara et al., 2009b); Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Genus *Eucytherura* Müller, 1894

Eucytherura fossapunctata Maia, Bergue and Piovesan nov. sp.

(Plate 2, figs. 4a–d)

2008 *Eucytherura* sp. B Bergue and Coimbra, p. 129, pl. 6, fig. 7,8.

Derivation of name. L. *fossa* + *punctata,* in reference to ornamentation with fossae and pores.

Diagnosis. A species of *Eucytherura* subrectangular in lateral view, with surface densely reticulated. Fossae subrounded with thick muri. Sola perforated with one to seven pores. Acute crests protruding from the carapace in the dorsal, anterior and ventral regions. Caudal process short and median.

Material: Holotype. LMA-00093, RV, PC-67 (1032.5 cm), L. 0.34 mm, H. 0.19 mm. Paratype 1. LMA-00094, C, PC-67 (1032.5 cm), L. 0.32 mm; H. 0.17 mm; W. 0.22 mm. Paratype 2. LMA-00095, LV, PC-67 (1032.5 cm), L. 0.34 mm; H. 0.19 mm.

Zoobank code: http://zoobank.org/urn:lsid:zoobank.org:pub:A15729C2-B860-4071-A69C-43A5E9431D4F

Description. A small species of *Eucytherura* with subrectangular outline in lateral view. Dorsal margin slightly convex, but obscured by dorsal ornament; ventral margin strongly sinuous but hidden by a ventrolateral carina except in the anterior portion. Anterior margin symmetrically rounded but hidden by overgrown ornament; posterior margin with median, short and obtuse caudal process. Surface densely reticulated forming fossae subrounded with thick muri. Intramural pore-canals few and scattered through surface, mostly rimmed. Sola with pore-clusters composed by up to seven pores, absent in the posterior region. In the two largest fossae, at the anteromedian and anteroventral regions, pore-clusters are also absent. Dorsal region with five conspicuous spines perpendicular to dorsal margin, some of them overlaid with short carina. Degenerate eye-tubercle (i.e. without ocular sinus) adjoined to a short curved carina present in the RV. Ventrolateral region with two well-developed carina, one of them seen only in internal view. The other one, which originates from a ridge running along the anterior margin vanishes immediately after mid-length. Anterior margin rimmed by narrow carina holding two short and downwardly projected spines. At posterior region, an oblique and sinuous carina separates the posterior margin from the rest of carapace. Internal view: Anterior duplicature moderately wide; posterior duplicature widening towards the dorsal region. Selvage

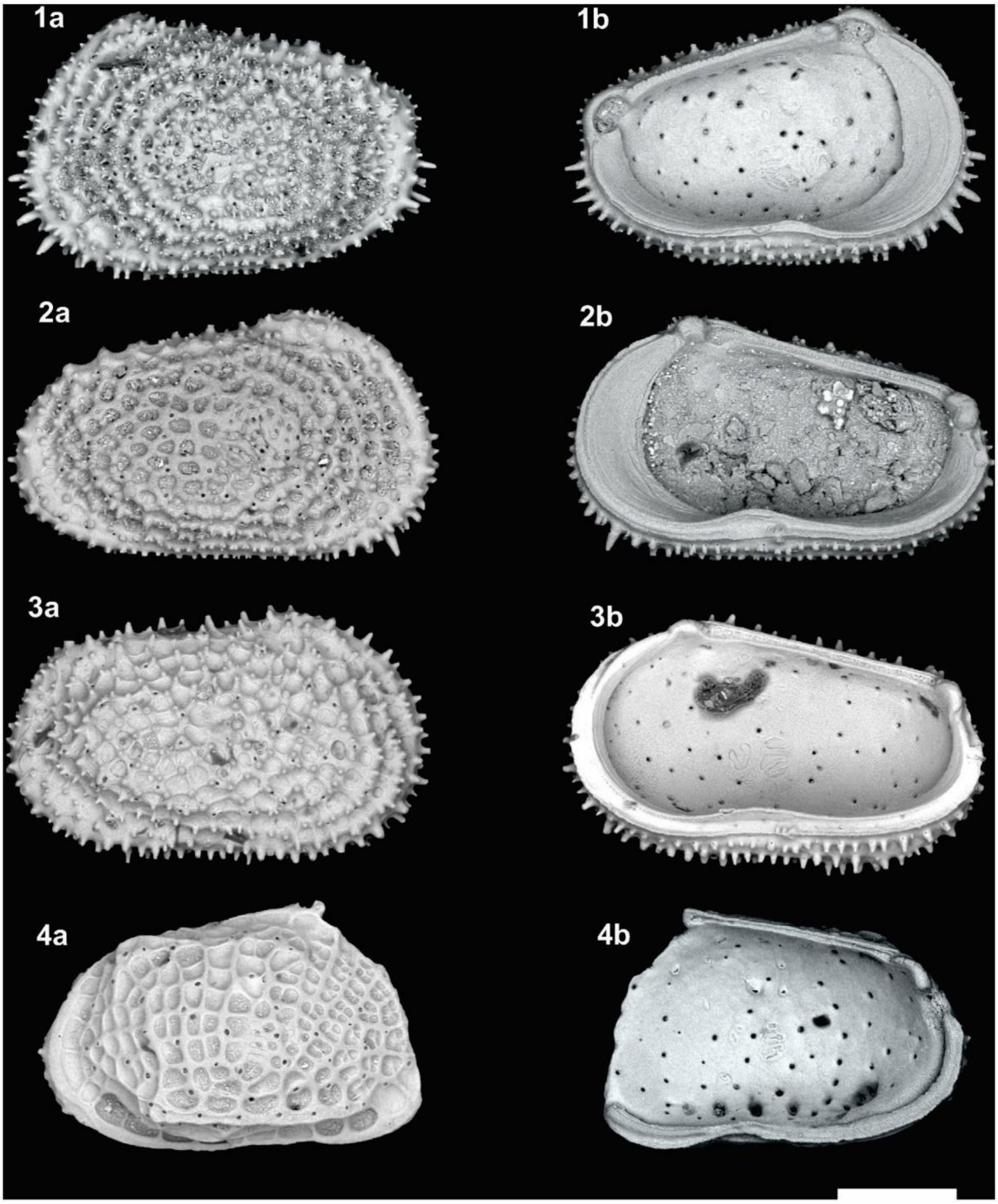


Plate 3. 1. *Apatihowella besnardi* Bergue et al., 2016; LMA-00098; **1a.** LV, lateral view. **1b.** LV, internal view; **2.** *Apatihowella convexa* Bergue et al., 2016; LMA-00099; **2a.** RV, lateral view; **2b**. RV, internal view; **3.** *Henryhowella asperrima* Reuss, 1850; LMA-00100; **3a.** RV, lateral view; **3b.** RV, internal view; **4.** *Poseidonamicus hisayoae* Yasuhara et al., 2009a; LMA-00101; **4a**. RV, lateral view; **4b**. RV, internal view. **Scale bar:** 200 μm.

conspicuous along the anterior and ventral margins. Hinge antimerodont with posterior element larger than the anterior one, and with narrow accommodation groove running along all its length. Internal surface thoroughly marked by pore-clusters. Central muscle-scars not seen in detail.

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Santos Basin, Brazil (Bergue and Coimbra, 2008); Pelotas Basin, Brazil (this study).

Remarks. Coimbra et al. (1999) present the only descriptions of *Eucytherura* in the Brazilian margin, but the species therein described (i.e. *E. dinglei* and *E. pulchra*) are quite different from the one herein proposed. The diversity of this genus in deep waters, however, seems to be higher. *E. mayressi* Yasuhara et al. (2009b) described in North Atlantic, differs in the outline and in having a well-developed median carina. *E. namericana* Yasuhara et al. (2009b), described in the same site, also has degenerate eye-tubercles, the RV one being far more developed. However, that species differs from *E. fossapunctata* nov. sp. in having trefoil ornamentation and conspicuous subcentral tubercle.

Family LOXOCONCHIDAE Sars, 1925

Loxoconchidea Bonaduce et al., 1976

Loxoconchidea minima Bonaduce et al., 1976

(Plate 2, fig. 5)

1976 *Loxoconchidea minima* Bonaduce et al., p. 112, pl. 59, figs 1–7.

2004 *Loxoconchidea minima* Bonaduce et al., - Aiello and Szczechura, p. 35, pl. 7, figs. 1–3.

2006 *Loxoconchidea minima* Bonaduce et al., - Bergue et al., p. 206, fig. 6E.

2008 *Loxoconchidea minima* Bonaduce et al., - Bergue and Coimbra, p. 115, pl. 1, fig. 16.

2009 *Loxoconchidea minima* Bonaduce et al., - Yasuhara, Okahashi and Cronin, p. 37, pl. 17, figs. 8–11

2015 *Loxoconchidea minima* Bonaduce et al.,–Yasuhara and Okahashi, p. 44, pl. 15, fig. A.

Figured specimen. LMA–00096, juvenile C, PC-56 (84–86 cm), L. 0.33 mm; H. 0.15 mm.

Material. one C.

Occurrence. PC-56 (84–86 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Middle Miocene: Central Paratethys, southwestern Poland (Aiello and Szczechura, 2004); Quaternary: Adriatic Sea (Bonaduce et al., 1976); Pleistocene–Holocene: ODP Hole 1055B, western North Atlantic (Yasuhara et al., 2009b); Quaternary: North Atlantic, Hole 982A (Yasuhara and Okahashi, 2015); Pleistocene: Santos and Pelotas Basins, Brazil (Bergue et al., 2006, 2008; this study).

Family XESTOLEBERIDIDAE Sars, 1928

Genus *Xestoleberis* Sars, 1866

Xestoleberis sp.

(Plate 2, figs. 6a–b)

Figured specimen. LMA-00097, juvenile LV, PC-67 (84–86 cm), L. 0.49 mm; H. 0.29 mm.

Material. one RV.

Occurrence. PC-67 (84–86 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Remarks. *Xestoleberis* sp. differs from all species of the genus described in the Brazilian continental shelf (see Da Luz and Coimbra, 2015). It also differs from other shallow water *Xestoleberis* species registered by Whatley et al. (1997) and Whatley et al. (1998a,b) along Argentinian and Uruguayan shelves. It is similar to *Xestoleberis* sp. registered by Ertekin and Tunoglu (2008) (p. 320, pl. 4. fig. 17) but differs in having the ventral margin more convex.

Superfamily TRACHYLEBERIDOIDEA Sylvester-Bradley, 1948

Family TRACHYLEBERIDIDAE Sylvester-Bradley, 1948

Genus *Apatihowella* Jellinek and Swanson, 2003

Apatihowella convexa Bergue et al., 2016

(Plate 3, figs. 1a–b)

2016 *Apatihowella convexa* Bergue et al., p. 81, pl. 5, figs. 1–8.

Figured specimen. LMA-00098, LV, PC-56 (159.6 cm), L. 0.71 mm; H. 0.46 mm.

Material. two C (adults), 12 RV (adults), 16 LV (adults).

Occurrence. PC-39 (0–6 cm), PC-56 (159.6 cm), PC-67 (64–66 cm), PC-67 (74–76 cm), PC-67 (84–86 cm), PC-67 (104–106 cm), PC-67 (127.5 cm), PC-67 (144–146 cm), PC-67 (372.5 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Quaternary: Southern Brazilian Margin (Bergue et al., 2016); Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Apatihowella besnardi Bergue et al., 2016

(Plate 3, figs. 2a–b)

2003 *Henryhowella macrocicatricosa* Whatley et al. - Drozinski et al., p. 68, fig. 8H.

Non 1998 *Henryhowella macrocicatricosa* Whatley et al., p. 110, pl. 5, figs. 18–22.

2003 *Henryhowella* sp. Drozinski et al., p. 68, fig. 8I.

2016 *Apatihowella besnardi* Bergue et al., p. 79, pl. 4, figs. 12–18.

Figured specimens. LMA-00099, adult RV, PC-67 (84–86 cm), L. 0.74 mm; H. 0.438 mm.

Material. nine LV (adults), seven RV (adults), one C.

Occurrence. PC-39 (0–6 cm), PC-67 (64–66 cm), PC-67 (74–76 cm), PC-67 (84–86 cm), PC-67 (104–106 cm), PC-67 (372.5).

Geographic and stratigraphic distribution. Holocene: Continental Margin of Rio Grande do Sul, Brazil (Drozinski et al., 2003, Bergue et al., 2016); Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Genus *Henryhowella* Puri, 1957

Henryhowella asperrima Reuss, 1850

(Plate 3, figs. 3a–b)

2015 *Henryhowella asperrima* (Reuss) - Yasuhara et al., p. 82, fig. 42A–O (see this for a comprehensive synonymy before 2015).

2017 *Henryhowella asperrima* (Reuss) - Bergue et al., p. 501, pl. 2, fig. 18; pl. 3, fig. 1.

2019 *Henryhowella asperrima* (Reuss) - Bergue et al., p. 1288, figs. 4J–K.

Figured specimen. LMA-00100, juvenile RV, PC-67 (1427.5 cm), L. 0.72 mm; H. 0.44 mm.

Material. one RV (juvenile), one LV (juvenile).

Occurrence. PC-67 (1427.5 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Tertiary, Austria (Reuss, 1850); Paleogene: southern Upper Rhine Graben, Heidelberg Basin, Germany (Pirkenseer and Berger, 2011); Late Eocene–Oligocene: Kerguelen Plateau, Southern Indian Ocean (Bergue and Govindan, 2010); Late Oligocene–Miocene: Lower Elbe area, German Tertiary Basin (Uffenorde, 1981); Miocene–Pleistocene: Rio Grande Rise, western South Atlantic (Bergue et al., 2019); Miocene: Badenian; Vienna Basin (Kempf and Nink, 1993); Middle Miocene: Central Paratethys, southwestern Poland (Aiello and Szczechura, 2004); Pliocene–Pleistocene: SE Laconia, Peloponnese, Greece (Malz and Jellinek, 1984); Quaternary: Arctic Ocean (Joy and Clark, 1977; Cronin, 1996); Late Quaternary: East Greenland (Whatley et al., 1998a,b); Rockall Plateau, North Atlantic (Didié and Bauch, 2001); Pleistocene–Holocene: ODP Hole 1055B, western North Atlantic (Yasuhara et al., 2009b); Pleistocene: Campos Basin, Brazil (Bergue et al., 2017) and Pelotas Basin, Brazil (this study).

Remarks. *Henryhowella asperrima* is a widely distributed deep-sea species, with occurrences in several oceanic basins in Paleogene, Neogene and Quaternary, although the conspecificity of all those records is questioned by some authors (e.g. Jellinek and Swanson, 2003). The anterior and posterior elements of the hinge and the contour of the posterior region demonstrate that the specimen is juvenile (probably A-1). Morphological characteristics of this species are very conspicuous, even when dealing with juvenile specimens.

Family HEMICYTHERIDAE Puri, 1953

Subfamily THAEROCYTHERINAE Hazel, 1967

Genus *Poseidonamicus* Benson, 1972

Poseidonamicus hisayoae Yasuhara et al., 2009a

(Plate 3, figs. 4a–b)

2009a *Poseidonamicus hisayoae* Yasuhara et al., p. 8, pl. 6, figs. 1–8.

Figured specimens. LMA-00101, juvenile RV, PC-39 (0–6 cm), L. 0.64 mm, H. 0.41 mm.

Material. one RV.

Occurrence. PC-39 (0–6 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Quaternary: Southern Ocean (Yasuhara et al., 2009a); Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

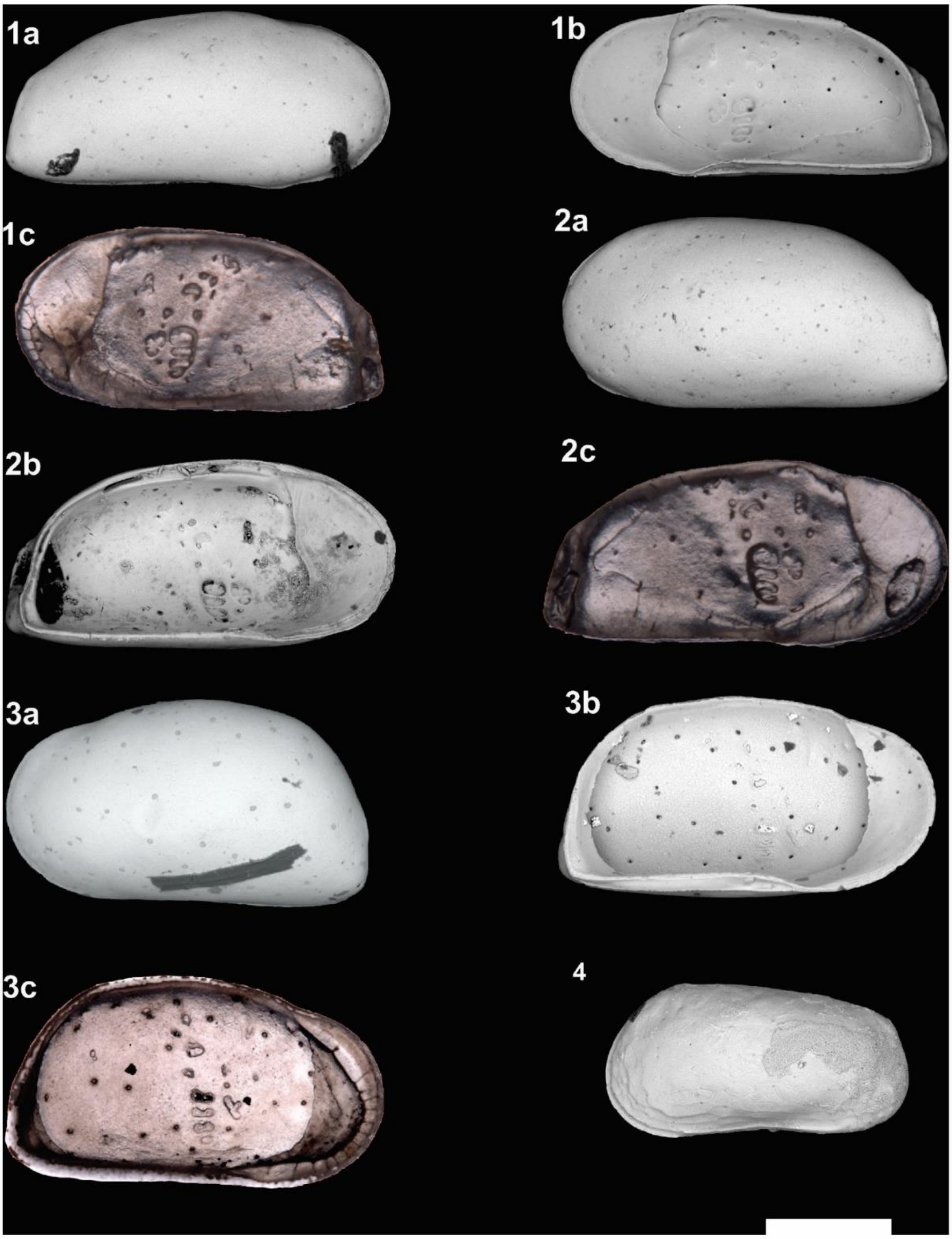


Plate 4. 1. *Krithe hunti* Yasuhara et al., 2014a; LMA-00102; **1a.** RV, lateral view; **1b.** RV, internal view; **1c.** Optical microscopy RV, internal view; **2.** *Krithe hunti* Yasuhara et al., 2014a; LMA-00103; **2a.** LV, lateral view; **2b.** LV, internal view; **2c.** Optical microscopy LV, internal view; **3.** *Krithe reversa* Bold, 1958; LMA-00104; **3a.** LV, lateral view; **3b.** LV, internal view; **3c.** Optical microscopy LV, internal view. **4.** Gen. et sp. indet.; LMA-00105; C, left lateral view; **Scale bar:** 300 μm.

Remarks. Although the studied specimen is broken and juvenile, the number and position of normal pore-canals allowed its identification at species level.

Superfamily CYTHERIDEOIDEA Liebau, 2005

Family KRITHIDAE Mandelstam, 1958

Genus *Krithe* Brady, Crosskey and Robertson, 1874

Krithe hunti Yasuhara et al., 2014a

(Plate 4, figs. 1a–c, 2a–c)

2014 *Krithe hunti* Yasuhara et al., p. 431, pl. 13, figs. 1–11; p. 432, pl. 14, figs. 1–11.

Figured specimens. LMA-00102, RV, PC-76 (34–36 cm), L. 0.91 mm; H. 0.42 mm; LMA-00103, LV, PC-76 (140–142 cm), L. 0.91 mm; H. 0.46 mm.

Material. one RV; one LV.

Occurrence. PC-76 (34–36 cm), PC-76 (140–142 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Arctic Ocean (Yasuhara et al., 2014); Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Krithe reversa Bold, 1958

(Plate 4, figs. 3a–c)

1958 *Krithe reversa* Bold, p. 399, pl. 1, figs. 4a–g.

1983 *Krithe* sp. C - Cronin, pl. 10, figs. A, B, C.

1994 *Krithe reversa* Bold, 1958 - Coles et al., p. 77, pl. 1, figs. 1–6.

1995 *Krithe* sp. 4 - Do Carmo and Sanguinetti, p.493, pl. 2, fig. E.

1996 *Krithe reversa* Bold, 1958 - Van Harten, p. 300, pl. 3, fig. j.

1999 *Krithe reversa* Bold, 1958 - Do Carmo and Sanguinetti, p. 6, pl. 1, fig. 2.

1999 *Krithe reversa* Bold, 1958 - Rodriguez-Lázaro and Cronin, p. 345, fig. 3 B8; p. 346, pl. 1, figs. 16–17.

2004 *Krithe reversa* Bold, 1958 - Ayress et al., p. 31.

2016 *Krithe* sp. 2 - Bergue et al., p. 83, figs. 6.5–6.7.

2019 *Krithe reversa* Bold, 1958 - Yasuhara et al., p. 6, pl. 3, figs. A–F.

Figured specimens. LMA-00104, female LV, PC-67 (127.5 cm), L. 0.89 mm; H. 0.48 mm.

Material. two LV.

Occurrence. PC-67 (127.5 cm), PC-76 (84–86 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Eocene: Brasso Formation, Trinidad (Bold, 1958); Florida-Hatteras slope, USA (Cronin, 1983); Tertiary–Quaternary: North Atlantic (Coles et al., 1994), Brazilian continental margin (Do Carmo and Sanguinetti, 1995, 1999); Recent: North Atlantic (Van Harten, 1996); Quaternary: Florida–Hatteras Slope/ Blake Plateau (FHS/BP) and Little Bahama Bank (LBB) (Rodriguez-Lázaro and Cronin, 1999); Quaternary: Kerguelen and Heard Islands, South Indian Ocean (Ayress et al., 2004); Quaternary: Southern Brazilian Margin (Bergue et al., 2016); Quaternary: Shatsky Rise, northwestern Pacific Ocean (Yasuhara et al., 2019); Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Family *incertae sedis*

Gen. et sp. indet.

(Plate 4, figs. 4)

Figured specimens. LMA-00105, C, PC-67 (144–146 cm), L. 0.74 mm; H. 0.37 mm.

Material. three C.

Occurrence. PC-67 (144–146 cm).

Geographic and stratigraphic distribution. Pleistocene: Pelotas Basin, Brazil (this study).

Remarks. The scarcity and type of material recovered did not allow a taxonomic classification of the specimen at the level of family. Gen. et sp. indet. it is probably a new genus and species.

5. Conclusions

Compared to previous studies on bathyal ostracods in the Santos, Campos and Pelotas Brazilian marginal basins, the assemblages herein studied are similar at generic and specific level, which reflects the wide pattern of geographic distribution of many deep-sea taxa in the South Atlantic region. The diversity, measured simply as the number of species (S), is considerably lower compared to other bathyal regions in the Brazilian margin. Nonetheless, some of the species left in open nomenclature in this paper, most probably constitute new taxa.

The data provided by the present work corroborate previous researches on bathyal ostracods that have demonstrated Trachyleberididae, Cytheruridae, Pontocyprididae as important constituents of South Atlantic deep-sea ostracod assemblages (Bergue and Coimbra, 2008; Yasuhara et al., 2009a,b; Sousa et al., 2013; Bergue et al., 2016). Additional research, however, is necessary to investigate the factors influencing the low diversity in this sector of the southern Brazilian continental margin.

Declaration of Competing Interest

The authors report no declarations of interest.

Acknowledgements

We thank Petrobras and the *Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul* (PUCRS) for supplying the samples, the team at the Conegas project for their help in collecting the samples and colleagues at LMA for the assistance provided in this study. The first author thanks the National Council for Scientific and Technological Development (CNPq) for the financial support. We express our gratitude to the reviewers whose criticism improved the earlier version of this manuscript.

References

Aiello, G., Barra, D., Bonaduce, G., 2000. Systematics and biostratigraphy of the Ostracoda of the Plio–Pleistocene Monte S. Nicola section (Gela, Sicily). Bollettino della Società Paleontologica Italiana 39, 83–112.

Aiello, G., Szczechura, J., 2004. Middle Miocene ostracods of the Fore-Carpathian Depression (Central Paratethys, southwestern Poland). Bollettino della Società Paleontologica Italiana 43 (1–2), 11–70.

Anjos, G.S., Carreño, A.L., 2004. Bioestratigrafia (Foraminiferida) da Sondagem 1-Scs-3b, Plataforma de Florianópolis. Bacia de Pelotas. Revista Brasileira de Paleontologia 7 (2), 127–138.

Ayress, M.A., De Deckker, P., Coles, G.P., 2004. A taxonomic and distributional survey of marine benthonic Ostracoda off Kerguelen and Heard Islands, South Indian Ocean. Journal of Micropalaeontology 23, 15–38. https://doi.org/10.1144/jm.23.1.15.

Bergue, C.T., Brandão, S.N., Zerfass, G.S.A., 2019. Palaeoceanographical events from the late Miocene to Pleistocene of the Rio Grande Rise (south-western Atlantic) as indicated by Ostracoda. Journal of Systematic Palaeontology 17 (17), 1497–1518. https://doi.org/10.1080/14772019.2018.1536895.

Bergue, C.T., Coimbra, J.C., 2008. Late Pleistocene and Holocene bathyal ostracodes from the Santos Basin, southeastern Brazil. Palaeontographica Abteilung A 285, 101–144. https://doi.org/10.1127/pala/285/2008/101.

Bergue, C.T., Coimbra, J.C., Cronin, T.M., 2007. Cytherellid species (Ostracoda) and their significance to the late Quaternary events in the Santos Basin Brazil. Senckenbergiana maritima 37, 5–12. https://doi.org/10.1007/BF03043205.

Bergue, C.T., Coimbra, J.C., Pivel,, M.A.G., Petró, S.M., Mizusaki, A.M.P., 2017. Taxonomy and climatic zonation of the Late Quaternary bathyal ostracods from the Campos Basin, Brazil. Revue de Micropaléontologie 60, 493–509. https://doi.org/10.1016/j.revmic.2017.07.001.

Bergue, C.T., Coimbra, J.C., Ramos, M.I.F., 2016. Taxonomy and bathymetric distribution of the outer neritic/upper bathyal ostracodes (Crustacea: Ostracoda) from the southernmost Brazilian continental margin. Zootaxa 4079 (1), 065–086. https://doi.org/10.11646/zootaxa.4079.1.5.

Bergue, C.T., Costa, K.B., Dwyer, G., Moura, C.A.V., 2006. Bathyal ostracodes diversity in the Santos Basin Brazilian southeast marg response to late Quaternary climate changes. Revista Brasileira de Paleontologia 9, 201–210. https://doi.org/10.4072/rbp.2006.2.04.

Bergue, C.T., Govindan, A., 2010. Eocene-Pliocene deep sea ostracodes from ODP site 744A, Southern Indian Ocean. Anais da Academia Brasileira de Ciências 82 (3), 747–760.

Bold, W.A., Van, Den., 1958. Ostracoda of the Brasso Formation of Trinidad. Micropaleontology 4, 391–418. https://doi.org/10.1590/S0001-37652010000300021.

Bonaduce, G., Ciampo, G., Masoli, M., 1976. Distribution of Ostracoda in the Adriatic Sea. Pubblicazioni della Stazione Zoologica di Napoli 40, 1–154.

Brandão, S.N., 2010. Macrocyprididae (Ostracoda) from the Southern Ocean: taxonomic revision, macroecological patterns, and biogeographical implications. Zoological Journal of the Linnean Society 159, 567–672. https://doi.org/10.1111/j.1096-3642.2009.00624.x.

Bueno, G.V., Zacharias, A.A., Oreiro, S.G., Cupertino, J.A., Falkenhein, F., Martins Neto, M.A., 2007. Bacia de Pelotas. Boletim de Geociências da Petrobras 15 (2), 551–559.

Carreño, A.L., Coimbra, J.C., Carmo, D.A., 1999. Late Cenozoic sea level changes evidenced by ostracodes in the Pelotas Basin, southernmost Brazil. Marine Micropaleontology 37, 117–129. https://doi.org/10.1016/S0377-8398(99)00014-6.

Carreño, A.L., Coimbra, J.C., Sanguinetti, Y.T., 1997. Biostratigraphy of Late Neogene and Quaternary ostracodes from Pelotas Basin. Southern Brazil. Gaia 15, 33–44.

Carvalho, M.G.P., 1980. Análise de foraminíferos dos testemunhos da Plataforma Continental Sul do Brasil. Anais da Academia Brasileira de Ciências 52 (2), 379–402.

Castillo, L.L.A., Kazmierczak, T.S., Chemale, 2009. Rio Grande Cone Tectono-stratigraphic model Brazil: Seismic Sequences. Earth Science Research Journal 13 (1), 40–53. https://doi.org/10.3997/2214-4609-pdb.330.105.

Ceolin, D., Fauth, G., Coimbra, J.C., 2011. Cretaceous–Lower Paleogene ostracods from the Pelotas Basin Brazil. Palaeobiodiversity and Palaeoenvironments 91 (2), 111–128. https://doi.org/10.1007/s12549-010-0041-1.

Coimbra, J.C., Carreño, A.L., Michelli, M.J., 1999. Taxonomy and zoogeography of the family Cytheruridae (Ostracoda) from the Brazilian equatorial continental shelf. Iheringia Série Zoologia 87, 117–142. https://doi.org/10.1590/1678-476620141044470477.

Coles, G., Whatley, R.C., Moguilevsky, A., 1994. The Ostracode genus *Krithe* from Tertiary and Quaternary of the North Atlantic. Palaeontology 37 (1), 71–120.

Cronin, T.M., 1983. Bathyal ostracodes from the Florida-Hatteras slope, the Straits os Florida, and the Blake Plateau. Marine Micropaleontology 8, 89–119. https://doi.org/10.1016/0377-8398(83)90007-5.

Cronin, T.M., 1996. Distribution of deep-sea Ostracoda in the Arctic Ocean. In: Stein, R., Ivanov, G.I., Levitan, M.A., Fahl, K. (Eds.), Surface-sediment composition and sedimentary processes in the central Arctic Ocean and along the Eurasian Continental Margin, Reports on Polar Research, Alfred Wegener Institute for Polar and Marine Research Bremerhaven, 212, , pp. 269–284.

Da Luz, N.C., Coimbra, J.C., 2015. The genus Xestoleberis (Ostracoda: Xestoleberididae) in the Northern Northeastern and Eastern regions of the Brazilian continental shelf. Zootaxa 3974 (2), 177–195. https://doi.org/10.11646/zootaxa.3974.2.3.

Didié, C., Bauch, H.A., 2000. Species composition and glacial-interglacial variations in the ostracode fauna of the northeast Atlantic during the past 200,000 years. Marine Micropaleontology 40, 105–129. https://doi.org/10.1016/S0377-8398(00)00034-7.

Didié, C., Bauch, H.A., 2001. Erratum to "Species composition and glacial-interglacial variations in the ostracode fauna of the northeast Atlantic during the past 200,000 years" [Marine Micropaleontology, 40, 105-129]. Marine Micropaleontology 41, 103–108.

Do Carmo, D.A., Sanguinetti, Y., 1995. *Krithe* occurrence on the Brazilian continental margin–an Ecological Approach. In: Riha, J. (Ed.): Ostracoda and Biostratigraphy. (Balkema). Rotterdam 407–412.

Do Carmo, D.A., Sanguinetti, Y., 1999. Taxonomy and palaeoceanographical significance of the genus Krithe (Ostracoda) in the Brazilian margin. Journal of Micropalaeontology 18, 11–123. https://doi.org/10.1144/jm.18.2.111.

Drozinski, N.G.S., Coimbra, J.C., Carreño, A.L., Bergue, C.T., 2003. Ostracoda cool water masses indicators from the Rio Grande do Sul stateBrazil: a first approach. Revista Brasileira de Paleontologia 5, 59–71.

Ericson, D.B., Wollin, G., 1968. Pleistocene Climates and Chronology in Deep-Sea Sediments. Science 162 (3859), 1227–1234. https://doi.org/10.1126/science.162.3859.1227.

Ertekin, I.K., Tunoglu, C., 2008. Pleistocene–Holocene marine ostracods from Mersin offshore sediments, Turkey Eastern Mediterranean. Revue de Micropaléontologie 51, 309–326. https://doi.org/10.1016/j.revmic.2007.05.001.

Fontana, R.L., 1990. Investigações geofísicas preliminares sobre o Cone do Rio Grande, Bacia de Pelotas Brasil. Acta Geológica Leopoldensia 13 (6), 161–170.

Gemery, L., Cronin, T.M., Briggs Jr., W.M., Brouwers, E.M., Schornikov, E.I., Stepanova, A., Wood, A.M., Yasuhara, M., 2017. An Arctic and Subarctic ostracode database: biogeographic and paleoceanographic applications. Hydrobiologia 786, 59–95.

Giongo, A., Haag, T., Lopes Simão, T.L., Medina-Silva, R., Utz, L.R.P., Bogo, M.R., Bonatto, S.L., Zamberlan, P.M., Augustin, A.H., Lourega, R.V., Rodrigues, L.F., Sbrissa, G.F., Kowsmann, R.O., Freire, A.F.M., Miller, D.J., Viana, A.R., Ketzer, J.M.M., Eizirik, E., 2016. Discovery of a chemosynthesis-based community in the Western South Atlantic Ocean. Deep-Sea Research Part I 112, 45–56.

Gomide, J., 1989. Bacia de Pelotas - Biocronoestratigrafia baseada em nanofósseis calcários. Congresso Brasileiro de Paleontologia, 11, Resumos expandidos 338–351.

Jellinek, T., Swanson, K.M., 2003. Report on the taxonomy, biogeography and phylogeny of mostly living benthic Ostracoda (Crustacea) from deep-sea samples (Intermediate Water depths) from the Challenger Plateau (Tasman Sea) and Campbell Plateau (Southern Ocean), New Zealand. Abhandlungen Senckenbergischen Naturforschung 558, 1–329.

Jöst, A.B., Yasuhara, M., Okahashi, H., Ostmann, A., Martínez Arbizu, P., Brix, S., 2017. Vertical distribution of living ostracods in deep-sea sediments North Atlantic Ocean. Deep Sea Research I 122, 113–121.

Joy, J.A., Clark, D.L., 1977. The Distribution Ecology and Systematics of the Benthic Ostracoda of the Central Arctic Ocean. Micropaleontology 23, 129–154.

Kempf, E.K., Nink, C., 1993. *Henryhowella asperrima* (Ostracoda) aus der Typusregion (Miozän: Badenian; Wiener Becken). Geologisches Institut der Universität zu Köln. Sonderveröffentlichungen 70, 95–114.

Koutsoukos, E.A.M., 1982. Geohistória e Paleoecologia das Bacias Marginais de Florianópolis e Santos.Brasileiro de Geologia. Congresso 32, Resumos expandidos 5, 2369–2382.

Liebau, A., 2005. A revised classification of the higher taxa of the Ostracoda (Crustacea). Hydrobiologia 538, 115–137. https://doi.org/10.1007/PL00021865.

Malz, H., Jellinek, T., 1984. Marine Plio-/Pleistozän-Ostracoden von SE-Lakonien (Peloponnes Griechenland). Senckenbergiana biologica 65, 113–167.

Manica, R.M., Bergue, C.T., Coimbra, J.C., 2015. The lower Miocene Cytherellids (Crustacea Ostracoda) from the Pelotas Basin and their significance for the South Atlantic Paleozoogeography. Revista Brasileira de Paleontologia 18 (2), 217–224. https://doi.org/10.4072/rbp.2015.2.03.

Manica, R.M., Coimbra, J.C., 2016. A new species of Trachyleberididae (Ostracoda Crustacea) from the Early Miocene of the Pelotas Basin, southernmost Brazil. Ameghiniana 53 (1), 52–57. https://doi.org/10.5710/AMGH.10.09.2015.2872.

Martins, L.R., 1983. Modelo Sedimentar no Cone de Rio Grande.. Tese de Doutoramento, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 222 p.

Martins, L.R., 1984. Modelo Sedimentar do Cone de Rio Grande. Pesquisas em Geociências 16 (16), 91–189. https://doi.org/10.22456/1807-9806.21715.

Martins, L.R., Urien, C.M., Butler, L.W., 1972. Províncias fisiográficas e sedimentos da margem continental atlântica. Congresso Brasileiro de Geologia, 26, Anais 105–114.

Miller, D.J., Ketzer, J.M., Viana, A.R., Kowsmann, R.O., DFreire, A.F., Oeiro, S.G., Augustin, A.H., Lourega, R.V., Rodrigues, L.F., Heemann, R., Preissler, A.G., Machado, C.X., Sbrissa, G.F., 2015. Natural gas hydrates in the Rio Grande Cone (Brazil): A new province in the western South Atlantic. Marine and Petroleum Geology 67, 187–196. https://doi.org/10.1016/j.marpetgeo.2015.05.012.

Petró, S.M., Costa, E.O., Pivel, M.A.G., Coimbra, J.C., 2018. Registro das Flutuações da Lisoclina e da CCD no Quaternário Tardio na Bacia de Pelotas. Anuário do Instituto de Geociências 41 (2), 710–719. https://doi.org/10.11137/2018_2_710_719.

Pirkenseer, C., Berger, J.P., 2011. Paleogene Ostracoda from the southern Upper Rhine Graben: Taxonomy, palaeoecology and palaeobiogeography. Palaeontographica Abteilung A 295, 1–152.

Ramos, M.I.F., Coimbra, J.C., Bergue, C.T., Whatley, R.C., 2012. Recent ostracods (Family Trachyleberididae) from the Southern Brazilian Continental Shelf. Ameghiniana 49 (1), 3–16. https://doi.org/10.5710/AMGH.v49i1(418).

Ramos, M.I.F., Coimbra, J.C., Whatley, R., 2009. The family Thaerocytheridae Hazel, 1967 (Ostracoda) from the Southern Brazilian Continental Shelf. Ameghiniana 46, 285–294.

Ramos, M.I.F., Coimbra, J.C., Whatley, R.C., 2014. The subfamily Cytheropterinae Hanai 1957 (Subphylum Crustacea, Class Ostracoda) from the Southern Brazilian Continental Shelf. Revue de Micropaleontologie 57, 141–154. https://doi.org/10.1016/j.revmic.2014.08.002.

Reuss, A.M., 1850. Die fossilen Entomostraceen des öesterreichischen Tertiärbeckens. Haidingers Naturwissenschaftliche Abhandlungen 3, 41–92.

Rodrigues, L.F., Ketzer, J.M., Lourega, R.V., Augustin, A.H., Sbrissa, G., Miller, D., Heemann, R., Viana, A., Freire, A.F.M., Morad, S., 2017. The influence of methane fluxes on the sulfate/methane interface in sediments from the Rio Grande Cone Gas Hydrate Province, southern Brazil. Brazilian Journal of Geology 47 (3), 369–381. https://doi.org/10.1590/2317-4889201720170027.

Rodrigues, M.A.C., Carvalho, M.G.P., 1980. Curvas paleoclimáticas com base em foraminíferos de testemunhos da Plataforma Sul-Brasileira. Anais da Academia Brasileira de Ciências 52 (3), 617–625.

Rodriguez-Lázaro, J., Cronin, T.M., 1999. Quaternary glacial and deglacial Ostracoda in the thermocline of the Little Bahama Bank (NW Atlantic): palaeoceanographic implications. Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology 152, 339–364. https://doi.org/10.1016/S0031-0182(99)00048-6.

Sanguinetti, Y.T., 1979. Miocene ostracodes of the Pelotas Basin, State of Rio Grande do Sul Brasil. Pesquisas 12, 119–187. https://doi.org/10.22456/1807-9806.21763.

Sanguinetti, Y.T., 1980. Bioestratigrafia (ostracodes) do Mioceno da Bacia de Pelotas Rio grande do Sul. Pesquisas 13, 7–34. https://doi.org/10.22456/1807-9806.21746.

Sanguinetti, Y.T., Ornellas, L.P., Coimbra, J.C., 1991. Post Miocene Ostracodes from Pelotas Basin Southern Brazil. Taxonomy–Part I. Pesquisas 8 (2), 138–155. https://doi.org/10.22456/1807-9806.21352.

Sanguinetti, Y.T., Ornellas, L.P., Coimbra, J.C., 1993. Ostracoda Substutional Name. Pesquisas 20 (1), 78. https://doi.org/10.22456/1807-9806.21284.

Sanguinetti, Y.T., Ornellas, L.P., Coimbra, J.C., Ramos, M.I.F., 1992. Post Miocene Ostracodes Form Pelotas Basin Southern Brazil. Taxonomy–Part II. Pesquisas 19 (2), 155–166.

Sars, G.O., 1923. An account of the Crustacea of Norway with short descriptions and figures of all species. - Crustacea of Norway: Polycopidae, Cytherellidae Cypridae, 9th ed. Bergen, pp. 1–277.

Sousa, A.J., Queiroz Neto, J.V., Ferreira, E.P., 2013. Evidências de transporte de sedimentos no Quaternário do talude inferior da Bacia de Campos com base em ostracodes alóctones. Boletim de Geociências da Petrobras 21, 85–102.

Uffenorde, H., 1981. Ostracoden aus dem Oberoligozän und Miozän des Unteren Elbe-Gebietes (Niedersachsen und Hamburg NW-deutsches Tertiärbecken). Palaeontographica Abteilung A 172, 103–198.

Van Harten, D., 1996. The case against *Krithe* as a tool to estimate the depth and oxygenation of ancient oceans. 297-304 in Moguilevski, A., Whatley, R.C. (eds) Microfossils and oceanic environments.. University of Wales, Aberystwyth Press, Aberystwyth.

Vicalvi, M.A., 1997. Zoneamento bioestratigráfico e paleoclimático dos sedimentos do Quaternário superior do talude da Bacia de Campos, RJ Brasil. Boletim de Geociências da Petrobras 11 (1/2), 132–165.

Vicalvi, M.A., 2011a. Posicionamento cronoestratigráfico das amostras dos testemunhos PC-54 e PC-56, localizados no Cone do Rio Grande, com base em foraminíferos planctônicos (Campanha MR-11). Petrobras Internal Report 9p.

Vicalvi, M.A., 2011b. Posicionamento cronoestratigráfico das amostras dos testemunhos PC-33, PC-34 PC-36 e PC-39, localizados no Cone do Rio Grande, com base em foraminíferos planctônicos (Campanha MR-11). Petrobras Internal Report 13p.

Vicalvi, M.A., 2011c. Posicionamento cronoestratigráfico das amostras do testemunho PC-67, localizado no Cone do Rio Grande, com base em foraminíferos planctônicos (Campanha MR-11). Petrobras Internal Report 14p.

Vicalvi, M.A., 2011d. Posicionamento cronoestratigráfico das amostras do testemunho PC-76, localizado no Cone do Rio Grande, com base em foraminíferos planctônicos (Campanha MR-11). Petrobras Internal Report 11p .

Whatley, R., Coles, G., 1987. The Late Miocene to Quaternary Ostracoda of Leg 94, deep sea drilling project. Revista Española de Micropaleontologia 19 (1), 33–97.

Whatley, R.C., Moguilevsky, A., Toy, N., Chadwick, J., Ramos, M.I.F., 1997. Ostracoda from the south west AtlanticPart II. The littoral fauna from between Tierra del Fuego and the Rio de La Plata. Revista Española de Micropaleontologia 29, 5–83.

Whatley, R., Eynon, M., Moguilevisky, A., 1998a. The depth distribution of Ostracoda from the Greenland Sea. Journal of Micropalaeontology 17, 15–32. https://doi.org/10.1144/jm.17.1.15.

Whatley, R.C., Moguilevsky, A., Chadwick, J., Toy, N., Ramos, M.I.F., 1998b. Ostracoda from the south west Atlantic. Part III. The ArgentinianUruguayan and Southern Brazilian continental shelf. Revista Española de Micropaleontologia 30 (2), 89–116.

Yasuhara, M., Cronin, T.M., Hunt, G., Hodell, D.A., 2009a. Deep-sea ostracods from the South Atlantic sector of the Southern Ocean during the last 370,000 years. Journal of Paleontology 83 (6), 914–930. https://doi.org/10.1666/08-149.1.

Yasuhara, M., Okahashi, H., Cronin, T.M., 2009b. Taxonomy of Quaternary Deep-Sea Ostracods From the Western North Atlantic Ocean. Palaeontology 52 (4), 879–931. https://doi.org/10.1111/j.1475-4983.2009.00888.x.

Yasuhara, M., Cronin, T.M., Stepanova, A., Brouwers, E.M., 2014a. Taxonomic revision of deep-sea Ostracoda from the Arctic Ocean. Micropaleontology 60 (5), 399–444.

Yasuhara, M., Grimm, M., Brandão, S.N., Jöst, A., Okahashi, H., Iwatani, H., Ostman, A., Martínez Arbizu, P., 2014b. Deep sea benthic ostracodes from multiple core and epibenthic sledge samples in Icelandic waters. Polish Polar Research 35 (2), 341–360. https://doi.org/10.2478/popore-2014-0001.

Yasuhara, M., Hunt, G., Okahashi, H., Brandão, S.N., 2015. Taxonomy of Deep-sea Trachyleberidid Thaerocytherid, and Hemicytherid Genera (Ostracoda). Smithsonian Contributions to Paleobiology 96, 216 pp. https://doi.org/10.5479/si.1943-6688.96.

Yasuhara, M., Hunt, G., Okahashi, H., 2019. Quaternary deep-sea ostracods from the north-western Pacific Ocean: global biogeography and Drake-Passage, Tethyan, Central American and Arctic pathways. Journal of Systematic Palaeontology 17 (2), 91–110. https://doi.org/10.1080/14772019.2017.1393019.

Yasuhara, M., Okahashi, H., 2014. Quaternary deep-sea ostracode taxonomy of Ocean Drilling Program Site 980, eastern North Atlantic Ocean. Journal of Paleontology 88 (4), 770–785. https://doi.org/10.1666/13-125.

Yasuhara, M., Okahashi, H., 2015. Late Quaternary deep-sea ostracod taxonomy of the eastern North Atlantic Ocean. Journal of Micropalaeontology 34, 21–49. https://doi.org/10.1144/jmpaleo2013-022.